

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Thiago Eduardo Freitas Bicalho

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO AGENCIAMENTO DE VIAGENS:
formação, carreiras e atuação profissional

Belo Horizonte

2022

Thiago Eduardo Freitas Bicalho

**DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO AGENCIAMENTO DE VIAGENS:
formação, carreiras e atuação profissional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica.

Linha III: Processos Formativos em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Quirino

Belo Horizonte

2022

Bicalho, Thiago Eduardo Freitas

B583d Divisão sexual do trabalho no agenciamento de viagens:
formação, carreiras e atuação profissional. / Thiago Eduardo Freitas
Bicalho. – Belo Horizonte, 2022.
126 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em
Educação Tecnológica, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Raquel Quirino

1. Divisão do trabalho por sexo. 2. Turismo. 3. Orientação
profissional. I. Quirino, Raquel. II. Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais. III. Título

CDD 306.3615



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA - PPGET
Portaria MEC n.º. 1.077, de 31/08/2012, republicada no DOU em 13/09/2012

Thiago Eduardo Freitas Bicalho

**“DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO AGENCIAMENTO DE
VIAGENS: formação, carreiras e atuação profissional”**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 13 de dezembro de 2022, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Tecnológica, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação constituída pelas professoras:

Prof.ª Dr.ª Raquel Quirino – Orientadora
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Kerley dos Santos Alves
Universidade Federal de Ouro Preto

Prof.ª Dr.ª Angela Teberga de Paula
Universidade de Brasília

As mulheres que inspiram a minha vida:
mãe, irmã e esposa.

AGRADECIMENTO

Agradeço a ti meu Deus por me conceder sabedoria e discernimento, por me permitir conhecer pessoas maravilhosas que fazem a diferença na minha vida e por me permitir ser grato a todas e todos.

Tenho a honra em agradecer a minha família que sofre as minhas dores e celebra as minhas alegrias como demonstrado pelo meu pai - ao qual sou infinitamente grato pelo cuidado que teve comigo em todos os anos, minha mãe que no seu jeito de ser me motiva a ser uma pessoa melhor a cada dia e a minha irmã que transforma sempre meus dias em momentos de alegria. Sou grato a minha esposa que de forma carinhosa conquistou coração e aceitou constituir comigo um caminho de alegrias e felicidades partilhadas, assim como, toda a minha família sanguínea e ampliada ao qual tenho orgulho de ter ao meu lado.

Ao pensar em toda a minha trajetória educacional tenho que ser grato a todos aqueles que me acompanharam nas disciplinas isoladas, refletindo inicialmente nos corredores da instituição caminhos de pesquisa e acolhimento nas horas difíceis. Não posso deixar de agradecer as inúmeras pessoas que me auxiliaram, de uma forma ou de outra, nas construções iniciais de minha pesquisa.

Não poderia ter escolhido uma casa melhor para realizar o meu mestrado já que o CEFET/MG foi um espaço de diálogo, trocas e encontros. Tais encontros foram demarcados muitas vezes nos ambientes propostos pelo Programa de Pós Graduação em Educação Tecnológica na pessoa dos coordenadores que estiveram à frente no período dos meus estudos, dos professores/as que regaram a cada aula a árvore do conhecimento que crescia em mim. Sou grato aos grupos de pesquisa e as atividades organizadas que participei e que fortaleceram minha formação, por fim, agradeço aos membros do colegiado e da Associação de Pós-graduandos que partilharam comigo as riquezas de ser representante discente.

A de se destacar as orientandas contemporâneas da minha trajetória que não mediram esforços para contribuir nas reflexões e a formar nossa enorme família. Para além das orientandas tenho gratidão pelas várias amigas que constitui nas aventuras da produção acadêmica e na trajetória do mestrado que levarei para toda a vida.

Vários amigos e amigas partilharam momentos riquíssimos no FORQUAP, grupo de pesquisa pelo qual organizamos ações lindas e realizamos pesquisas impactantes,

como também as oportunidades que tive de contribuir e participar da I Jornada das Mulheres do CEFET/MG, do SITRE e do SIEPEX.

A minha trajetória foi extremamente enriquecida pelo Departamento de Educação do CEFET/MG pelo qual sou grato por despertar em mim a necessidade de um olhar cuidadoso para a formação de professores através da oportunidade de ministrar aulas para o Programa Especial de Formação Docente.

Para além do CEFET/MG sou grato a pesquisadores/as, amigos/as e colegas que se aventuraram junto a mim no universo acadêmico e, de forma especial, aos membros do Labor Movens que tanto contribuíram para que meus dias tivessem um sentido diferente na pandemia.

Na reta final do mestrado sou grato pelo apoio e a força de pessoas que se tornaram especiais sempre pelo olhar cuidadoso para a educação nas formações, palestras e no trabalho constante de utilização de tecnologias educacionais em Alagoas.

Quantas pessoas eu teria para mensurar aqui no âmbito do turismo que muito me inspirou nesta trajetória profissional e acadêmica como as mulheres guerreiras que presidiram a AGTURB/MG e SINGTUR/MG, os membros que se uniram na FENAGTUR para fazer a diferença e aos membros dos conselhos e comissões que foram peça chave para a constituição do meu conhecimento.

O turismo foi um lugar que transformou meus passageiros em amigos, meus colegas de trabalho em irmãos e trabalhadores em pessoas que fizeram uma verdadeira transformação em minha vida. Sou grato a todos e todas que fazem parte desta jornada no turismo, no agenciamento e no guiamento.

Agradeço a uma pessoa que me ensinou o poder da gratidão, apostou em mim e me ensinou muito com sua experiência incrível, a ti sou muito grato Raquel Quirino. Por fim, não posso esquecer de três pessoas incríveis das quais fui me encantando a cada dia, Kerley Alves e Angela Paula – que contribuíram com minha defesa e a Roberta Abalem na qual tenho como convidada de honra.

Dizem que a mulher é o sexo frágil
Mas que mentira absurda!
Eu que faço parte da rotina de uma delas
Sei que a força está com elas

(ErasmO Carlos)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender a dinâmica da Divisão Sexual do Trabalho no setor de turismo a partir das carreiras de sujeitos homens e mulheres atuantes no agenciamento de viagem, problematizando as vivências, as desigualdades e as relações de trabalho e os enfrentamentos. Optou-se por uma abordagem qualitativa nesta pesquisa científica categorizada de forma exploratória e crítica como tipo de pesquisa. Dividida em dois momentos, adota-se na primeiramente a realização da revisão da literatura sobre as temáticas analisadas, a pesquisa documental para se aproximar do lócus de pesquisa e a pesquisa teórica que foi triangulada para avançar as análises da educação tecnológica como campo do saber e, na sequência, adota-se a realização da pesquisa empírica sob uma perspectiva etnossociológica. Para coleta de dados, foi utilizado na primeira etapa um questionário online e, na segunda etapa, uma entrevista semiestruturada. Apresenta-se nos resultados da primeira seção uma revisão da literatura com as teorias da Divisão Sexual do Trabalho de base materialista, de gênese francófona, associada às teorias de carreira, as discussões da educação tecnológica e do mundo do trabalho no turismo. Finalizando a primeira seção é realizada a delimitação do agenciamento de viagem como lócus de pesquisa, os sujeitos de pesquisa são definidos no âmbito operacional pelos guias de turismo, no âmbito administrativo pelos agentes de viagens e no âmbito gerencial pelos gestores de empresas de agenciamento de viagens, assim como, as categorias de análise das carreiras. Na segunda seção, a análise é realizada de forma comparativa entre homens e mulheres sendo os apontamentos agrupados em categorias, a saber: formação desigual dos/as trabalhadores/as no agenciamento de viagem; formação em diálogo com o trabalho no agenciamento de viagens: uma formação integral dos sujeitos?; perspectivas de formação futura: construção de um projeto de carreira; materialização das relações de trabalho: da escolha à permanência no turismo; materialização do exercício profissional: vivências, experiências e rotinas de trabalho no turismo; dinâmica da divisão sexual do trabalho: o que precisa mudar? Constatou-se que ao evidenciar os processos formativos em educação tecnológica dentro de uma mesma área de atuação conseguimos perceber as desigualdades entre os sexos, quanto as relações de trabalho foi percebido que na escolha e inserção profissional existe uma desigualdade perante o tipo de formação e o sexo, no exercício profissional constatou-se que no dia a dia das mulheres trabalhadoras possui desafios superiores aos dos homens e na vida cotidiana as mulheres apresentam uma responsabilidade quantitativamente maior com relação ao cuidado da casa, dos filhos e dos familiares que impacta as suas carreiras.

Palavras-chave: Educação tecnológica; Turismo; Divisão sexual do trabalho; Carreira; Profissionais de turismo e hospitalidade.

ABSTRACT

This research aims to understand the dynamics of the Sexual Division of Labor in the tourism sector based on the careers of men and women working in travel agency, questioning experiences, inequalities and resistance and coping strategies. We opted for a qualitative approach in this scientific research categorized in an exploratory and critical way as a type of research. Divided into two moments, the first step is to carry out a literature review on the analyzed themes, documentary research to approach the research locus and theoretical research that was triangulated to advance the analysis of technological education as a field of knowledge and, then, the empirical research is carried out from an ethnosociological perspective. For data collection, an online questionnaire was used in the first stage and, in the second stage, a semi-structured interview. The results of the first section present a literature review with theories of the Sexual Division of Labor based on materialism, of French-speaking origin, associated with career theories, discussions of technological education and the world of work in tourism. Concluding the first section, the delimitation of travel agency as a research locus is carried out, the research subjects are defined at the operational level by tour guides, at the administrative level by travel agents and at the managerial level by managers of travel agency companies, as well as the career analysis categories. In the second section, the analysis is carried out in a comparative way between men and women, with the notes grouped into categories, namely: unequal training of workers in travel agency; formation in dialogue with work in travel agency: an integral formation of the subjects?; prospects for future training: construction of a career project; materialization of work relationships: from choosing to staying in tourism; materialization of professional practice: experiences, experiences and work routines in tourism; dynamics of the sexual division of labor: what needs to change? It appears that by highlighting the formative processes in technological education within the same area of activity, we were able to perceive inequalities between the sexes, as far as work relations were concerned, it was perceived that in the choice and professional insertion there is an inequality before the type of formation and the gender, in the professional practice it was found that the daily life of working women has greater challenges than men and in everyday life women have a quantitatively greater responsibility in relation to the care of the house, children and family members that impacts their careers.

Keywords: Technological education; Tourism; Sexual division of labor; Career; Tourism and hospitality professionals.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo comprender la dinámica de la División Sexual del Trabajo en el sector turístico a partir de las carreras de hombres y mujeres que trabajan en agencia de viajes, cuestionando experiencias, desigualdades y estrategias de resistencia y afrontamiento. Se optó por un enfoque cualitativo en esta investigación científica categorizada de forma exploratoria y crítica como un tipo de investigación. Dividido en dos momentos, el primer paso fue realizar una revisión bibliográfica sobre los temas analizados, una investigación documental para abordar el locus de la investigación y una investigación teórica que se trianguló para avanzar en el análisis de la educación tecnológica como campo del saber y, luego, se adopta la realización de la investigación empírica desde una perspectiva etnosociológica. Para la recolección de datos, se utilizó un cuestionario en línea en la primera etapa y, en la segunda etapa, una entrevista semiestructurada. Los resultados de la primera sección presentan una revisión bibliográfica con teorías de la División Sexual del Trabajo de base materialista, de origen francófono, asociadas a teorías de carrera, discusiones sobre educación tecnológica y el mundo del trabajo en el turismo. Concluyendo el primer apartado, se realiza la delimitación de la agencia de viajes como locus de investigación, se definen los sujetos de investigación a nivel operativo por los guías turísticos, a nivel administrativo por los agentes de viajes y a nivel gerencial por los gerentes de las empresas de agencias de viajes, así como las categorías de análisis de carrera. En el segundo apartado, se realiza el análisis de forma comparativa entre hombres y mujeres, agrupando las notas en categorías, a saber: formación desigual de los trabajadores en agencia de viajes; formación en diálogo con el trabajo en agencia de viajes: ¿una formación integral de los sujetos?; perspectivas de formación futura: construcción de un proyecto de carrera; materialización de las relaciones laborales: de la elección a la permanencia en el turismo; materialización de la práctica profesional: vivencias, experiencias y rutinas de trabajo en turismo; dinámica de la división sexual del trabajo: ¿qué debe cambiar? Se encuentra que al resaltar los procesos formativos en educación tecnológica dentro de una misma área de actuación se perciben desigualdades entre los sexos, en cuanto a las relaciones laborales se percibe que en la elección e inserción profesional existe una desigualdad frente al tipo de formación y género, en la práctica profesional se encontró que las mujeres trabajadoras tienen mayores desafíos en su vida cotidiana que los hombres y en la vida cotidiana, las mujeres tienen una responsabilidad cuantitativamente mayor en el cuidado del hogar, hijos y miembros de la familia, lo que repercute en sus carreras.

Palabras clave: Educación tecnológica; Turismo; División sexual del trabajo; Carrera profesional; Profesionales del turismo y la hostelería.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Triangulação de concepções teóricas aplicada a análise.....	56
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produções científicas encontradas, conforme descritores.....	30
Quadro 2 – Quantidade de produções científicas com dois ou mais descritores associados.....	31
Quadro 3 – Diferença entre sexo e gênero na perspectiva binária.....	43
Quadro 4 – Principais definições de Carreira por autor e campo do saber.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I - Produção/defesa de teses e dissertações por ano.....	34
Gráfico II – Número de ocupações formais/informais no núcleo das ACTs.....	60
Gráfico III – Perfil dos sujeitos de pesquisa conforme atuação no agenciamento de viagem.....	73
Gráfico IV – Número dos sujeitos de pesquisa que possuem formação técnica.....	75
Gráfico V – Cursos técnicos realizados pelos sujeitos de pesquisa.....	76
Gráfico VI – Número dos sujeitos de pesquisa que possuem formação tecnológica.....	77
Gráfico VII – Cursos tecnólogos realizados pelos sujeitos de pesquisa.....	77
Gráfico VIII – Número dos sujeitos de pesquisa que possuem formação superior.....	78
Gráfico IX – Cursos superiores realizados pelos sujeitos de pesquisa do sexo feminino.....	79
Gráfico X – Cursos superiores realizados pelos sujeitos de pesquisa do sexo masculino.....	80
Gráfico XI – Contribuição da formação acadêmica para a atuação profissional conforme o sexo.....	83
Gráfico XII – Número dos sujeitos de pesquisa que já realizaram formações indicados pela empresa que trabalha.....	83
Gráfico XIII – Número dos sujeitos de pesquisa que já realizaram formações para realizar uma tarefa específica no trabalho.....	84
Gráfico XIV – Número dos sujeitos de pesquisa que pretendem realizar uma formação nos próximos anos.....	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Problema de pesquisa	16
Objeto e sujeitos de pesquisa	21
Questão de Pesquisa	21
Objetivos	21
Metodologia e procedimentos metodológicos	22
SEÇÃO I – APROXIMAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS	28
CAPÍTULO 1 – CENÁRIO DE PESQUISAS NA PÓS-GRADUAÇÃO	28
1.1 Abordagens da divisão sexual do trabalho nas pesquisas científicas brasileiras	32
CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E CARREIRA: Triangulando teorias para compreender o turismo	33
2.1 Educação Profissional e Tecnológica: aspectos teóricos.....	34
2.2 Trabalho: mundo do trabalho, sujeitos e a divisão entre os sexos.....	38
2.3 Carreira: concepções e o resgate conceitual do termo	47
2.4 Triangulando teorias para compreender o turismo.....	52
CAPÍTULO 3 - COMPLEXIDADE DO SETOR DE TURISMO: Aproximação do lócus de pesquisa	56
3.1 Organização do turismo nos territórios	56
3.2 Agenciamento de Viagem: lócus de pesquisa	58
3.3 Da gestão ao operacional: sujeitos da pesquisa	62
3.4 Identificando os processos formativos e a divisão sexual do trabalho nas carreiras: categorias de análise	66
SEÇÃO II – DINÂMICA DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO SETOR DE TURISMO	71
CAPÍTULO 4 - PROCESSOS FORMATIVOS NO AGENCIAMENTO DE VIAGENS	71
4.1 Formação desigual dos/as trabalhadores/as no agenciamento de viagem.....	73
4.2 Formação em diálogo com o trabalho no agenciamento de viagens: uma formação integral do sujeito?.....	81
4.3 Perspectivas de formação futura: construção do projeto de carreira	84
CAPÍTULO 5 - CARREIRAS NO AGENCIAMENTO DE VIAGENS: Aproximação do objeto ao seu contexto.....	89
5.1 Materialização das relações de trabalho: da escolha à motivação de permanência no turismo	90
5.2 Materialização do exercício profissional: vivências, experiências e rotinas de trabalho no turismo	95
5.3 Dinâmica da divisão sexual no setor de turismo: o que precisa mudar?.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS.....	114
APÊNDICE A – Fluxograma do caminho metodológico	123
APÊNDICE B – Relação de Teses e Dissertações com dois ou mais descritores associados	124
APÊNDICE C – Cursos de educação profissional e tecnológica no eixo turismo, hospitalidade e lazer	125
APÊNDICE D – Informações pertinentes a dissertação	126

INTRODUÇÃO

A presente dissertação é fruto de um esforço empregado durante o vínculo no Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica - PPGET do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG, iniciado em março de 2020 e finalizado em dezembro de 2022. Como um recorte da educação tecnológica, a pesquisa se insere na linha denominada processos formativos em educação profissional e tecnológica, visto que a formação e a qualificação profissional configuram-se como elementos marcantes no entendimento da profissão e das relações estabelecidas no mundo do trabalho do turismo. A relação entre o turismo, o trabalho e a sua divisão entre os sexos é manifestada na trajetória de vida no trabalho dos sujeitos e sua relação com a educação profissional e tecnológica foram objeto de análise de várias pesquisas (LIMA, 2007; BARRETO, 2010; SOARES, 2012; CARVALHO, 2013; MEIRA, 2013; NICOLAU, 2015; CORREA, 2018; JOHANN, 2018; SANTOS, 2018; SILVA, 2021).

Ao considerar o papel da educação tecnológica na formação ampla dos/as trabalhadores/as, compreender as trajetórias laborais de homens e mulheres em suas carreiras evoca a perceber os recursos educacionais formais e informais acessados ao longo do exercício profissional para consolidar os conhecimentos, competências e habilidades no trabalho. Entende-se que, para além de um eixo de investigação, os processos formativos em educação profissional e tecnológica perpassam as/os trabalhadoras/es em suas carreiras, sendo desejo desta investigação contribuir para apontar contextos e indicativos formativos no eixo tecnológico de turismo, hospitalidade e lazer.

A autora Maria Cecília Minayo (2002) afirma que o pesquisador começa sua pesquisa com algumas perguntas, algumas ideias mais ou menos pré-concebidas (hipóteses) e analisa os pontos de vista de outros estudiosos sobre o tema (a teoria) para conseguir um caminho de aproximar do assunto. Neste estudo não foi diferente, uma vez que, na condição de trabalhador, já trazia comigo alguns questionamentos quanto às diferentes trajetórias educacionais que encontrei nos outros/as trabalhadores/as e as desigualdades de tratamento entre os homens e mulheres no setor de agenciamento de viagem, um dos segmentos que compõe o turismo. Com o estudo das teorias e as análises dos dados estatísticos, ampliaram-se ainda mais as dúvidas e o desejo de aproximar melhor desta realidade para compreendê-la e para contribuir com a sua transformação.

A investigação ocorre no setor de turismo pela sua "importância econômica na geração de emprego e renda e na capacidade de induzir o desenvolvimento" (OLIVEIRA, F. 2010, p. 178) como também pela relação pessoal, pois sou formado em nível superior em turismo, com formação técnica em guia de turismo e vivenciei o mundo do trabalho do turismo em diversos segmentos, gerando com isso um conhecimento prévio e interesse que favorece o desenvolvimento da pesquisa e possibilita o olhar para as relações de forma crítica e qualificada para melhor compreender as relações sociais no trabalho no turismo. O olhar integral para a pesquisa evocou algumas questões secundárias que foram respondidas no decorrer da investigação científica.

A primeira questão aborda a ampliação da teorização no campo da educação tecnológica por meio da triangulação com a antropologia do trabalho e os estudos sobre carreiras, tendo o trabalho como centralidade para compreender as relações sociais de sexo.

A segunda questão evoca a importância dos/as trabalhadores/as compreenderem os processos formativos percorridos ao longo da vida, seja para o ingresso ou a recolocação no mundo do trabalho, já que, segundo o Observatório do Turismo de Minas Gerais (2019, p. 5), "quanto maior o nível de instrução do/a trabalhador/a, maior será o salário recebido".

A terceira questão problematiza as desigualdades de homens e mulheres nas carreiras, uma vez que, como apontado por Mooney (2016), o status de igualdade entre homens e mulheres não existe em nenhum lugar do mundo. Mesmo com os progressos para diminuir essa desigualdade, há diferenças entre ser profissional homem e ser profissional mulher (BONELLI, 2010). Este estudo é importante, pois o setor de turismo carece de estudos que demonstrem "as relações profissionais em áreas vinculadas ao turismo e à vulnerabilidade destas às tradições sexistas" (SILVEIRA; MEDAGLIA, 2016, p. 111). A análise comparativa realizada ao longo do estudo demonstrou em que medida as desigualdades nas carreiras de homens e mulheres são evidenciadas pela formação, pelas relações de e no trabalho e pela vida cotidiana.

A quarta questão busca responder por que, mesmo sendo a maioria das trabalhadoras, as mulheres recebem remuneração menor do que os homens e sofre com a precarização do trabalho na contemporaneidade e, em muitos casos, com a conciliação do trabalho doméstico/familiar. Compreender as desigualdades evidenciadas pela formação, pelas relações de (e no) trabalho e pela vida cotidiana auxiliou a responder quais são as

relações de trabalho e os enfrentamentos que foram desenvolvidas frente a desigualdade de gênero e a precarização do trabalho no setor de turismo.

Espera-se que, ao fim da leitura desta investigação, seja possível compreender como se dá a Divisão Sexual do Trabalho na prática social dos/as trabalhadores/as no setor de turismo, como é vivenciada em suas carreiras e em suas atividades laborais, e quais são as relações de trabalho e os enfrentamentos desenvolvidos frente aos preconceitos, sexismo e precarização do trabalho no setor.

Para aprimorar a compreensão destas realidades, apresenta-se o problema de pesquisa¹ em suas múltiplas dimensões.

Problema de pesquisa

O turismo enquanto atividade econômica, assume proporções significativas em meio à globalização, constituindo-se como um movimento em que “nosso trabalho, os produtos e serviços que compramos e nossas políticas e agendas econômicas nacionais são influenciadas pelas atividades econômicas que ocorrem ao redor do mundo” (MOONEY, 2016, p. 220).

Com a abertura dos mercados brasileiros na década de 1990, ocorreu um crescimento acelerado do turismo no Brasil, influenciado também pelas transformações na infraestrutura de comunicação, informação, e no desenvolvimento e popularização dos transportes (OLIVEIRA, F. 2010), o que ocasionou mudanças no fluxo de pessoas entre os territórios, favorecendo o deslocamento. A realização de viagens fomentou as trocas econômicas nas cidades turísticas (aqui denominada de destinos turísticos), e os meios acadêmicos, políticos e midiáticos prontamente apresentaram a importância econômica do setor na geração de emprego e renda (OLIVEIRA, F. 2010). Desta maneira, os destinos acompanharam o crescimento do setor de turismo e, no Brasil, “a atividade turística se desenvolve como uma das principais empregadoras do setor de serviços” (ALVES, K. 2018, p. 17).

Paralelamente ao crescimento do setor, percebe-se que o cenário de empregabilidade e geração de renda no turismo é afetado diretamente pelos acontecimentos mundiais e locais quando impactam a realização do turismo como

¹ A problemática inicial da pesquisa foi publicada na Revista Relações Sociais - REVES sob o título “Carreira profissional de homens e mulheres no setor de turismo: intersecção de profissão, carreira e divisão sexual do trabalho” em sua versão 03, número 04 do ano de 2020.

fenômeno. Um exemplo que podemos analisar é que, durante a realização desta pesquisa, o contexto mundial passou por inúmeras transformações, como a Organização Mundial de Saúde – OMS decretando a Pandemia de Covid-19 em 2020, a corrida pela vacinação em todo o mundo, a realização de uma olimpíadas de verão com público restrito em 2021, diversos episódios de violência e o início de uma guerra na Ásia, em 2022, entre a Ucrânia e a Rússia².

As limitações de deslocamento impostas pela pandemia de Covid-19 provocaram um efeito direto no turismo, constatado por Cañada e Murray (2021), que afirmam que houve uma queda generalizada de empregos em vários segmentos da atividade turística, tendo como motivo principal o isolamento e, conseqüentemente, o impedimento das pessoas se deslocar no território. O impacto pode ser mensurado porque o turismo representou 10,4% do PIB mundial e 7,7% do PIB brasileiro em 2019 e, com a pandemia durante 2020, houve uma queda de 32,6% , ocasionando no país uma queda de 61,6 milhões de empregos (BRASIL, 2021a; WTTC, 2021). Abellan, Izcarra e Salvador (2021) apontam ainda que a pandemia apresentou um grande volume de contratações temporárias e de trabalhadores autônomos no setor de turismo, dificultando a possibilidade de superar o choque econômico e tornando mais evidente a vulnerabilidade e as desigualdades de gênero.

A queda no setor de turismo desvelou a fragilidade de vínculos empregatícios no turismo (CAÑADA; MURRAY, 2021) e a importância da venda da força de trabalho de homens e mulheres atuantes neste setor para sua manutenção. Ao analisar o trabalho pela perspectiva do trabalhador³, verifica-se que é o trabalho produtivo – aquele que proporciona ganhos financeiros - associado ao trabalho reprodutivo, - que garante a manutenção da vida e que gera “valor de uso e não [...] valor de troca” (ANTUNES, 2009, p. 102), o que possibilita o lucro dos empresários.

De forma geral, o setor de turismo organiza-se em torno da garantia da qualidade dos destinos, dos produtos e dos serviços (CATRAMBY; COSTA, 2004; ALVES, K. 2018) tendo em vista que estes fatores relacionam-se diretamente ao valor atribuído ao

² Percebe-se neste contexto que o ato de viver e de pesquisar é sinônimo de resistência e o fazer ciência torna-se mais importante para transformar as realidades sociais

³ Ao longo da pesquisa será discutida a ideia de trabalhador/a para além do operário/trabalhador/a assalariado/a, buscando assim, apresentar contextos e formas de organização do trabalho na contemporaneidade como: novo proletariado de serviços, trabalhador/a autônomo, terceirizado, trabalho intermitente, trabalho digital e outros (ANTUNES, 2018; ANTUNES, 2020).

local. Em uma viagem, por exemplo, o que determina o preço de um pacote de viagens é a quantidade de serviços que o turista deseja incluir, em qual idioma ele quer ser atendido, qual o modal de transporte que ele deseja e se opta por um hotel de três ou cinco estrelas.

O turista percebe a viagem como um momento/atividade de lazer, e isso gera a falsa impressão que os trabalhadores do setor de turismo também estão em ócio constante. Para o/a trabalhador/a, a viagem demanda cuidado na execução para uma boa qualidade nos serviços e uma ação assertiva para conseguir ampliar o leque de trabalho e ter sua ocupação/profissão valorizada (IPEA, 2015). Muitas vezes, no “tempo livre”, esses profissionais são comprometidos, já que são instigados a qualificar-se melhor e preparar-se mais para o trabalho (ANTUNES, 2009).

O setor de turismo valoriza a qualificação profissional devido à sua importância na melhoria da prestação de serviços. Uma investigação realizada pela Fundação Getúlio Vargas, sob a coordenação de Neri (2010), apontou que, nas ocupações ligadas ao turismo, 53,49% dos profissionais tem algum curso profissionalizante e, ao comparar este dado com outros setores da economia apresentados no estudo, constata-se que no turismo encontra-se uma das maiores proporções de indivíduos com curso de qualificação. Em contraponto, a mesma pesquisa insere o turismo na 7ª colocação entre os setores que têm trabalhadores/as com o ensino médio técnico e, nas graduações tecnológicas, o turismo configura-se nas últimas colocações (NERI, 2010). A presente afirmação corrobora para a desmistificação do imaginário construído pelo segmento empresarial de que existe uma baixa qualificação no setor de turismo.

Catramby e Costa (2004, p. 30) apresentam uma pesquisa do então Instituto de Hospitalidade – IH, na qual aponta que as empresas são compostas majoritariamente por trabalhadores/as no nível operacional e somente 15% atuam em cargos administrativos, de supervisão ou de gerência. Isso levou as autoras a afirmar que “o setor de turismo possui uma necessidade maior para a área operacional, não sendo este o perfil profissional de formação superior e sim de cursos técnicos e profissionalizantes”.

Isto posto, urge problematizar os processos formativos que ocorrem no setor de turismo na contemporaneidade e, para analisá-los nesse setor, é preciso uma busca a interlocução e inter-relação entre a Educação Profissional e Tecnológica - EPT e o turismo nas produções científicas recentes.

A formação e qualificação no turismo são complexas, uma vez que o turismo relaciona-se com um campo mais amplo que “envolve hospedagem, gastronomia, lazer, entretenimento, meio ambiente, mídia, cultura em geral” (TRIGO; CARVALHO, 2005, p. 5). A oferta de cursos no eixo tecnológico Turismo, Hospitalidade e Lazer reúne uma gama de procedimentos e técnicas relacionadas à interação, viagens, eventos, entretenimento, gastronomia e outros serviços (BRASIL, 2016; BRASIL, 2021b), e todos os cursos são associados com as ocupações presentes na Classificação Brasileira de Ocupações - CBO.

Ao analisar a composição dos cursos, é possível perceber que a maioria dos/as matriculados/as e egressos/as em cursos do eixo tecnológico turismo, hospitalidade e lazer é do sexo feminino (KANGERSKI; COSTA; AMORIM, 2012; LOPES; QUIRINO, 2017a; LOPES; QUIRINO, 2017b; MARQUES; DARN; IMAMURA, 2018; MATIAS, 2002; SCHMITZ; ANTUNES; FERNANDES, 2015). Além disso, as estatísticas de gênero do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2021) evidenciam que, em média, as mulheres apresentam maior escolaridade do que os homens em todos os níveis de ensino.

Já no âmbito do mercado de trabalho, não existe uma única classificação e delimitação das ocupações e profissões ligadas ao setor de turismo. O conjunto de atividades que contempla a maior parte dos gastos dos turistas é agrupado sob a terminologia Atividades Características do Turismo -ACT. O Sistema de Informações sobre o Mercado de Trabalho no Setor Turismo – SIMT considera oito grupos de ACT: Alojamento; Agências de Viagem; Transporte Terrestre; Transporte Aéreo; Transporte Aquaviário; Aluguel de Transportes; Alimentação e Cultura e Lazer. Dentre os oito grupos de ACT, as atividades de alojamento, agências de viagens e transporte aéreo compõem o chamado Núcleo das ACTs ou Núcleo do turismo (IPEA, 2015).

As pesquisas sobre o trabalho no setor de turismo em âmbito nacional (IPEA, 2015) não podem ser comparadas diretamente com as realizadas em âmbito estadual (OTMG, 2019) devido a diferenças metodológicas. Todavia, os resultados de ambas as pesquisas apontam que, em relação ao nível educacional, os trabalhadores com ensino médio completo representam a maior parcela de empregados/as no setor e, no geral, evidenciam que “quanto maior o nível de instrução do/a trabalhador/a, maior será o salário recebido” (OTMG, 2019, p. 5).

A relação dialética existente entre a prática social (trabalho, educação formal, dentre outros fatores objetivos) e o projeto de vida de pessoal (sonhos, objetivos, articulação subjetiva entre o individual e o social) será abordada nesta pesquisa como “carreira”, baseada no conceito de carreira psicossocial proposto por Ribeiro (2009, p. 214), que é concretizada pelas “trajetórias de vida (deslocamentos espaço-temporais) tanto das pessoas, quanto das organizações do trabalho, vistos como fenômenos psicossociais legitimados e compartilhados”. Dentre as várias formas de compreender as carreiras na atualidade, todas buscam, de alguma forma, sistematizar e organizar as experiências dos indivíduos com o mundo do trabalho, pela possibilidade de posicionamentos e de construção de projetos de vida, trajetórias e identidades (RIBEIRO, 2013). É, portanto, por meio das carreiras que se torna possível conhecer as trajetórias de vida no trabalho e suas relações psicossociais. Porém, ao se analisar carreiras, não se pode negligenciar o olhar sexuada⁴, uma vez que há diferenças substanciais na classe trabalhadora composta por homens e mulheres (BONELLI, 2010) e, conseqüentemente, este é um fator que pode influenciar e promover desigualdades.

O olhar sexuada sobre o trabalho demonstra que existem mais mulheres trabalhando no setor de turismo do que a média de outros setores econômicos do Brasil e que, no “núcleo do turismo, por sua vez, a maioria dos/as trabalhadores/as formais são mulheres (55%)” (IPEA, 2015, p. 16). Constata-se ainda que a participação feminina na força de trabalho do turismo cresce em ritmo acelerado em todas as regiões (IPEA, 2015) e isso não acompanha a valorização social e econômica do trabalho, uma vez que, no turismo, a remuneração média dos homens é 43% superior à das mulheres (IPEA, 2015). Entre os meses de junho de 2018 e junho de 2019, por exemplo, houve um aumento nominal de 4,9% na média salarial dos homens - R\$1.405,93 - contra o aumento de 3,8% na média salarial das mulheres - R\$1.192,77 (OTMG, 2019, p. 6). À luz desses dados, entretanto, “não se pode afirmar que a remuneração da mulher é menor que a dos homens ao exercerem a mesma função. Para isso, deve-se comparar a remuneração na função específica” (IPEA, 2015, p. 21).

Portanto, a organização do trabalho no setor de turismo é complexa, haja vista que as relações sociais capitalistas são pautadas pelo acúmulo de capital por meio da

⁴ Considera-se como olhar sexuada a dimensão sexuada do trabalho, ou seja, a distinção dos trabalhadores em homens e mulheres como preconizado nas análises da Divisão Sexual do Trabalho.

exploração dos/as trabalhadores/as. O/a trabalhador/a que é explorado/a tem uma trajetória que é materializada na sua carreira e tem sexo e gênero. Nesse sentido, ao realizar um olhar sexuado sobre estes/as trabalhadores/as, evidencia-se, pelos dados do INEP (2017), que no aspecto educacional as mulheres são, em média, mais instruídas do que os homens e, no setor de turismo, mesmo com uma maior presença feminina, existe uma desigualdade salarial das mulheres em relação aos homens.

Objeto e sujeitos de pesquisa

O objeto a ser desvelado na presente pesquisa é a compreensão da Divisão Sexual do Trabalho na prática social dos/as trabalhadores/as no setor de turismo por meio de suas carreiras. Os sujeitos de pesquisa são os proprietários/gestores de empresas, agentes de viagens e guias de turismo, correspondendo, respectivamente, à esfera de gerência, administrativa e operacional do agenciamento de viagens que compõem o setor de turismo.

Questão de Pesquisa

Tendo em vista todo o contexto apresentado, a problematização dessa realidade leva ao questionamento central deste projeto de pesquisa: como se dá a Divisão Sexual do Trabalho na prática social dos/as trabalhadores/as no setor de turismo? Como é vivenciada em suas carreiras e em suas atividades laborais? Quais as relações de trabalho e os enfrentamentos desenvolvidos frente aos preconceitos, sexismo e precarização do trabalho no setor? Por se tratar de uma pesquisa com abordagem qualitativa, exploratória e em uma perspectiva de análise crítico-dialética, outras questões poderão surgir ao longo dos levantamentos teóricos e empíricos e serão abordadas e analisadas dentro das possibilidades e limitações impostas. Pela área de turismo ser muito ampla, com inúmeros setores de atuação e diversas ocupações, escolheu-se o setor de agenciamento de viagem, a fim de se delimitar o lócus da pesquisa empírica e viabilizar o levantamento dos dados no tempo preestabelecido para a conclusão de uma pesquisa de mestrado acadêmico.

Objetivos

Geral

Compreender a dinâmica da Divisão Sexual do Trabalho no setor de turismo a partir das carreiras de sujeitos homens e mulheres atuantes no agenciamento de viagem, problematizando as vivências, as desigualdades e as relações de trabalho e os enfrentamentos.

Específico

- Correlacionar as concepções de carreira, a educação profissional e tecnológica e o mundo do trabalho no setor de turismo, sob um olhar sexuado da divisão sexual do trabalho;
- Evidenciar a formação e qualificação profissionais presentes nas carreiras de trabalhadores do setor de turismo atuantes no agenciamento de viagem;
- Problematizar as desigualdades nas carreiras de homens e mulheres evidenciando os aspectos da formação, das relações de (e no) trabalho e da vida cotidiana;
- Conhecer as relações de trabalho e os enfrentamento à precarização do setor de trabalho do turismo, às desigualdade de gênero, ao seximo e preconceitos.

Metodologia e procedimentos metodológicos

Esta investigação foi desenvolvida segundo uma abordagem qualitativa, haja vista que sua expectativa está no "aprofundamento da compreensão de um grupo social" (QUIRINO, 2017, p. 3), a fim de compreender e problematizar as relações sociais e a inserção dos sujeitos de um determinado grupo no mundo do trabalho.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa tem caráter exploratório e crítico para proporcionar "maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito" (GIL, 2002, p. 41) e contribuir para a compreensão das carreiras e a problematização das desigualdades entre homens e mulheres no setor de turismo por meio de um olhar crítico do trabalho. Devido à natureza exploratória e crítica, serão necessários tipos distintos de delineamento de pesquisa.

A dissertação está dividida em duas seções: aproximações teórico-conceituais, subdividida em três capítulos, e a dinâmica da divisão sexual do trabalho no setor de turismo apresentada em dois capítulos.

A seção denominada aproximações teórico-conceituais⁵ iniciou com a formulação da problemática inicial que norteia a apresentação da questão e dos objetivos de pesquisa, sendo todas as informações reunidas nesta introdução. Partindo deste momento realizou-

⁵ As etapas da pesquisa teórico-conceitual foram desenvolvidas nas estruturas físicas de estudo do pesquisador, sendo utilizado ocasionalmente as instalações do Grupo de Pesquisa em Formação e Qualificação Profissional – FORQUAP e do CEFET/MG respeitando a todo o momento os protocolos sanitários impostos pela pandemia da COVID-19.

se as três etapas que subdivide o momento teórico-conceitual: a revisão da literatura, a pesquisa teórica e a pesquisa documental para aproximar o lócus da pesquisa (GIL, 2008).

A revisão da literatura foi o procedimento adotado para apresentar um breve cenário das pesquisas já realizadas sobre o tema central da investigação nos programas de pós-graduação no Brasil buscando extrair os apontamentos realizados e a relação com o presente estudo. A sistematização e apresentação foi realizada no primeiro capítulo desta dissertação.

A pesquisa teórica buscou por teorias e abordagens sobre as concepções de carreira, de educação tecnológica e de mundo do trabalho – considerando a centralidade no trabalho – e buscando abordagens sobre as desigualdades, precarização e divisão social do trabalho entre os sexos que serviu de base para a análise dos dados empíricos. A construção do arcabouço teórico-conceitual seguiu a compilação das teorias e diálogo entre os autores expoentes das temáticas em materiais obtidos em bibliotecas públicas, *e-books* disponíveis na *web*, artigos científicos, dissertações, teses oriundas do acervo pessoal e do acervo da orientadora desta pesquisa a fim de definir as abordagens teóricas que norteia o presente estudo.

As abordagens teóricas de cada campo do conhecimento foram trianguladas⁶ contribuindo para a ampliação das discussões teóricas no âmbito da educação tecnológica ao relacioná-las para “contribuir na interpretação das categorias definidas neste estudo de forma a verificar sua utilidade e capacidade” (DENZIN, 1989 apud DUARTE, 2009, p. 11). A triangulação foi apresentada no segundo capítulo desta dissertação respondendo ao objetivo específico de correlacionar as concepções de carreira com a educação tecnológica e o mundo do trabalho no setor de turismo, sob um olhar sexuado da divisão sexual do trabalho.

Por fim, a pesquisa documental foi centrada na aproximação do lócus de pesquisa buscando através de legislações, programas de formação de instituições de ensino e organizações, relatórios de pesquisas, boletins, sistemas de informação *online* e outros meios apresentar a complexidade do setor de turismo, sua organização e o recorte adotado nesta investigação. A abordagem teórica definida e correlacionada gerou as categorias

⁶ O conceito de triangulação significa que uma questão de pesquisa é considerada – ou, em uma formulação construtivista, é construída – a partir de (pelo menos) dois pontos. Normalmente, a consideração de dois ou mais pontos se materializa usando-se diferentes abordagens metodológicas (FLICK, 2009, p. 61).

prévias de análise, os procedimentos e as técnicas de coleta de dados utilizados no momento empírico da pesquisa. Estas informações encontram-se no terceiro capítulo desta investigação.

A segunda seção denominada dinâmica da divisão sexual do trabalho no setor de turismo corresponde a etapa de pesquisa empírica. Cabe salientar para os aspectos éticos, principalmente, que a pesquisa com seres humanos somente foi iniciada após o resultado de aprovação ética do Sistema CEP-CONEP⁷.

A pesquisa empírica situa-se no campo das ciências da educação e do trabalho, tendo sua concentração na educação tecnológica e nos processos formativos dos trabalhadores como constitutivo das carreiras. Seguindo os preceitos de Bertaux (2005) a abordagem desta pesquisa dialoga com a perspectiva etnossociológica por ter o intuito de combinar a utilização de “uma técnica de observação empírica, o relato de vida, [...] importada (da etnografia) para ser usadas na pesquisa sociológica” (COSTA; SANTOS, 2020, p. 325) como forma de descobrir como funciona uma fração (parte coerente) da sociedade através de suas práticas sociais.

Considerando a existências de mundos sociais organizados por certos princípios de coerência e de regras específicas em torno de uma atividade (BERTAUX, 2010), constituindo diversas lógicas internas (COSTA; SANTOS, 2020), o agenciamento de viagens foi considerado um microcosmo que compõe o mundo social do turismo⁸. As carreiras dos/as trabalhadores/as, expressa pelos relatos de vida dos entrevistados, foram o caminho para a compreensão deste mundo social específico, sua lógica de funcionamento e as experiências vividas deste mundo.

Com isso, a delimitação do microcosmo (campo de pesquisa) precede da categorização das Atividades Características do Turismo, especificando o olhar, ainda, para o núcleo de ACTs que reúne alojamento, agência de viagens e transporte aéreo (IPEA, 2015). Por fim, internamente ao núcleo de ACT a pesquisa identifica os sujeitos atuantes nos serviços de agenciamento de viagens, expandindo a compreensão limitada

⁷ A presente pesquisa tendo seu CAAE sob o número 48498221.2.0000.8507 obteve aprovação ética do CEP/CONEP no dia 19 de julho de 2021 através do parecer 4.856.009

⁸ "O próprio funcionamento de um mundo social pode criar uma variedade maior ou menor de tipos de microcosmos; estudar somente um tipo levaria a generalizar abusivamente para o mundo social características próprias de determinado tipo apenas. [...] Por outro lado, os mundos sociais, e, em particular, os mundos centrados em uma atividade profissional, constituem espaços por onde os agentes podem circular ao longo de sua carreira profissional." (BERTAUX, 2010, p. 26).

às agências de turismo e incorporando as ferramentas de agenciamento, montagem e operação de viagem, programa, roteiros e serviços de viagem (REJOWSKI, 2018).

A delimitação do microcosmo nos serviços de agenciamento de viagens possibilitará a melhor identificação dos sujeitos de pesquisa da presente investigação. A amostra nos tipos de pesquisa etnossociológica segue a lógica de variedade das posições, diferencialidade e exigência de variação (BERTAUX, 2010). Esta investigação utilizou a variedade das posições de forma distinta de acordo com a função de gestão, administrativa e operacional; a diferencialidade foi definida com base no sexo biológico - masculino e feminino -; e, por fim, a exigência de variação foi atendida ao analisar trabalhadores/as de empresas distintas.

O acesso à amostra para a coleta de dados foi feito por exaustão mediante resposta ao questionário inicial disponibilizado online entre os dias 31 de agosto e 05 de novembro de 2021 que foi divulgado em redes sociais, e-mails de grupos de pesquisa e entidades ligadas ao setor de turismo. A amostra não tem pretensão de ser representativa, não possui critérios rígidos e foi constituída de acordo com a acessibilidade e disponibilidades dos profissionais em participar da pesquisa. Foi definido apenas uma pergunta filtro que determinava os seguintes sujeitos de pesquisa:

- Guias de Turismo, profissionais reconhecidos e regulamentados pela Lei nº 8.623, de 28 de janeiro de 1993, sendo egresso do curso técnico em guia de turismo, que constitui uma obrigatoriedade para o exercício da profissão e com o registro ativo no Cadastro dos Prestadores de Serviços Turísticos no Ministério do Turismo (CADASTUR);
- Agentes de Viagem, profissionais atuantes em agenciamento de viagens e associados às ocupações de operador de turismo, tecnólogo em gestão de turismo e agente de viagem (BRASIL, 2016; BRASIL, 2021b). O seu itinerário formativo pode possuir a formação no Curso Técnico em Agenciamento de Viagens, o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo ou Bacharelado em Turismo;
- Gestores em empresas de agenciamento de viagens, profissionais não delimitados por uma profissão, ocupação ou formação e que estejam em atuação, ou já tenha atuado em cargos de supervisão, gerência ou direção de empresas relacionadas ao agenciamento de viagens;

A coleta de dados foi distribuída em duas etapas e utilizou dois instrumentos distintos: um questionário online e uma entrevista semiestruturada online, considerando as limitações impostas pela pandemia da COVID-19⁹.

A primeira etapa foi realizada no ambiente virtual e de forma não presencial¹⁰, sendo que o questionário online foi divulgado de forma eletrônica em grupos de profissionais atuantes no agenciamento de viagem, em páginas relacionadas ao turismo e em contatos dos prestadores de serviço disponíveis de forma pública no CADASTUR. A resposta ao questionário foi livre e aberta a todo território brasileiro, contribuindo com a criação de um entendimento inicial mais amplo sobre os processos formativos dos trabalhadores a fim de atender ao objetivo específico de evidenciar a formação e qualificação presente nas carreiras de trabalhadores do setor de turismo atuantes no agenciamento de viagem (Vide Apêndice E).

Os dados são compilados em gráficos e a análise destes dados são realizados de forma comparativa entre os homens e as mulheres tendo três enfoques: a) Formação dos/as trabalhadores/as no agenciamento de viagem; b) Impacto e perspectivas da formação profissional no cotidiano do trabalho; e c) Olhar sexuado para a formação no agenciamento de viagem.

A segunda etapa foi composta por relatos de vida¹¹ dos sujeitos que assinalaram a possibilidade de participação na etapa. Como delimitação, foi realizado uma entrevista narrativa (BERTAUX, 2010) com dois guias de turismo, dois agentes de viagens e dois gestores de empresas de agenciamento de viagem distribuídos de forma igualitária em razão dos sexos (três mulheres e três homens no total) e sem considerar especificações de faixa etária, cor/raça, classe social, orientação sexual ou qualquer outro dado pessoal¹².

Os participantes da pesquisa receberam um e-mail convite para agendamento da entrevista narrativa realizada por meio de uma videoconferência definida em comum

⁹ A realização da pesquisa em ambiente virtual foi realizada sem a identificação dos convidados nem a exposição dos dados de convite a terceiros.

¹⁰ Nesta primeira etapa o participante teve acesso ao TCLE de forma livre e esclarecida antes de responder ao questionário online sendo, neste caso, considerado a anuência quando iniciou a resposta.

¹¹ De acordo com Daniel Bertaux (2005, p. 21) “os relatos de vida podem constituir um instrumento precioso de aquisição de conhecimento prático, com a condição de orientar desde a descrição de experiências vividas na primeira pessoa e de em que essas experiências tenham sido desenvolvidas”. Tradução livre do autor.

¹² Como houve um número maior de candidatos para a segunda etapa da pesquisa empírica, foi realizado um sorteio prévio para definir os sujeitos convidados.

acordo com os sujeitos da pesquisa. Ao longo da videochamada foi realizada a coleta de áudio em gravador externo ao computador, autorizada pelos/as entrevistados/as, conforme previsto no Apêndice E.

Daniel Bertaux (2010) aponta que durante a coleta e análise das narrativas uma dimensão importante é a diacronia¹³ e para obtê-la é necessário cuidar para que durante a entrevista o sujeito entrevistado forneça os fatos segundo a ordem dos acontecimentos. A estrutura diacrônica dos percursos de vida foram sistematizados a luz dos estudos de carreira (RIBEIRO, 2009) em busca de preparar cada um dos relatos de vida a ser comparados para identificar as recorrências das situações e a lógica das práticas sociais que caracterizam a dinâmica da divisão sexual do trabalho.

Os relatos de vida coletados nas entrevistas foram transcritas integralmente em poucos dias após a coleta já que na abordagem etnossociológica "a análise começa muito cedo e se desenvolve paralelamente à coleta de testemunhos" (BERTAUX, 2010, p. 89) servindo como efeito de adaptação aos roteiros das próximas entrevistas.

A compreensão da dinâmica da Divisão Sexual do Trabalho no setor de turismo a partir das carreiras de sujeitos homens e mulheres atuantes no agenciamento de viagem se dará pelo estudo comparativo enriquecido com os excertos de relatos de vida à luz dos aspectos teóricos.

¹³ Refere à sucessão temporal dos acontecimentos

SEÇÃO I – APROXIMAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS

Nesta seção você encontrará inicialmente um levantamento das teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação brasileiros que possuem relação com a temática de estudo desta investigação. Na sequência será apresentada as concepções teóricas centrais obtidas na construção de um referencial teórico que responderá ao objetivo específico que visa correlacionar as concepções de carreira, a educação profissional e tecnológica e o mundo do trabalho no setor de turismo, sob um olhar sexuado da divisão sexual do trabalho.

CAPÍTULO 1 – CENÁRIO DE PESQUISAS NA PÓS-GRADUAÇÃO

A presente investigação encontra-se na área de concentração da Educação Profissional e Tecnológica – EPT, porém não se limita a ela. Devido ao delineamento realizado nesta pesquisa entende-se que para alcançar o objetivo proposto faz-se necessário compreender as pesquisas realizadas em três grandes áreas: Turismo, Educação e Trabalho.

Destas três grandes áreas foram estipulados descritores próprios sendo atribuído no turismo os descritores (1) Turismo e (2) Agenciamento de Viagens; na educação os descritores (3) Educação Profissional e Tecnológica, (4) Educação Profissional e (5) Educação Tecnológica; e no trabalho os descritores (6) Trabalho, (7) Divisão Sexual do Trabalho e (8) Carreira.

Após a escolha dos descritores, tomou-se como base de busca a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD¹⁴ que reúne 130 instituições públicas e privadas e abriga 539.799 dissertações de mestrado e 204.319 teses de doutorado defendidas no Brasil (IBICT, 2019). A escolha de uma base única justifica-se pelo volume de informações ao contemplar três grandes áreas de busca.

Com a base de dados e os descritores definidos iniciou o processo de busca das informações e a sua sistematização. Cabe ressaltar que todas as buscas realizadas tomou como base o item Assunto que na BDTD corresponde a palavra-chave, ou seja, cada um dos descritores estão inseridos como palavra-chave nas produções científicas dos programas de pós-graduação. O primeiro processo foi realizar a busca de cada um dos oito descritores de forma individualizada para que fosse identificado o volume de teses e

¹⁴ Criada em 2002 pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT para disseminar e visibilizar teses e dissertações (IBICT, 2019).

dissertações. Em seguida, cada um dos oito descritores foram associados por meio do operador booleano AND para que fosse possível obter uma visão geral da busca conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Produções científicas encontradas, conforme descritores.

	TURISMO		EDUCAÇÃO			TRABALHO		
	Turismo	Agenciamento de Viagem	EPT	Educação Profissional	Educação Tecnológica	Trabalho	Divisão Sexual do Trabalho	Carreira
Turismo	2.831	2	5	20	6	56	1	0
Agenciamento de Viagem	2	2	0	0	0	0	0	0
Educação Profissional e Tecnológica	5	0	489	*	*	75	0	0
Educação Profissional	20	0	*	3.679	*	547	1	32
Educação Tecnológica	6	0	*	*	4.490	173	2	2
Trabalho	56	0	75	547	173	18.780	*	90
Divisão Sexual do Trabalho	1	0	0	1	2	*	117	1
Carreira	0	0	0	32	2	90	1	550

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

A revisão da literatura com base nos oito descritores apresentou uma predominância de teses e dissertações que aborda o descritor trabalho com 18.780 produções, seguida dos descritores educação tecnológica, educação profissional e turismo. A predominância do trabalho se deve ao vasto e consolidado campo de pesquisa na área por várias áreas científicas. Os estudos de Marina Silva (2021) justificam a opção de abordar a educação profissional e tecnológica, educação profissional e educação tecnológica como descritores distintos devido à indefinição conceitual que faz-se presente na diferença quantitativa dos trabalhos conforme o descritor. Ainda no campo das análises do total de trabalhos por descritor – valores em grifo, destaca o baixo volume de produções que aborda o agenciamento de viagem e a divisão sexual do trabalho.

O quadro 1 não apresenta seis valores na grande área da educação visto que o cruzamento entre Educação Profissional, Educação Tecnológica e Educação Profissional e Tecnológica aponta a confluência do termo Profissional e do termo Tecnológica

fornecendo, assim, o resultado idêntico ao de Educação Profissional e Tecnológica. O mesmo acontece com dois valores na grande área do trabalho visto que o cruzamento entre Divisão Sexual do Trabalho e Trabalho gera a confluência no termo Trabalho fornecendo assim o resultado idêntico ao de Divisão Sexual do Trabalho.

Centraremos agora a análise na relação do descritor turismo com os outros sete descritores que resultou na apresentação de 90 produções distribuídas entre dissertações de mestrados e teses de doutorado. Após a realização de uma leitura exploratória (GIL, 2002) foram extraídos 17 produções que estavam associados incorretamente ou apareciam em duplicidade, obtendo assim um conjunto de 73 produções.

Partindo das produções científicas encontradas foi realizado uma nova delimitação em que era apresentado o descritor turismo associado a dois ou mais descritores fazendo com que fosse encontrada 09 produções científicas¹⁵ associadas conforme o quadro 2.

Quadro 2 – Quantidade de produções científicas com dois ou mais descritores associados

Descritores	Número de produções
Turismo AND educação profissional AND trabalho	04
Turismo AND educação profissional e tecnológica AND educação profissional AND educação tecnológica	02
Turismo AND educação tecnológica AND educação profissional	02
Turismo AND trabalho AND divisão sexual do trabalho	01

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

A educação profissional e tecnológica aparece associada ao turismo juntamente com os descritores educação profissional e educação tecnológica nas produções de Barreto (2010) e Carvalho (2013) tendo focos distintos. Barreto (2010) analisa os egressos do Curso Superior em Tecnologia em Gestão de Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE para mensurar a efetividade da formação com a aderência dos estudantes ao mercado de trabalho, na medida que Carvalho (2013) apresenta um estudo de caso da utilização pedagógica de Webquest com estudantes do Curso Técnico de Guia de Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sergipe – IFS.

¹⁵ O nome completo dos trabalhos, instituições vinculadas, nível – mestrado ou doutorado, ano da defesa e a associação com os descritores encontra-se no APÊNDICE B desta dissertação.

Uma relação semelhante ocorre quando o descritor turismo está associado aos descritores educação profissional e educação tecnológica visto que o Meira (2013) desvela a dualidade estrutural da educação por meio da análise da oferta do curso técnico em turismo de uma instituição do Paraná, apontando a estrutura precária, desconexão do curso com as políticas e o baixo vínculo dos profissionais contrário ao que foi obtido por Johann (2018) que ao abordar o Curso Técnico em Guia de Turismo aponta relações organizadas e processos de aprendizagem sólidos mesmo com o silenciamento presente no plano de curso, constatado por sua análise com base na ciência-tecnologia-sociedade – CTS.

A relação entre educação profissional e o trabalho foi a mais presente no levantamento das produções científicas dos programas de pós-graduação no Brasil. Cronologicamente, a primeira produção foi o de Lima (2007) que aborda o trabalho do Guia de Turismo e aponta que a oferta restrita de cursos na área do turismo é uma possibilidade, no momento inovadora, de implementação da formação técnica à distância. Devido a amplitude do setor de turismo a Soares (2012) aponta para a análise do trabalho dos egressos no curso técnico em eventos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA mostrando a conexão dos estudantes com o acesso ao mercado de trabalho, em ascensão no período da pesquisa, todavia com dificuldades e facilidades com base em cada egresso.

Por mais que a educação profissional é tida por muitos estudos como de nível técnico (SILVA, 2021) duas pesquisas que utilizaram este descritor abordaram a formação a nível superior como na produção de Nicolau (2015) que apresenta uma relação interessante entre o conhecimento do bacharel de turismo e sua prática no exercício da profissão buscando identificar se os cursos subsidiaram os egressos com os conhecimentos necessários para o exercício profissional e no trabalho de Correa (2018) que analisa as percepções dos egressos do curso de hotelaria sobre sua formação e o mercado de trabalho, destacando-se ainda, como a única tese de doutorado que realiza este cruzamento de descritores.

A única produção científica que realizou uma abordagem sexuada é a de Santos (2018) que adota a divisão sexual do trabalho na hotelaria de Caldas Novas/GO e aponta para a presente investigação um caminho promissor pois constatou de forma empírica, na realidade do turismo, que as mulheres possuem renda inferior e trabalhos distintos se

comparado a um homem e que mesmo com um nível de satisfação alto no trabalho necessitam de ajustes sob a ótica dos sexos (SANTOS, 2018).

Feito este caminho, esta investigação propõe ampliar a abordagem sexuada para o setor de agenciamento de viagens tendo em vista o baixo número de produções científicas, realizando ainda, uma intersecção entre o turismo, as carreiras e a divisão sexual do trabalho.

1.1 Abordagens da divisão sexual do trabalho nas pesquisas científicas brasileiras¹⁶

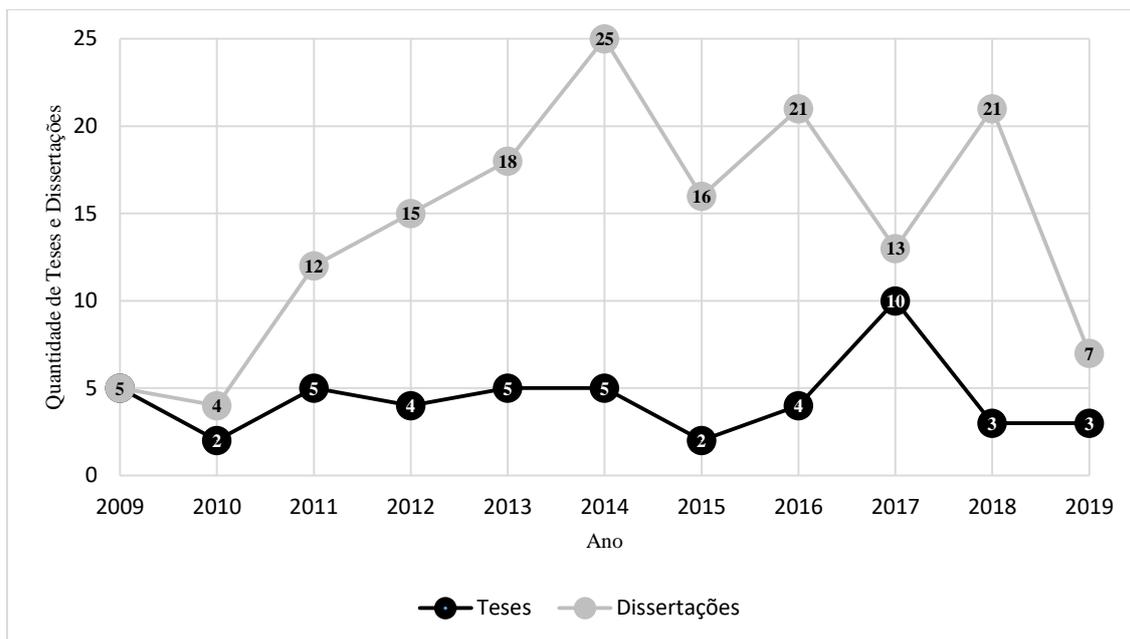
Abordaremos nesta investigação a relação entre a educação profissional e tecnológica com o turismo sob a ótica da divisão sexual do trabalho. Desta maneira, realiza-se um resgate das abordagens, já existentes, sobre a divisão sexual do trabalho nas pesquisas científicas.

O levantamento dos trabalhos foi realizado com base no descritor (1) divisão sexual do trabalho na BDTD e acrescido com a busca direta nos repositórios institucionais das universidades e centros federais que não fazem parte do banco. A busca resultou em 205 produções realizadas entre os anos de 2009 e 2019 com o descritor presente no título, resumo ou palavra-chave.

O gráfico I é apresentado e discutido pelos autores Bicalho, Almeida e Quirino (2020) a produção de dissertações de mestrado representada pela linha superior e a produção de teses de doutorado pela linha inferior. Entre os anos de 2009 a 2014 houve uma crescente no número de pesquisas que não permaneceu no intervalo de 2014 a 2019 apontando um alerta na projeção dos anos futuros. A distribuição das produções ao longo dos anos ocorreu conforme apresentado no Gráfico I.

¹⁶ Bicalho, Almeida e Quirino (2020) publicaram a abordagem completa da divisão sexual do trabalho nas pesquisas científicas brasileiras nos anais do VIII Simpósio Internacional Trabalho, Relações de Trabalho, Educação e Identidade sob o título “Divisão sexual do trabalho nas produções científicas brasileiras: cenário das abordagens científicas nos programas de pós-graduação em educação entre 2009 e 2019”.

Gráfico I - Produção/defesa de teses e dissertações por ano



Fonte: Adaptado de Bicalho, Almeida & Quirino (2020)

No aspecto da distribuição das teses e dissertações por programa de pós-graduação observa-se que a temática de trabalho e sua divisão entre os sexos apresenta-se como um assunto trabalhado principalmente nas ciências humanas e sociais, mostrando-se em destaque na Sociologia do Trabalho, o Serviço Social e a Educação. Alguns números de produção chamam a atenção como, por exemplo, os programas de pós-graduação em educação configuram-se como os que mais produzem sobre a temática, a Universidade de Brasília – UnB teve 16 produções sobre a temática e destaca-se a Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR e o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais que, perante seu papel na educação tecnológica, somam 10 produções científicas sobre a temática e se destacam de forma individual na relação de dissertações defendidas (BICALHO, ALMEIDA & QUIRINO, 2020).

Mediante o que foi exposto nesta seção, considera-se sólido o caminho e o recorte escolhido para a realização da presente investigação.

CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E CARREIRA: Triangulando teorias para compreender o turismo

Com a definição do recorte da pesquisa em uma intercessão de temáticas, o presente capítulo apresenta inicialmente as concepções teóricas na área de concentração da educação e do trabalho. A leitura é um convite a ter uma percepção dos princípios e

definições que cerceará toda a análise dos dados empíricos e apresentará, ainda na última seção deste capítulo, uma síntese elaborada através da triangulação teórica para que seja possível compreender a aplicação da pesquisa no turismo.

2.1 Educação Profissional e Tecnológica: aspectos teóricos

A educação é composta pelo processo de ensinar e aprender para cumprir o papel de socialização dos sujeitos (BRANDÃO, 1981) fazendo necessário a compreensão do tempo e espaço social em que ele se insere. Na contemporaneidade o sujeito em formação vive em um tempo e espaço social bem demarcado pela globalização que influencia os aspectos econômicos, filosóficos, sociais, comportamentais e outros da vida humana. Cunha e Laudares (2009) apontam que a educação configura-se como uma prática social a partir dos problemas e crises da produção da vida em sociedade e, por isso, é importante compreender em qual sociedade estamos olhando a educação profissional e tecnológica.

O capitalismo enquanto sistema econômico e social foi sendo estruturado no ocidente após a segunda guerra mundial e fortalecido com a emergência da era de acumulação flexível e a expansão do toyotismo na década de 1970 (ANTUNES, 1999) fazendo presença em praticamente todos os países. É associado à maioria dos estados nacionais capitalistas o neoliberalismo como política econômica. A América do Sul possui muitos países na realidade capitalista neoliberal oriundos, em grande parte, da decorrência dos regimes ditatorial-militar que atingiram países como a Argentina, Chile, Uruguai e o Brasil.

No Brasil, em se tratando de economia política, acompanha-se uma investida neoliberal desde a década de 1990 que segue os governos Collor e Fernando Henrique Cardoso (1990-2002), um período de interregno neodesenvolvimentista com os governos Lula e Dilma (2003-2015) que culminaram em um reajustamento neoliberal com a deposição da presidente Dilma pelo impeachment e a sucessão dos governos Temer (ALVES, G., 2014; CASULO; ALVES, 2018) e Bolsonaro. Com essas afirmações pode existir a indagação de quais as relações entre esse contexto mundial e a educação profissional e tecnológica?

Brandão (1981) explica que desde as sociedades primitivas quando o trabalho e o poder é dividido na sociedade surge as hierarquias sociais que afeta também o saber comunitário que passa a ser diferente entre os sujeitos, neste ponto inicia-se uma dualidade histórica na educação que ganha força com a educação latina que divide as

formas de aprender na “*oficina de trabalho*, para onde vão os filhos de escravos, dos servos e dos trabalhadores artesãos [... e] a *escola livresca* para onde vão o futuro senhor (o dirigente livre do trabalho e do Estado) e o seu mediador” (BRANDÃO, 1981, p. 54). No Brasil, o aspecto político desta dualidade educacional inicia antes mesmo da proclamação da república, em 1889, na qual o ensino superior era destinado a formação dos profissionais liberais para a manutenção dos prestígios sociais com a ocupação de postos privilegiados no mercado de trabalho (MARTINS, 2002).

O regime de hierarquia das classes sociais transparece no decreto nº 3.890, de 1º de janeiro de 1901, conhecido como Reforma Epiácio Pessoa, que regularizou os institutos oficiais de ensino superior e secundário criados no mesmo ano. Foi apresentado um regime de admissão de brasileiros nesta legislação para as Faculdades de Direito, as de Medicina, a de Minas, a Escola Politécnica e o Ginásio Nacional. Com a finalidade de obter o grau de doutor, bacharel ou engenheiro ou de revalidar caso possuísse o grau no exterior era necessário realizar o pagamento da matrícula uma vez que o ensino não era gratuito. Destaca-se na legislação a matrícula facultativa para o sexo feminino e a concessão, por parte do governo, do estudo gratuito a apenas dois alunos por estabelecimento que estivesse “dentre os estudantes pobres que tenham revelado nos estudos secundários excepcional aptidão” (BRASIL, 1901).

No momento em que o ensino superior, e intelectual, vinha mantendo seu caráter elitista que permaneceu nos anos seguintes (MARTINS, 2002) ocorre a execução da lei nº 1.606/1906 que elabora o decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909 para criar as Escolas de Aprendizes Artífices nas capitais dos estados brasileiros sob a justificativa de formar a classe proletária e habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna a formação de operários e contramestres para o trabalho manual (BRASIL, 1909). As Escolas de Aprendizes Artífices é um marco do ensino profissional mantido pelo Governo Federal Brasileiro porém, torna-se também, um símbolo da existência de duas educações no início do século XX: “a da escola, destinada aos filhos das ‘gentes do bem’ [... e] a da oficina, misturada com a da vida, destinada pelos ossos do ofício aos filhos ‘da pobreza’” (BRANDÃO, 1981, p. 90).

Durante o Estado Novo (1937-1945) houveram muitas mudanças no campo educacional. No primeiro momento as escolas de aprendizes artífices foram transformadas em liceus Industriais e, no segundo momento as Leis Orgânicas do Ensino – ou Reforma Capanema – de 1942 extinguiu os liceus e estabeleceu as escolas técnicas,

industriais, artesanais e de aprendizagem; instituiu o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI; o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC e as escolas agrícolas (ROMANELLI, 1978; BRASIL, 2020). No campo de disputa com as empresas que atuavam na formação do trabalhador brasileiro, através do Sistema S¹⁷, as Escolas Técnicas Federais em Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro foram transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica - CEFETs (BRASIL, 1978) diminuindo pela primeira vez a distância entre a formação manual e intelectual dos trabalhadores, por meio de oferta de cursos de graduação, pós-graduação e licenciaturas.

Barbieri (2019) apresenta em seu estudo que o entendimento de Educação Tecnológica foi sendo desenvolvido pelas políticas educacionais ao longo dos anos sendo acelerada, principalmente, a partir de 1978 com Lei nº 6.545 de criação dos CEFETs. A lei não surge sem fundamentos, ela segue “a tendência de estudos que abordavam a vida em uma ‘era tecnológica’ que gerou iniciativas nos governos estaduais de São Paulo e da Bahia” (BARBIERI, 2019, p. 56).

Inspirada nos estudos de Barbieri (2019), a Marina Silva (2021) apresenta um estudo sobre a Educação Tecnológica em diálogo com a Educação Profissional sob a terminologia de Educação Profissional e Tecnológica.

Esta discussão terminológica está presente na relação das legislações educacionais e dos projetos de governo no Brasil, exercendo assim, uma influência na concepção da EPT que encontra-se atrelada “ora ao mercado de trabalho e as políticas neoliberais e, em outros momentos, a políticas sociais e de direito à educação” (SILVA, 2021, p. 56). Isto é perceptível se compararmos os períodos de 1990 à 2002 com o período de 2003 à 2015.

No período de 1990-2002, aqui já denominado de primeira investida neoliberal, foi criado o SENAR, o Sistema Nacional de Educação Tecnológica, a promulgação da segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico (BRASIL, 2020) dissociando a obrigatoriedade do ensino técnico integrado ao ensino médio e, oferecendo assim, a oferta de ensino técnico pela iniciativa privada.

¹⁷ Compreendido pelo SENAC, SENAI, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE são organizações mantidas pelos empresários de cada setor econômico e de uma parcela de recursos empenhado pelo governo federal.

No período de 2003-2015, denominado de interregno neodesenvolvimentista, houveram mudanças nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e para a Educação Profissional Técnica de nível médio, a aprovação do Plano Nacional de Educação que previa a expansão da oferta de educação profissional técnica de nível médio (BRASIL, 2020), a Instituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia a partir da absorção das ainda existentes Escolas Técnicas Federais, Escolas Agrícolas e Centros Federais de Educação Tecnológica (BRASIL, 2008) em busca de uma integração entre a educação, ciência e tecnologia visando romper com a dualidade educacional existente.

Desta maneira, os governos ao longo da história apontaram caminhos ideológicos distintos para a educação brasileira em busca de atender aos interesses da política econômica vigente no país. Marina Silva (2021) aponta que a imprecisão conceitual do termo Educação Profissional e Tecnológica pode ter sua origem na dualidade da educação brasileira, de caráter estrutural, da qual acrescentamos a dualidade dos planos governamentais para a EPT.

2.1.1 Por uma educação crítica: concepções da formação integral dos sujeitos

Extrapolando as concepções governamentais, Marina Silva (2021) propõe o entendimento da EPT com base nos significados de modalidade educacional, formação tecnicista, formação integral dos sujeitos e formação para o trabalho encontrados nos conceitos analisados em seu estudo. Com isso, a autora afirma que podemos entender a EPT como uma modalidade educacional pela definição presente na Lei nº 9.394 que dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional; como uma formação tecnicista tendo como base na inspiração do positivismo, da teoria do capital humano e do behaviorismo que leva ao entendimento da EPT para capacitar os sujeitos a um ofício de forma imediata para suprir as necessidades de mão de obra para o mercado de trabalho; como uma formação integral dos sujeitos em oposição à formação tecnicista atribuindo a educação um caráter omnilateral, politécnico e considerando o sujeito em todas as suas dimensões; e, por fim, como formação para o trabalho ao compreendê-la na relação do trabalho com a educação¹⁸.

¹⁸ Para melhor compreensão da conceituação de Educação Tecnológica, Educação Profissional e Educação Profissional e Tecnológica recomenda-se a leitura integral da dissertação de mestrado elaborada por Elisângela Barbieri (2019) e por Marina Silva (2021) ao Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica do CEFET/MG.

Em completa oposição à formação tecnicista, acredita-se que a formação integral dos sujeitos vai de encontro aos significados de modalidade educacional e de formação para o trabalho sendo que nesta confluência estaria o formato ideal de ocorrência da EPT por ter a perspectiva de

"formar um indivíduo, na sua capacidade de pessoa humana, mais crítico e consciente para fazer a história do seu tempo com possibilidade de construir novas tecnologias, fazer uso da crítica e da reflexão sobre a sua utilização de forma precisa e humana, e ter condições de, convivendo com o outro, participando da sociedade em que vive, transformar essa sociedade em termos mais justos e humanos" (GRINSPUN, 1999, p. 29)

Com isso, a EPT almejado por nós é a que considera como princípio a educação pública, gratuita e uniforme a todos, combinada com a produção material (associando a instrução, a ginástica e o trabalho produtivo) para eliminar o hiato histórico entre trabalho manual e trabalho intelectual, o protagonismo da comunidade e a garantia do desenvolvimento integral da personalidade pela educação (BOTTOMORE, 1988). Além disso, a Educação Profissional e Tecnológica aqui defendida é fundamentada pelo saber-fazer, saber-pensar e criar não findando na transmissão de conhecimento (GRINSPUN, 1999) tendo como apresentado por Sabina Silva (2020) o objetivo primeiro de demonstrar a gama de complexidade das relações sociais de produção na vida para ter como meta contribuir para o posicionamento do sujeito no mundo em que participa ao dispor de contínua qualificação e inovação (SILVA, 2020).

2.2 Trabalho: mundo do trabalho, sujeitos e a divisão entre os sexos

O trabalho nos remete às origens dos homens e das mulheres em seu convívio societário que buscam por garantir a sua sobrevivência adaptando-se aos ritmos da natureza, às estações e às intempéries (ALBORNOZ, 1986). A evolução das espécies e a luta do ser humano pela sua existência passa pelo domínio da natureza, como o fogo, e da criação de ferramentas que auxiliassem a própria vida e de seus descendentes.

Fala-se portanto de uma noção de trabalho em seu sentido amplo que pressupõe "um conjunto de atividades intelectuais e manuais, organizadas pela espécie humana e aplicadas sobre a natureza, visando assegurar subsistência" (PINTO, 2007, p. 15). Sendo o trabalho uma atividade para a garantia da subsistência, não é possível analisar processos sociais e formativos sem possuir uma centralidade (ou uma relação) com o trabalho. Para Antunes (1999) é importante reconhecer o papel central do trabalho no ser social por ser

uma vivência elementar para se compreender a vida cotidiana e as necessidades sociais dos sujeitos.

Nos tempos atuais de uma economia global que as atividades econômicas estão interconectadas em redes que extrapolam as fronteiras (MOONEY, 2016) o trabalho se manifesta na base da atividade econômica pois é onde torna-se possível a produção de bens e serviços, com valores perante a sociedade, constituinte da riqueza social (NETTO; BRAZ, 2006). O trabalho sendo utilizado na sociedade para a geração de valor torna-se um elemento da economia política, mas não se limita a ela, visto que por isso torna-se também um elemento do objeto de estudo desta investigação.

O trabalho na atividade econômica não é visto de forma individual, ele é sempre uma atividade coletiva (NETTO; BRAZ, 2006) seja nas indústrias ou na prestação de serviço o trabalho de um sujeito sempre depende em maior ou menor grau do trabalho de outra pessoa sendo, portanto, o caráter coletivo do trabalho um exemplo de seu papel social. Além das relações sociais estabelecidas pelo trabalho existem as relações da sociedade com a natureza objetivando a sua transformação e, nesta troca, ocorre uma mutação dos dois elementos levando ao surgimento de um “novo tipo de ser, distinto do ser natural (orgânico e inorgânico): o ser social” (NETTO; BRAZ, 2006, p. 46).

O ser social que exerce o trabalho na atualidade depara-se com uma confusão, e muitas vezes, da simplificação dos termos trabalho, ocupação, profissão e emprego. A utilização do trabalho por parte de uma organização ou empresa foi tão difundida que gerou esta confusão, sendo necessário refletir um pouco sobre estas semelhanças e diferenças (ALBORNOZ, 1986) antes de adentrar na discussão sobre o mundo do trabalho e seus sujeitos.

Melgasso (1998 *apud* CINTRA, 2018) reforça a noção de trabalho aqui apresentada como a aplicação das capacidades humanas para transformar a natureza mas inicia a distinção apresentando que ocupação é uma organização de atividades específicas em uma área de atuação que se assemelha a profissão¹⁹ e o emprego é o vínculo de

¹⁹ A sociologia das ocupações e profissões é destinada aos estudos das distinções entre ocupações e profissões, assim como, suas manifestações e implicações no ser social por meio do trabalho. Entende-se que esta é uma interpretação reduzida para auxiliar a compreensão do leitor. Para saber mais recomenda-se a leitura de Sociologia das profissões: uma contribuição ao debate teórico escrito por Maria Helena Machado.

relações trabalhistas legalmente estabelecidas entre o empregador (proprietário da empresa) com o empregado (pessoa que oferece a sua força de trabalho).

A compreensão desta distinção entre trabalho, ocupação/profissão e emprego é importante para compreendermos as relações estabelecidas hoje no mundo do trabalho e como isto impacta a compreensão da dinâmica da divisão sexual do trabalho no turismo.

Da mesma forma que Antunes (1999) demonstra o avanço do capitalismo os autores Netto e Braz (2006) apresentam que o Modo de Produção Capitalista - MPC impera nas economias nacionais e torna-se um sistema planetário fundamentado na exploração do trabalho para a obtenção de lucros. O MPC foi possível ser desenvolvido com as mudanças do regime de propriedade visto que nas sociedades primitivas os meios de produção eram coletivos e a produção era um usufruto comum mas com a instituição da propriedade privada gerou uma divisão da sociedade “em dois grupos, com interesses antagônicos: os proprietários e os não-proprietários dos meios de produção fundamentais – em síntese, na propriedade privada está a raiz das classes sociais” (NETTO; BRAZ, 2006, p. 72).

Aos não proprietários dos meios de produção fundamentais destina-se a negociação de sua força de trabalho caracterizada pela “energia humana que, no processo de trabalho, é utilizada para, valendo-se dos meios de trabalho, transformar os objetos de trabalho em bens úteis à satisfação de necessidades” (NETTO; BRAZ, 2006, p. 70). Estes organizados em seu coletivo são denominados classe trabalhadora que é composta “da totalidade dos trabalhadores assalariados, em todas as suas distintas modalidades de inserção no mundo do trabalho, incluindo aqueles subempregados, na informalidade e desempregados” (ANTUNES, 2018, p. 95).

Antunes (2018) afirma ainda que classe trabalhadora inserida no tempo e espaço da atualidade reflete a necessidade de um conceito ampliado de classe trabalhadora incorporando os homens e mulheres que vendem sua força de trabalho para todos os setores econômicos, em escala e redes globais, sendo pagos em dinheiro e sem importar se a sua atividade é material/imaterial ou mais/menos regulamentadas.

Neste mundo do trabalho os/as trabalhadores/as vivenciam um processo de

heterogeneidade em sua forma de ser (gênero, etnia, geração, qualificação, nacionalidade etc.) e homogeneização que resulta da condição crescentemente pautada pela precarização, cada vez mais desprovida de direitos do trabalho e de regulamentação contratual (ANTUNES, 2018, p. 66).

Ao longo dos anos, os estados nacionais foram construindo direitos destinados aos/as trabalhadores/as e os vínculos formais é uma forma de constatar a precarização dos vínculos de trabalho. Praun e Antunes (2020) apresentam a queda dos direitos do trabalho no que denominaram de capitalismo informacional-digital apresentando vínculos formais e modalidades de trabalhos regulamentados em leis brasileiras como o trabalho por tempo determinado, o trabalho terceirizado, o trabalho por tempo parcial, o trabalho autônomo e o trabalho intermitente que constituem as relações de trabalho.

Tais vínculos e modalidades de trabalho classe trabalhadora manifesta outras formas de precarização mediante as relações no trabalho como o trabalho remoto já refletido por Antunes (1999) muito comum aos autônomos, intermitentes e terceirizados que invade os lares sem fornecer ao trabalhador os meios de trabalho (internet, escritório, etc.) como, também, a subversão da luta dos trabalhadores assalariados por menores jornadas de trabalho para combater o sobretrabalho (ANTUNES, 1999) se tornou em uma possibilidade dos empregadores criarem contratações por vínculo parcial e intermitente sem as devidas garantias de direitos aos/as trabalhadores/as.

A entrada no século XXI tornou o mundo do trabalho mais predisposto as formas de trabalhos atípicos e precarizados que manifestam através da criação de falsas cooperativas para ampliar a exploração da força de trabalho, o “conto” do empreendedorismo para flexibilizar salários, funções, organização e horários e a degradação do trabalho imigrante em escala mundial (ANTUNES, 2018). Estas e outras ações contribuíram para a precarização estrutural do trabalho que pode ser sintetizada na flexibilização que é

“expressa na diminuição drástica das fronteiras entre a atividade laboral e espaço da vida privada, no desmonte da legislação trabalhista, nas diferentes formas de contratação da força de trabalho e em sua expressão negada, o desemprego estrutural” (ANTUNES, 2018, p. 145)

De outro modo, a flexibilização é a expressão contemporânea da exploração do trabalho realizado de forma excedente pelo/a trabalhador/a que é apropriado, em forma de lucro, pelos empresários - capitalistas, donos dos meios de produção, etc. (NETTO; BRAZ, 2006; BRUSCHI; MUZZUPAPPA; NUSS; STECKNER; STÜTZLE, 2016).

Contudo, a flexibilização e a exploração do trabalho é exercida nos trabalhadores homens e nas trabalhadoras mulheres porém já apontava Antunes (2008) que o aumento das formas de subproletarização com a expansão dos trabalhos parciais, precários, temporários e subcontratados atinge de forma distinta as mulheres ao utilizar uma constatação de Helena Hirata sobre o caso japonês de que do “incremento da força de trabalho, um contingente expressivo é composto por mulheres, o que caracteriza outro traço marcante das transformações em curso no interior da classe trabalhadora” (ANTUNES, 2008, p. 65).

2.2.1 Por um olhar sexuado do trabalho: concepções da Divisão sexual do trabalho

A carreira, a profissão e até mesmo a ideia de ciência se consolidaram no século XIX e adentraram no século XX, tendo como plano de fundo uma sociedade dividida pelo gênero, o que provoca a afirmação de que “as questões envoltas à tecnologia, à formação profissional, ao trabalho” (HIRATA, 2003, p. 144) e “à profissão” (BONELLI, 2010, p. 115) são construções majoritariamente masculinas.

Antes de adentrar na divisão sexual do trabalho é importante a compreensão da diferença entre sexo e gênero. Tomando como base a concepção de Mooney (2016) o sexo pode ser compreendido por uma classificação biológica ao passo que o gênero constitui a partir das expectativas e as definições socialmente perceptíveis associadas ao ser feminino (mulher) e masculino (homem) conforme Quadro 3.

Quadro 3 – Diferença entre sexo e gênero na perspectiva binária

	SEXO	GÊNERO
CLASSIFICAÇÃO	Atribuição biológica conforme órgãos genitais	Atribuição social conforme percepção do ser social
DENOMINAÇÃO	Feminino	Mulher
	Masculino	Homem

Fonte: Adaptação de Mooney, 2016

Opta-se pela realização deste estudo considerando o conceito binário de sexo e gênero mesmo reconhecendo que exista na sociedade outras configurações de sexo e gênero não binários e pesquisas específicas que fundamentaram a segunda onda do

feminismo ao abordar estas realidades²⁰.

O gênero sendo uma representação social do ser mulher e do ser homem demonstra que no processo de desenvolvimento da humanidade foi sendo construída uma distinção entre o ser natural e o ser social. Mooney (2016) aponta que na sociedade de caça e coleta, homens e mulheres eram economicamente equivalentes, e com a evolução dos modos de produção a propriedade privada passou a ser controlada pelos homens enquanto as mulheres permaneciam em casa no cuidado dos filhos trabalhando sempre “no setor reprodutivo (privado) e produtivo (público), [o que levou ao] seu trabalho nunca foi considerado produtivo, só o do homem” (MURARO, 2002, p. 127).

Isto fez com que ao longo do processo histórico ocasionasse “diferenças significativas na educação e nos níveis de renda, no envolvimento profissional e político e nos direitos civis de mulheres e homens” (MOONEY, 2016, p. 339) impostos pelas organizações da sociedade com base na classificação sexual, que podemos compreender como sexismo estrutural ou institucional.

Desta forma, a presente investigação corrobora com o entendimento de Kérigoat (1996) ao compreender o homem e a mulher como dois grupos oriundos das construções sociais que possuem uma relação, sendo denominada, relações sociais de sexo. As relações na sociedade possuem uma base material (o trabalho) que demonstra um domínio masculino e uma subordinação feminina moldada pela divisão social do processo produtivo entre os sexos, sendo conhecido como divisão sexual do trabalho (KÉRGOAT, 1996; MOONEY, 2016).

Hirata e Kérigoat afirmam que a divisão sexual do trabalho é

“a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Pode assumir diferenciadas configurações ao longo da história tendo como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares, etc.)” (HIRATA E KERGOAT, 2007, p. 599).

²⁰ Para ampliar a percepção de gênero recomenda-se a leitura do artigo Gêneros não-binários, identidades, expressões e educação escrito por Neilton dos Reis e Raquel Pinho e publicado na Revista Reflexão e Ação, volume 24, número 1, p. 7-25, Jan./Abr. 2016.

As possíveis configurações assumidas pela divisão sexual do trabalho propõe a busca por compreender sua dinâmica nos setores econômicos e nos mundos do trabalho específicos tornando-a uma categoria de análise oriunda da construção histórica das relações entre homens e mulheres em que faz-se presente as relações de poder (QUIRINO, 2015).

Na perspectiva histórica, a divisão sexual foi a primeira forma de repartição do trabalho já nas comunidades primitivas (NETTO; BRAZ, 2006) prolongando no trabalho realizado pelas mulheres em serviços complexos como a agricultura e o artesanato, não somente em serviços de cuidado (ALBORNOZ, 1986). Esta situação de presença mútua entre homens e mulheres no trabalho tem sua primeira alteração entre o século XVIII e o século XIX com a revolução industrial e a “expansão do trabalho industrial foi um motivador de utilização de mão-de-obra feminina, principalmente na indústria têxtil, alimentícia e fora da indústria no setor educacional” (BICALHO; ALMEIDA; GAUDÊNCIO; GUIMARÃES, 2021, p. 8) marcando a associação da identidade feminina²¹ com as tarefas de cuidado e com a vida doméstica.

Houve uma virada parcial de chave na presença feminina dentro do mercado de trabalho com a segunda guerra mundial, visto que a guerra levou a necessidade da sua inserção em maior escala no mundo produtivo e “graças à mudança da natureza do trabalho e aos avanços tecnológicos, passaram a competir diretamente com os homens por empregos e salários” (MOONEY, 2016, p. 337).

O fim da guerra não levou as mulheres a perderem sua posição, mas levou a uma modificação na apropriação do seu trabalho sob uma nova organização do trabalho que surgia no Japão: o toyotismo (PINTO, 2007). Antunes (1999) ao refletir sobre o toyotismo apresenta que houve uma expansão do trabalho em tempo parcial utilizando-se da força produtiva das mulheres e dos imigrantes em trabalhos desqualificados e ilegais.

A transição do século XX para o século XXI afasta a organização do trabalho dentro dos modelos taylorista, fordista e toyotista (PINTO, 2007) centrado no processo

²¹ Para compreender a construção da identidade da mulher no mundo do trabalho recomenda-se a leitura do artigo Mulher e identidade profissional: processos educativos, relações sociais de sexo e o mundo do trabalho escrito por Thiago Bicalho, M. Lorena Almeida, E. Kelli Gaudêncio e A. Vitor Guimarães e publicado na Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, v. 2, n. 21, e12656, 2021

industrial para as metamorfoses do mundo do trabalho vinculado ao setor de serviços. Antunes (2008) aponta que a ampliação da participação feminina no mundo do trabalho marca uma transformação da classe trabalhadora com a ampliação do trabalho em tempo parcial, a apropriação das competências desenvolvidas no trabalho doméstico sendo aplicadas às empresas possibilitando afirmar que “apesar das diferenças nacionais, a presença feminina representa mais de 40% da força de trabalho em muitos países capitalistas avançados” (ANTUNES, 2008, p. 66).

A presença das mulheres no mercado de trabalho conduziu estudiosos/as e pesquisadores/as aos estudos sociais que discutem as “diferenças existentes entre homens e mulheres no mundo laboral, sobretudo identificando e analisando a opressão e a dominação sofrida pela mulher desde o início dos tempos” (QUIRINO, 2015, p. 230).

Estudiosos do trabalho como Antunes (2008; 2009) associa o processo de feminização do trabalho com as formas de precarização e as desigualdades de direitos, de condições de trabalho de forma geral. Através da temática salarial percebe-se que o percentual recebido pelas mulheres é bem menor do que os auferidos pelos homens.

As formas de manifestação da desigualdades entre homens e mulheres inicia antes mesmo do ato de trabalhar pois como apresentado por Oliveira, Brangion e Ribeiro (2014) as mulheres encontram resistências a realizar funções tradicionalmente exercidas pelos homens primeiramente pelo fato dos gestores, em sua maioria do sexo masculino, preferirem contratar homens. Isto demonstra que

“embora a mulher venha conquistando progressivamente seu espaço na vida profissional e educacional, quando se trata das relações sociais de sexo/gênero no mundo do trabalho, há muitas barreiras encontradas por elas para se inserir e ascender profissionalmente” (OLINTO, 2011, p.125).

A ascensão das mulheres dentro do trabalho não manifesta uma qualidade nas ocupações realizadas visto que este crescimento é manifestado em cargos de inferioridade e de baixa autoridade na empresa o que gera, conseqüentemente, menores salários e menores perspectivas de promoção (STEIL, 1997).

As dificuldades e desigualdades são manifestadas em nível macro pelo desemprego e pelas más condições de vida que fortalecem a opressão da mulher na sociedade capitalista (TOLEDO, 2008).

Isso aponta que a divisão sexual do trabalho é expressa “nas carreiras, nas qualificações e nos salários entre os sexos” (CISNE, 2014, p. 89) e necessita de um olhar sociológico sobre a “distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões” (HIRATA; KÉRGOAT, 2007 p. 596). Sendo que este olhar é necessário para perceber a dinâmica da divisão sexual do trabalho com a manifestação da “opressão, o preconceito, a marginalização pela sua condição feminina e, por outro lado, a exploração econômica, imputando-lhe uma dupla jornada como trabalhadora doméstica e assalariada” (QUIRINO, 2015, p. 235).

Com isso, as formas de “apreender as relações que envolvem as profissões e gênero são diferenciadas entre as carreiras e seus níveis hierárquicos, pela origem social, a geração e a dupla jornada” (BONELLI; BARBALHO, 2008, p. 277). Essa constatação demonstra a necessidade do olhar sexuado²², uma vez que “a diferença entre ser profissional homem e ser profissional mulher [...] e [essas diferenças] não mudarão no mercado de trabalho se não mudarem em casa, no ambiente privado, no ambiente doméstico” (BONELLI, 2010, p. 114).

É indispensável falar da desigualdade de homens e mulheres no mercado de trabalho sem abordar a situação do trabalho reprodutivo, manifestado principalmente pelo trabalho doméstico. E no que refere-se ao trabalho doméstico, a mulher trabalhadora exerce sua força de trabalho no espaço público e no universo da vida privada criando condições indispensáveis de sua própria existência, como também, de seus maridos e filhos (ANTUNES, 1999). Ou seja, é necessário que se estude

“a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos” (HIRATA; KÉRGOAT, 2007 p. 596).

Recorrer ao entendimento da vida cotidiana impacta na melhor compreensão da dimensão do “extra trabalho, principalmente à relação entre os homens e as mulheres no universo doméstico” (HIRATA, 2009, p. 25) para que este trabalho da reprodução da vida humana não seja invisibilizado e que a divisão desigual do trabalho doméstico não

²² Considera-se como olhar sexuado a dimensão sexuada do trabalho, ou seja, a distinção dos trabalhadores em homens e mulheres como preconizado nas análises da Divisão Sexual do Trabalho.

perpetue

“o modelo profissional masculino (“livre” dos afazeres da reprodução, “ajudante” na melhor das hipóteses) e mantém, com altíssimo custo para as mulheres, um modelo doméstico feminino (YANNOULAS, 2013, p. 36).

Estima-se que através da constatação das desigualdades entre os sexos seja possível alcançar o entendimento de que "eliminar os estereótipos de gênero e redefinilo em termos de igualdade não significa apenas libertar as mulheres, mas também libertar os homens na sociedade" (MOONEY, 2016, p. 366). Quirino e Gonçalves (2021) atribuem a sociedade uma importante missão de reverter a necessidade de um maior esforço das mulheres perante os homens, já que o acionamento de padrões de estudo, dedicação e perseverança superiores aos dos homens em um mesmo contexto é uma das estratégias de resistências das mulheres mas não pode se tornar uma regra para romper as barreiras de gênero em busca de uma sociedade equânime.

2.3 Carreira: concepções e o resgate conceitual do termo

A busca pela compreensão de carreira passa por uma jornada até a origem epistemológica da palavra carreira que segundo Martins (2001 apud CINTRA, 2018) se origina do latim *via carraria* significando estrada para carros e, no século XIX, passando a ser utilizada para representar a trajetória de vida profissional. Daí em diante as empresas e organizações inspiradas na concepção tradicional de carreira apresenta aos trabalhadores/as a possibilidade de ingressar em uma carreira, com um caminho predeterminado que contemplasse o crescimento hierárquico e salarial, o seu vínculo com uma profissão e a sua estabilidade na empresa até a aposentadoria. O autor aponta que esta concepção de carreira é limitante pela noção de avanço em progressão vertical, pela associação da carreira a uma profissão e pela pressuposição de uma estabilidade ocupacional.

Ribeiro (2009; 2013; 2014) parte da busca por uma visão mais integral de carreira aponta para inúmeras concepções de carreiras que coexistem na contemporaneidade. As duas estruturas mais perceptíveis reúne as concepções e conceitos em dois grupos: carreira objetiva e carreira subjetiva.

As carreiras objetivas, também conhecidas como externas ou organizacionais, fazem parte de uma estrutura organizacional de carreira que representa a progressão de

uma pessoa no interior de uma empresa. As carreiras objetivas não despertaram muitos estudos por serem restritas aos planos organizacionais de carreira e a sua gestão da carreira realizada pela empresa contratante em um modelo tradicional, previsto nas organizações taylorista-fordistas (RIBEIRO, 2014).

Hugles (1937 *apud* RIBEIRO, 2014) é o primeiro autor a apresentar a perspectiva da carreira dividida entre carreira objetiva, vinculada a constituição e organização social das trajetórias de cargos e funções pelas empresas e/ou instituições, e da carreira subjetiva constituída pelas movimentações das pessoas no trabalho e as interpretações deste movimento. Ribeiro (2014) aponta que a obra de Super em 1957 é emblemática para a concepção das carreiras subjetivas sendo, principalmente, fruto das pesquisas no “campo da Orientação Profissional visando compreender os processos psicológicos de construção de sí no trabalho e da estruturação do mundo do trabalho” (RIBEIRO, 2014, p.46)

Donald Super e Douglas Hall (1978) realizam um estudo em conjunto que aponta o movimento de aproximação destas percepções nos estudos de carreira. Os autores resgatam o conceito de Hugles que aponta a carreira como “uma sequência de cargos ocupados por uma pessoa durante o curso da vida [enfatizando que] Super et al prefeririam enfatizar as carreiras objetivas [...] e Hall sua definição subjetiva”²³ (SUPER; HALL, 1978, p. 334).

A compreensão das várias definições de carreira atribuída ao longo dos anos e sua classificação por campos de saber já foram motivações de vários pesquisadores no campo dos estudos de carreira, para não fugir do foco desta investigação apresenta-se uma síntese da análise realizada por Ribeiro (2014) para situar o leitor quanto a concepção adotada nesta investigação conforme o quadro 4.

Quadro 4 – Principais definições de Carreira por autor e campo do saber

	CAMPO DO SABER	AUTORES/AS
Carreira Organizacional Outras denominações: Objetiva (Hugles, 1958) Externa (Schein, 1993) Burocrática (Chanlat, 1995) Corporocrática (Kanter, 1997)	Administração	Douglas Hall (1976, 1996, 2002); Edgar Schein (1971, 1978, 1993); Everett Hugles (1937, 1958) John Van Maanen (1977)

²³ Texto original em inglês com tradução livre do autor: “a career is a sequence of positions occupied by a person during the course of a life-time (107). Super et al (112) would prefer to stress Hughes' (58) objective career and Hall (44) his subjective definition”

Expressão da vocação no mundo do trabalho	Psicologia (Enfoque teórico Traço-Fator)	Crites (1974); Dawis e Lofquist (1984); Frank Parsons (1909/2005);
Veículo de auto realização no trabalho	Psicologia (Enfoque teórico Tipológico)	John Holland (1973, 1997)
Ciclo evolutivo de experiências no trabalho e saliência de papéis sociais	Psicologia (Enfoque teórico Desenvolvimentista)	Donald Super (1953, 1985)
Desempenho de papéis sociais no trabalho	Sociologia	Berger e Luckmann (1980)
Mobilidade social	Sociologia	Boudon e Bourricaud (1994)
Estruturas de trabalho inserida nas organizações	Sociologia	Blau e Duncan (1967)
Respostas às forças de mercado	Economia	Compreensão apresentada por Ribeiro (2014)

Fonte: Adaptação de Ribeiro, 2014

As definições apresentadas no quadro excluem as noções contemporâneas de carreira que, no estudo de Ribeiro (2014) foram apresentadas em dois grupos, a saber:

- Ciências da Gestão: Carreira de proteu proposta por Douglas Hall; Carreira sem fronteiras proposta por Michael Arthur e Denise Rousseau; Carreira multidirecional proposta por Yehuda Baruch; Carreira Caleidoscópio proposta por Sherry Sullivan e Lisa Mainiero; Carreira portfólio proposta por Mary Mallon; Carreira Organizacional oriunda das concepções tradicionais e outras com baixa representatividade nos estudos.
- Ciências do Trabalho: Modelo arco-íris de carreira proposto por Donald Super; Modelo transicional proposto por Nancy Schlössberg; Modelo desenvolvimentista-contextual proposto por Fred Vondracek e colegas; Modelo do *Life Designing* proposto por membros do *Life Design International Research Group* e Modelo contextualista da ação.

Ribeiro (2014) aponta que vários estudos de Shein, Super e Hall tentaram aproximar as concepções de carreira dos enfoques traço-fator, tipológico e desenvolvimentista. Em um destes estudos após Super e Hall (1978) apontarem as possibilidades de desenvolvimento de carreira, na percepção objetiva e subjetiva, eles concluem com uma importante percepção de que o programas de carreiras organizacionais representam a segunda fase para se alcançar a equidade nas

oportunidades de emprego, sendo a primeira fase foi a entrada das mulheres nas organizações, a sua segunda fase seria a oferecer oportunidades iguais de desenvolvimento.

Desta maneira, ao escolher a carreira como um objeto desta investigação, é possível compreender o trabalho realizado para a garantia da vida (reprodutivo) e as etapas do trabalho produtivo através da escolha do setor da economia para atuar, a escolha da área de trabalho e da profissão, assim como, a escolha (ou não) do cargo/ocupação e das atividades desempenhadas. Busca-se representar na carreira a materialização da trajetória educacional e a trajetória profissional dos sujeitos no trabalho e seus projetos de vida no trabalho com vistas para o futuro. Para que esta análise seja possível, cabe demarcar a perspectiva conceitual adotada e a sua construção.

2.3.1 Por uma abordagem psicossocial de carreira: projetos e trajetórias de vida no trabalho

A reflexão sobre os processos formativos e sobre a trajetória laboral está no campo das práticas organizacionais (trabalho, educação formal, dentre outros fatores objetivos) que ao se relacionar de forma dialética com os processos sociais (sonhos, objetivos, articulação subjetiva entre o individual e o social) encontram na carreira a sua materialidade e sua perspectiva de futuro.

Filgueiras e Cavalcante (2020) ao escrever o novo adeus à classe trabalhadora aponta que o trabalho assalariado está em declínio, assim como, as proteções do trabalho nas legislações. Este cenário muda o protagonismo do emprego como mecanismo de inserção no mundo do trabalho o que segundo Ribeiro (2009) gerou uma ruptura na concepção de carreira organizacional e expandiu os estudos de carreira para o mundo do trabalho como um todo.

Mesmo com toda a ampliação e complexidade do mundo do trabalho, a noção de carreira dos tempos atuais tem sua origem centrada em valores vinculados a valorização individual dos sujeitos e ao progresso econômico o que desconsidera as desigualdades que são expressas nos diferentes níveis de escolarização e de formação profissional que os sujeitos têm acesso (SOARES, 2012).

Dentre as várias formas de compreender as carreiras na atualidade, todas buscam de alguma forma sistematizar e organizar as experiências dos indivíduos com o mundo

do trabalho pela possibilidade de posicionamentos e de construção de projetos de vida, trajetórias e identidades (RIBEIRO, 2013).

Desta maneira o Ribeiro (2009) aponta que o panorama das carreiras organizacionais não foi completamente substituído, e sim, coexistem com novas formas de carreira. Para compreender melhor esta dinâmica, o autor propõe a concepção de carreira psicossocial como

“uma relação dialética entre projeto social (estrutura objetiva) e projeto de vida de cada pessoa (estrutura subjetiva), entendendo projeto como uma articulação entre individual e social, concretizados pelas trajetórias de vida (deslocamentos espaços-temporais) tanto das pessoas, quanto das organizações do trabalho, vistos como fenômenos psicossociais legitimados e compartilhados” (RIBEIRO, 2009, p. 214).

Para a construção conceitual de carreira psicossocial, o autor faz um resgate epistemológico original do termo oriundo do latim *via carraria* como uma significação ampliada de padrão de um percurso, curso de ação ou trajetória aplicada às relações entre as pessoas e o mundo do trabalho (RIBEIRO, 2014). Esta articulação entre o pessoal e o social é concretizado – e aqui chamado de materializado – nas trajetórias de vida no trabalho como afirma Certeau (1994) como sendo uma sucessão diacrônica de pontos percorridos que são determinadas pelas práticas cotidianas coletivas possibilitando afirmar que “não existiriam carreiras individuais nem modelos hegemônicos de carreiras, mas sim modelos finitos e heterogêneos, construídos em relação e legitimados socialmente” (RIBEIRO, 2009, p. 212).

Com base em Ribeiro (2009; 2014) a carreira, na perspectiva do presente, seria uma construção processual dos trabalhadores com a marcação dos projetos de vida em sua trajetória no mundo do trabalho, possuindo, ainda, legitimidade social. Já na perspectiva do futuro, o autor apresenta a existência de “um projeto psicossocial de carreira, não planejado a priori, mas construído nas relações psicossociais pelas práticas cotidianas” (RIBEIRO, 2009, p. 213) que contribui como um projeto de ação de forma operatória, não para prever os passos futuros no trabalho – como previsto nas carreiras organizacionais – mas como um processo de construção da carreira na relação pessoa-mundo que afeta as escolhas e ações.

2.4 Triangulando teorias para compreender o turismo

O setor de turismo preconiza em várias áreas um alto padrão de qualidade na prestação de serviços, o que leva a uma “forte valorização” da qualificação profissional dos trabalhadores mesmo em condições precárias de trabalho.

O movimento das empresas em não conceder posições de destaque para formação superior no remete aos problemas de concepção para a criação do curso de turismo no Brasil, que seria em nível técnico (MATIAS, 2002) e nos leva a problematizar os processos formativos que ocorrem no setor de turismo na contemporaneidade.

Com a educação profissional e tecnológica exercendo um papel de formação ampla e integral dos/as trabalhadores/as é possível perceber os recursos educacionais formais e informais acessados ao longo do exercício profissional para consolidar os conhecimentos, competências e habilidades no trabalho, constituindo com isso as trajetórias laborais de homens e mulheres em suas carreiras. Todavia, a percepção das trajetórias educacionais no turismo são complexas pois o setor encontra-se em um campo mais amplo que “envolve hospedagem, gastronomia, lazer, entretenimento, meio ambiente, mídia, cultura em geral” (TRIGO; CARVALHO, 2005, p. 5).

Na busca de compreender os processos formativos na educação tecnológica é importante realizar a distinção entre os cursos técnicos e os cursos superiores em tecnologia.

A oferta de cursos técnicos é disciplinada pelo Catálogo Nacional de Cursos Técnicos - CNCT que orienta as instituições, estudantes e a sociedade de forma geral. O CNCT apresenta 215 cursos distribuídos em treze eixos tecnológicos contendo informações básicas do curso, da ocupação vinculada e do exercício profissional (BRASIL, 2021b). Em outra medida, a oferta dos Cursos Superiores em Tecnologia – CST é regulada pelo Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia – CNCST que busca assegurar uma relação entre a formação dos tecnólogos com a demanda dos setores produtivos e da sociedade. O CNCST apresenta 134 Cursos Superiores de Tecnologia distribuídos também em treze eixos tecnológicos (BRASIL, 2016).

O setor de turismo está presente no eixo tecnológico Turismo, Hospitalidade e Lazer que é similar, tanto no CNCT quanto no CNCST, e reúne uma gama de procedimentos e técnicas relacionadas à interação, viagens, eventos, entretenimento, gastronomia e outros serviços (BRASIL, 2016; BRASIL, 2021b). A oferta de cursos

técnicos reúne os cursos em Agenciamento de Viagem, Eventos, Gastronomia, Guia de Turismo, Hospedagem, Lazer e Serviços de Restaurante e Bar, já os cursos superiores em tecnologia são em Eventos, Gastronomia, Gestão de Turismo, Gestão Desportiva e de Lazer e Hotelaria sendo que os cursos são associados com as ocupações presentes na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO conforme Apêndice C.

O vínculo dos catálogos nacionais de cursos as ocupações nos remete aos estudos da sociologia da profissão que apontam para uma indefinição conceitual no modelo de profissão por falta de consenso, mas uma constatação que as profissões são um produto da modernidade que se mantêm por meio de um “monopólio” em torno do mercado (NASCIMENTO; BONELLI, 2009).

Este “monopólio” é possível pela soma de fatores internos e externos ao profissional, muito sustentado pela valorização do treinamento vocacional das profissões – marcando consequentemente “as instituições de ensino que emitem as credenciais necessárias para o exercício da profissão” (NASCIMENTO; BONELLI, 2009, p. 87). Em um contexto de garantias de existência de um monopólio profissional no mercado a formação começa a exercer uma função de justificativa para a proteção do exercício profissional ao “oferecer à sociedade a garantia de que estão mais preparados do que outras pessoas para empreenderem essa atividade complexa” (BONELLI, 2010, p. 113). Faceada pelo benefício da formação para a garantia e a reserva dos postos de trabalhos a formatura da primeira turma do curso bacharelado em turismo, em 1975, veio com a primeira proposição de lei para o reconhecimento da profissão, a definição do piso salarial e o detalhamento das ações exclusivas dos turismólogos (MATIAS, 2002).

O reconhecimento da profissão avançou a passos lentos, sendo a profissão reconhecida em 2012 com o veto na obrigatoriedade de formação superior para exercer a atividade (BRASIL, 2012) o que não se torna uma garantia de monopólio na atuação dentro do setor. Em termos da prática profissional os autores Silveira e Medaglia (2016) constataram uma lacuna nos estudos que abordassem o mercado de profissionais da área de turismo em qualquer nível de formação, supondo que essa ausência seja justificada pela “característica dualizada da formação superior em turismo, caracterizada no Brasil pelos cursos seguidores da tradição pesquisadora e o de tradição mercadológica” (SILVEIRA; MEDAGLIA, 2016, p. 112).

Independente das tradições e do formato do curso realizado, a educação e o mundo do trabalho se cruzam em vários momentos e, no turismo, setor em que a prestação de

serviços tem uma centralidade, existe um olhar cuidadoso para as relações interpessoais (MASSARI, 2006). Tais relações são permeadas de significados entre os atores que produzem – os trabalhadores – a atividade turística e os que consomem – os turistas como, também, internamente entre os próprios trabalhadores e os próprios turistas.

Assim como já relatado nesta investigação, as relações sociais são permeadas pelos sexos e como afirmam Abellan, Izcara e Salvador (2021) devido à grande feminização nos postos de trabalho do setor de turismo torna-se necessário analisar os impactos sobre uma perspectiva de gênero para identificar as repercussões. Tais relações, no tempo presente, tornaram-se agravadas pela pandemia de Covid-19 e as situações de distanciamento em que “as casas se transformaram em um espaço político, mostrando as desigualdades de poder que a configura”²⁴ (ABELLAN; IZCARA; SALVADOR, 2021, p. 173).

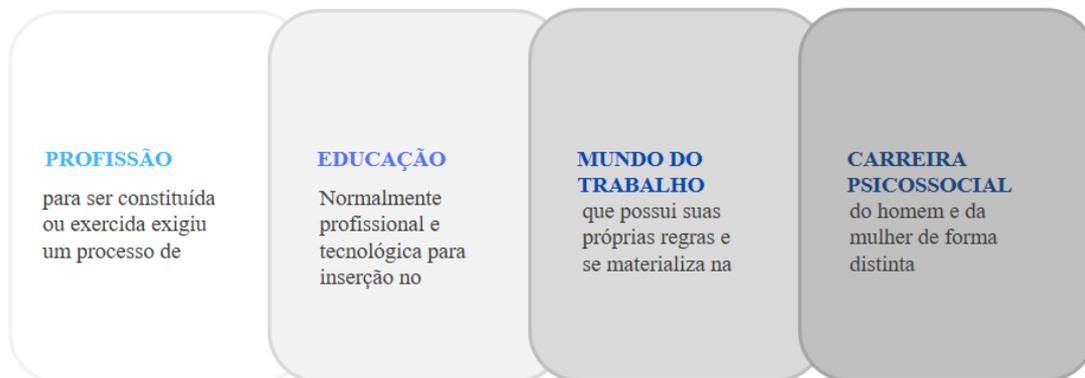
Os processos formativos, as configurações do trabalho e a sua divisão entre os sexos no turismo passa por uma percepção da educação crítica, tendo um olhar sobre a formação integral dos sujeitos para o trabalho e por um olhar sexuado aos trabalhadores. Em busca de um objeto que se materializasse nesta análise, encontra-se caminho na abordagem dialética de carreira psicossocial.

Esta discussão posta no capítulo aponta para a resposta do primeiro objetivo específico visto que a educação do/a trabalhador/a acontece normalmente na educação profissional e tecnológica como precedente para a inserção no mundo do trabalho, sendo que cada setor tem as suas próprias regras mas, uma mesma desigualdade, baseada na divisão sexual do trabalho que pode ser constatada pela materialidade nas carreiras psicossociais. Desta forma, uma formação e um trabalho idêntico poderá proporcionar carreiras psicossociais distintas, e não hegemônicas, entre os homens e as mulheres em função da divisão sexual do trabalho.

A triangulação das concepções teóricas aplicadas à análise foram sintetizadas e pode ser observada na figura 1.

²⁴ Texto original em espanhol com tradução livre do autor: “las casas se han convertido en un espacio político, mostrando las desigualdades de poder que ellas configuran”

Figura 1 – Triangulação de concepções teóricas aplicada a análise



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Isto posto, recomenda-se que as pesquisas na educação profissional e tecnológica levem em conta a relação dos processos formativos com o mundo do trabalho sob um olhar sexuado da divisão sexual do trabalho. Ao investigar esta relação em um setor, como o turismo, deve-se ter no horizonte que o trabalho realizado pelos trabalhadores homens encontra-se materializado e organizado nas carreiras psicossociais de forma distinta dos realizados pelas trabalhadoras mulheres.

CAPÍTULO 3 - COMPLEXIDADE DO SETOR DE TURISMO: Aproximação do lócus de pesquisa

Aproximar da realidade investigada mantendo um certo distanciamento é um princípio importante na análise dos dados coletados. Para isso, o presente capítulo apresentará a complexidade da constituição e compreensão do setor do turismo ao ampliar o olhar para a organização do turismo nos territórios, o recorte adotado do agenciamento de viagens, os sujeitos de pesquisa e finalizando com as categorias chaves para esta investigação.

3.1 Organização do turismo nos territórios

A produção do saber turístico foi objeto de estudo de Marutschka Moesch e originou um livro que fundamenta a epistemologia do turismo, sendo para esta investigação um caminho importante para compreender as origens do turismo, sua organização e suas complexidades.

Suprimindo a existência de todas as nações ou estados independentes, se o turismo representasse um estado em aspectos econômicos seria a terceira potência econômica do mundo atrás apenas dos Estados Unidos e do Japão (MOESCH, 2002). Dentro do mundo que habitamos pode-se considerar a existência de vários mundos do trabalho, na perspectiva etnossociológica, no qual podemos segmentá-los de forma ampla pelos setores da economia: agricultura, indústria e comércio/serviços. A primeira complexidade evidenciada pelo turismo é a dificuldade de enquadrar o turismo nos setores gerais da economia tendo nesta linha o apontamento de Moesch (2002) que reforça a existência de múltiplos componentes que constituem a atividade turística indo desde a aviação até às casas noturnas podendo somar mais de cinquenta itens da economia.

O campo de trabalho vinculado ao turismo é associado ao setor de serviços por ter forte relação com as áreas de lazer, hotelaria, gastronomia e entretenimento considerados serviços multifacetados, complexos e sofisticados (TRIGO, 2006) mesmo que movimentando produções associadas que envolve as indústrias e o comércio. Moesch (2002) pontua que o turismo é, portanto, uma combinação de inter-relacionamentos entre a produção e os serviços que associado a elementos da prática social constrói os produtos turísticos.

O turismo desperta a necessidade na prática social por ser um processo humano que ultrapassa o entendimento como um sistema econômico (MOESCH, 2002), isto já era apontado por Nely Abaurre (2006) ao retomar os ensinamentos de Hesíodo, poeta

grego do século VI a. C., para pensar que a vida deveria ser pautada pelo trabalho e pelo dever de ser justo e conclui que a natureza humana é construída com base na transformação da natureza original pelo trabalho e pela justiça. Inspirados em Moesch (2002) pode-se apontar que o fazer turístico, tanto para quem produz quanto para quem consome, é uma forma de apropriação de poder na sociedade.

A segunda complexidade evidenciada no turismo é o rompimento com a perspectiva funcionalista e fenomenológica nos estudos do turismo, extrapolando o empirismo de analisar o fenômeno em sua aparência, sendo, para isso, proposto por Moesch (2002) contemplar um olhar interdisciplinar em conjunto com uma perspectiva dialética de análise para envolver categorias como economia, tecnologia, tempo, espaço, sujeito, diversão, ideologia, pós-modernidade, comunicação e imaginário mediante inspirações de Castells (1997), Morin (1986) e Maffesoli (1996).

Ao estudar a organização do turismo no território de forma interdisciplinar contribui para uma teorização turística que “estabelece condições de objetividade sobre seus conhecimentos científicos – seus modos de observação e de experimentação -, portanto, na construção de uma epistemologia” (MOESCH, 2002, p. 51) concedendo a importância e a grandeza necessária ao turismo.

Resgatando a perspectiva etnossociológica para compreender o mundo do trabalho, já com características específicas para o turismo, encontra-se o mundo social do trabalho que compreendemos como o setor de turismo e que possui suas próprias regras e maneira de funcionamento. Adota-se, como já apresentado nesta investigação, a compreensão por meio das atividades características do turismo – ACT segmentando ainda no núcleo de turismo (IPEA, 2015).

O objeto desta investigação encontra lugar nas carreiras, tendo a educação e o trabalho representado no passado, no presente e nas perspectivas futuras mas não se restringe apenas à dimensão econômica. Corroborando com a Moesch, no turismo, a superação de uma “compreensão reducionista [econômica] só será possível por meio de uma teorização mais complexa, em que a categoria econômica seja articulada às demais categorias” (MOESCH, 2002, p. 37).

Fora dos limites econômicos, Moesch (2002) aponta o turismo como um fenômeno histórico que ocorre em um mundo de constantes mudanças e desenvolvimento e gera experiências reais que podem ser entendidas e sistematizadas. Tendo isto em vista,

o setor de turismo é composto de sujeitos repletos de singularidades e de trajetórias dispostas no tempo e espaço que pode-se ampliar o olhar para compreender as suas práticas, não restrita às ações mensuráveis, mas sim na compreensão da maneira de viver na história.

O turismo se distingue do consumo puramente materialista pois desperta o desejo de vivenciar o que em algum momento foi imaginado para encontrar novidades e saciar o prazer. Com isso, o fenômeno turístico

“constitui-se de espaço e de tempo, como práticas sociais, os quais se reconstruem a partir de determinações econômicas e tecnológicas, mas não sem a isenção de sujeitos ideológicos, comunicacionais, carentes de práticas imaginativas e diversionais, sujeitos em seu tempo e espaço pós-moderno” (MOESCH, 2002, p. 47).

O turismo e sua organização no território ocorre em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, através do deslocamento dos sujeitos afastando-o simbolicamente do cotidiano com um conjunto de subjetividades na busca do prazer constituindo-se como um campo de práticas histórico-sociais (MOESCH, 2002). Sendo assim, o presente estudo realiza um questionamento sistemático voltado aos trabalhadores/as que produzem o fenômeno turístico em toda a dimensão do saber turístico compreendendo um fragmento da realidade turística aqui proposta enquanto campo.

3.2 Agenciamento de Viagem: lócus de pesquisa

A pesquisa transcorreu na busca de compreender o setor de turismo, todavia devido a sua amplitude e complexidade optou-se pelo recorte do agenciamento de viagem. As empresas, as profissões e as ocupações no turismo não seguem uma única classificação e delimitação no setor de turismo porém um dos principais parâmetros utilizados no setor é o Sistema de Informações sobre o Mercado de Trabalho no Setor Turismo – SIMT que utiliza a terminologia Atividades Características do Turismo – ACT e a distingue em oito grupos:

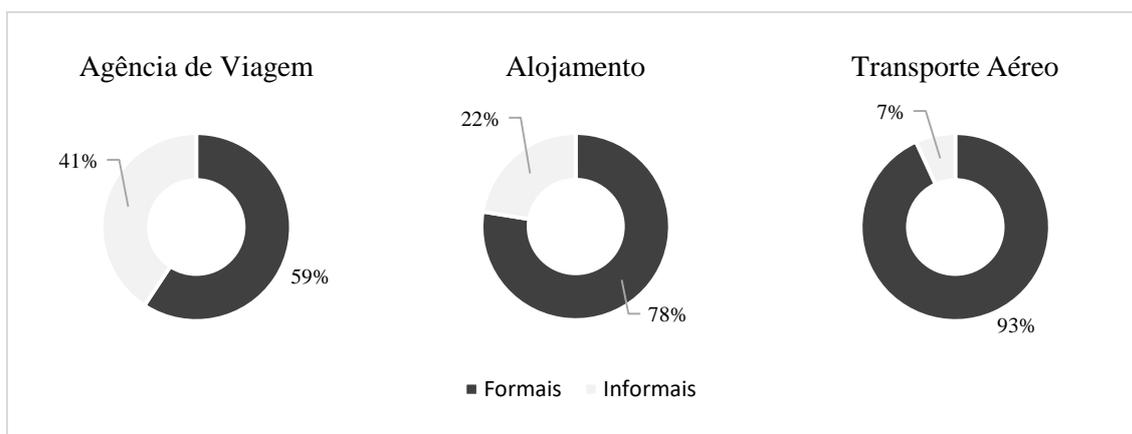
- Alojamento;
- Agências de Viagem;
- Transporte Aéreo;
- Transporte Terrestre;
- Transporte Aquaviário;
- Aluguel de Transportes;

- Alimentação;
- Cultura e Lazer.

As atividades de alojamento, agências de viagens e transporte aéreo são consideradas como núcleo das ACTs ou núcleo de turismo (IPEA, 2015) por serem serviços majoritariamente usufruídos por turistas em comparação com as outras atividades que também podem atender residentes – não turistas. A análise do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA após 2015 considera um coeficiente turístico que demonstra os dados contendo maior proximidade com a realidade.

Através dos dados levantados pelo IPEA e apresentado no SIMT as atividades características do turismo somam, em 2019, mais de 1.069 milhões de ocupações formais e mais de 1.123 milhões de ocupações informais²⁵, porém, mesmo com a proximidade no número total a distribuição não é equiparada entre os grupos, principalmente se tratando do núcleo das ACTs conforme gráfico II.

Gráfico II – Número de ocupações formais/informais no núcleo das ACTs



Fonte: SIMT/Ipea, 2022. Elaboração dos autores

A distribuição desigual entre os trabalhos formais e informais no setor do turismo despertou o interesse em compreender a dinâmica da Divisão Sexual do Trabalho no setor de turismo a partir das carreiras de sujeitos homens e mulheres atuantes no agenciamento de viagem.

Ao propor a análise do agenciamento de viagens, buscamos ampliar a noção apresentada de agência de viagem seguindo a proposição categorizada por Mirian Rejowski (2018) no tesouro brasileiro de Turismo. Nesta categorização temos seis

²⁵ Em números inteiros são 1.069.120 ocupações formais em todas as ACTs e 1.123.115 ocupações informais em todas as ACTs, sendo no núcleo de turismo

divisões: Agência de turismo; Ferramentas de Agenciamento; Montagem e operação de viagens; Programa de viagem; Roteiro de viagem e Serviços de viagem.

Rejowski (2018) propõe subdivisões para as agências de turismo de acordo com a sua finalidade, podendo ser consideradas como:

- Agência consolidadora de turismo: responsáveis pelo elo entre as companhias aéreas e as agências de viagem;
- Agência de turismo corporativo: responsáveis por políticas de viagem e atividades turísticas organizadas por empresas;
- Agência de turismo de incentivo: responsáveis pela operação e venda de viagens de premiação e atividades turísticas de incentivo concedidas por empresas;
- Agência de turismo emissivo: responsáveis pela operação e venda de viagens nacionais e internacionais aos residentes da localidade onde está estabelecida;
- Agência de turismo receptivo: responsáveis pela operação e venda de viagens locais e regionais aos turistas que visitam o destino onde está estabelecida;
- Agência de viagens: responsáveis por vendas de viagens emissivas e receptivas;
- Agência geral de vendas: responsáveis por vendas de viagens e outras atividades associadas a turismo;
- Agência virtual de turismo: responsáveis pela operação e venda de viagens emissivas e receptivas no ambiente virtual;
- Operadora turística: responsáveis pela operação de atividades turísticas com oferta direta a agências de viagens;
- *Travel Management Company* – TMC: responsáveis pela gestão, planejamento e organização de viagens. Normalmente é uma prestação de serviço a empresas.

Para além de todas as subdivisões de agência de viagens, ao adotar a análise no agenciamento de viagem busca-se contemplar as ferramentas de agenciamento, os programas e roteiros de viagem, a montagem e operação de viagens como *city tour*, *familiarization tour* – FAMTOUR, *forfait* – viagens individuais/pequenos grupos, pacotes de viagens em grupo e tours – excursões e passeios. Os serviços de viagens,

última das seis divisões propostas por Rejowski (2018), englobam o assessoramento ao viajante no aspecto da gestão de viagem e guiamento de grupos e a intermediação de serviços de guia, de intérprete, de reserva, de traslado e/ou de serviços emissivos/receptivos.

Os detalhes destas possibilidades do agenciamento de viagens são perceptíveis nas entrevistas realizadas com os profissionais do turismo entrevistados que serão analisadas nos capítulos seguintes. Outro destaque relevante é a relação das agências de viagens com o aspecto tecnológico.

As tecnologias da informação e comunicação ampliou a disputa de mercado das agências de turismo (MASSARI, 2006) visto que, em sua função de intermediadora de serviços, perde espaço para as facilidades de companhias aéreas, hotéis, guias e outros prestadores de serviços realizarem a venda direta ao turista.

Com a crescente disponibilidade das *e-tourism*²⁶ Cristina Massati (2006) aponta que os canais de disponibilização dos produtos e serviços turísticos como as agências e operadoras de turismo precisam realizar a digitalização dos seus serviços e buscarem práticas operacionais inovadoras para conseguirem vencer a competição global e serem bem sucedidas. Com isso, a tecnologia aponta que as agências de viagens precisam adequar sua atuação, atuar na segmentação de seu público e agregar valor às experiências ofertadas (ROCHA, 2006).

No âmbito da experiência turística, extrapolando as visões da tecnologia aplicada a atuação direta das empresas e dos trabalhadores, Moesch (2002) apresenta a transformação realizada pela tecnologia nas múltiplas sequências espaciais e temporais que são possíveis unificar em uma fruição turística quando tratamos de telas digitais que reúnem vários momentos em um atrativo fomentando as utopias atemporais associadas ao desejo da experiência turística.

Em meio a tantas inovações tecnológicas, em meio a pandemia, Rodrigues (2020) aponta para uma triste realidade das agências de turismo que

“já se debatiam com momentos difíceis, sem comissões das companhias aéreas, cada vez mais a assistir à venda direta dos hotéis onde com a facilidade que hoje todos os consumidores podem organizar o seu

²⁶ Nome atribuído as “ferramentas e técnicas de tecnologia da comunicação e informação empregadas pela indústria do turismo com o objetivo de fortalecer as atividades de planejamento, desenvolvimento, gerenciamento e marketing (MASSARI, 2006, p. 38)

programa de férias na internet. [...] Atualmente, como pode sobreviver uma empresa que vive de comissões pelos seus serviços de marcação de viagens, sendo que ninguém se desloca entre países e continentes?" (RODRIGUES, 2020, p. 109).

Uma indagação pertinente em tempos de pandemia tendo em vista que “no turismo de lazer, atrativos e eventos impulsionam as visitas, enquanto agências e operadoras fazem o elo entre a demanda e a oferta” (BRASIL, 2021a, p. 13) algo que se tornou impossível com a proibição do deslocamento isso conduz a ao alerta realizado pelo Ministério da Economia do Brasil de que as agências de turismo receptivo e dos guias de turismo teriam dificuldades para se recuperar da crise econômica causada pela pandemia (BRASIL, 2021a).

É possível considerar que o agenciamento de viagens é um campo amplo dentro do setor de turismo e com complexidades quanto a sua organização, quanto a distribuição de ocupações formais e informais além de possuir uma forte relação de causa/efeito com o avanço das tecnologias da comunicação. Enveredar pela investigação neste lócus de pesquisa torna-se desafiador pela situação crítica vivenciada pelos/as trabalhadores/as impactados/as pela pandemia, assim como, possibilita compreender parte das tramas que compõe a sociedade e este segmento de formação e atuação dos/as trabalhadores/as.

3.3 Da gestão ao operacional: sujeitos da pesquisa

A compreensão do setor de turismo tendo como foco o agenciamento de viagens passa pela real compreensão dos atores envolvidos na condição de produtores da atividade e sujeitos ativos na construção e viabilização de viagens para o turista, desde o planejamento até a vivência no destino escolhido.

Seguindo a perspectiva etnossociológica, tais sujeitos se inserem em um mundo social específico por meio de algum tipo de trabalho porém, no Brasil, identificamos que essa inserção acontece em muitos casos quando o sujeito escolhe um curso técnico, tecnológico ou de graduação e tem o primeiro contato com a área de atuação. Desta maneira a formação do sujeito exerce o papel de colocar os sujeitos em uma posição dentro do mundo do trabalho específico que ele escolheu/se inseriu.

O olhar para a carreira dos/as trabalhadores/as no agenciamento de viagens nos leva a compreender os sujeitos na busca de evidenciar sua formação, problematizar as desigualdades entre homens e mulheres e buscar compreender as relações de trabalho e

os enfrentamentos à precarização do setor de trabalho do turismo, às desigualdade de gênero, ao sexismo e aos preconceitos.

Em um aspecto amplo, para compreender a posição dos sujeitos no mundo de trabalho do turismo é necessário investigar os contextos dos profissionais autônomos e *freelancer* que constitui a base operacional das agências de viagens, as relações entre os profissionais e o mercado de trabalho na esfera administrativa e o que podemos classificar como conto do empreendedorismo no âmbito gerencial das empresas.

Em busca de uma visão integral dos envolvidos no agenciamento de viagens a delimitação dos sujeitos de pesquisa foi realizada em três esferas: a gerencial, a administrativa e a operacional. Buscou-se através de um olhar apurado para a prática e a realidade do setor através de estudos teóricos, documentais e empíricos sobre o setor do turismo proveniente da prática profissional do autor e das experiências educacionais de sua trajetória.

Na esfera gerencial, houve a delimitação dos gestores atuantes em empresas de agenciamento de viagens. Tais sujeitos não têm uma profissão, ocupação ou formação determinada a priori, mas estima-se que estes estejam em cargos de liderança e controle normalmente associados a supervisão, gerência ou direção das empresas sendo, majoritariamente agências de turismo.

De forma prática busca-se compreender a visão da esfera gerencial, principalmente relacionada com os/as trabalhadores/as, para que se tenha uma visão coerente da dinâmica da divisão sexual do trabalho no setor e suas tramas de poder e desigualdades. Associados aos serviços prestados, os gerentes e proprietários de empresas de agenciamento de viagem controlam e coordenam todos os serviços prestados aos turistas e inclusive nas áreas de assessoramento ao viajante e na intermediação dos serviços.

As funções do/a gestor/a em agenciamento de viagens aproxima-se muito das atribuições do turismólogo presente na legislação que reconhece a profissão, sendo possível destacar a criação e implementação de roteiros e rotas turísticas, o desenvolvimento e comercialização de novos produtos turísticos, a emissão de laudos e pareceres técnicos de locais e estabelecimentos voltado ao atendimento do turista além de planejar, organizar, controlar, implantar, gerir e operacionalizar as empresas (BRASIL, 2012).

Devido a categorização macro da antropologia do trabalho não se pode levar em consideração os gerentes e proprietários de empresas como trabalhadores/as visto que o interesse dos mesmos é na aferição de lucros, todavia, a conjuntura aponta que das 23 mil empresas no setor cerca de 49% delas não possuem funcionários registrados e somente 5% das empresas possuem mais de 11 funcionários (IPETURIS, 2020). Estes números demonstram o volume de microempreendedores individuais e proprietários de micro e pequenas empresas que atuam no agenciamento de viagem o que torna o proprietário, em alguns casos, também um trabalhador/a por serem sucumbidos na concorrência com os grandes capitalistas como será destacado e observado na análise empírica desta pesquisa.

Na esfera administrativa, os/as agentes de viagem diferem-se dos gestores uma vez que a sua atuação no agenciamento de viagens e normalmente associada às ocupações de operador de turismo, técnico em turismo, tecnólogo em gestão de turismo e agente de viagem (BRASIL, 2016; BRASIL, 2021b) fazendo com que a esfera administrativa seja um âmbito de composição dos/as trabalhadores/as.

O agente de viagem possui um itinerário formativo desenhado pela legislação, podendo ser atribuída a formação no curso técnico em Agenciamento de Viagens, no curso superior de tecnologia em Gestão de Turismo ou no curso superior de Bacharelado em Turismo.

No campo das ocupações, o operador de turismo pode levar o nome de agente de reservas e supervisor de operações turísticas, já o agente de viagem pode ser considerado consultor de viagem e coordenador de turismo. Faz-se importante a compreensão das múltiplas nomenclaturas haja visto que as disponibilidades de vagas de trabalho normalmente se associam a classificações atribuídas pelas empresas no mercado de trabalho, não pelas classificações governamentais.

Associados ao serviços prestados o Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil aponta na classificação brasileira de ocupações – CBO que os/as agentes de viagens realizam a montagem e venda de pacotes constituídos por produtos e serviços turísticos, contratam os serviços e realizam a promoção e reserva de produtos e serviços turísticos (BRASIL, 2010).

As funções do/a agente de viagem dinamizam o dia a dia da empresa no aspecto da preparação da viagem dos turistas, contratação e estabelecimento de parcerias entre

empresas e profissionais e, primordialmente, o atendimento ao público para a comercialização dos pacotes, produtos e serviços de viagem.

Na esfera operacional, optou-se nesta investigação por abordar a atuação dos/as guias de turismo que são os únicos profissionais do turismo reconhecidos e regulamentados (TRIGO; CARVALHO, 2005) pela Lei nº 8.623, de 28 de janeiro de 1993, sendo egressos do curso técnico em guia de turismo ou com a validação de experiência nos anos iniciais de vigência da legislação, que constitui uma obrigatoriedade para o exercício da profissão. Todos os profissionais devem possuir o registro ativo no Cadastro dos Prestadores de Serviços Turísticos no Ministério do Turismo (CADASTUR).

O senso comum tem como símbolo central o guia de turismo quando trata-se da atividade turística. Independente da esfera de atuação do profissional dentro da enorme cadeia produtiva do turismo, no primeiro momento, como já afirmava Chimenti e Tavares (2007) a sociedade já imagina um guia acompanhado de seu grupo muitas vezes afirmando que o profissional deve viver viajando.

A dificuldade de romper com a compreensão popular da profissão de guia de turismo deve-se ao fato que “existem poucos estudos mais profundos sobre o trabalho, a dinâmica e as funções deste profissional” (CHIMENTI; TAVARES, 2007, p. 17) mesmo considerando o avanço das pesquisas recentes sobre a temática (ABREU, 2015; ZETTERMANN; VERGARA, 2017; MEIRA; KUSHANO; HINTZE, 2018; NUNES, 2018). Outro fator complicador para os profissionais serem vistos de forma diferente é o exercício ilegal da profissão realizado por pessoas que se auto intitulam guias de turismo sem possuir a qualificação necessária – curso técnico – e sem possuir o registro no órgão competente reduzindo, assim, a qualidade dos serviços prestados e ampliando o índice de reclamações em alguns destinos (CHIMENTI; TAVARES, 2007).

Com isso, o que podemos esperar de um profissional guia de turismo? As autoras Chimenti e Tavares (2007) apontam que os profissionais devem zelar pelas informações transmitidas aos turistas, prestar auxílio ao turista em terminais de transporte, zelar pelo cumprimento do programa de viagem e os passeios estabelecidos no roteiro, prestar orientações, mediar conflitos, zelar pelos demais serviços prestados na viagem e outros aspectos de caráter técnico.

Em sua grande maioria, os profissionais guia de turismo são autônomos e prestam serviços para diversas empresas desde a organização prévia da viagem até o momento de retorno do turista a sua cidade de origem – ou ao próximo destino – fazendo com que as agências e operadoras busquem por profissionais responsáveis, honestos, pontuais e com boa capacidade de liderança visto que bons profissionais são considerados ágeis, dinâmicos, com pensamento rápido e capazes de solucionar imprevistos (CHIMENTI; TAVARES, 2007).

Constatamos assim que os sujeitos de pesquisa aqui apresentados na esfera gerencial, administrativa e operacional compõem um campo importante do agenciamento de viagens e conduz ao entendimento mais preciso deste setor devido a interdependência de sua atividade e o impacto disto na experiência de viagem do turista.

3.4 Identificando os processos formativos e a divisão sexual do trabalho nas carreiras: categorias de análise

Situado a pesquisa quanto a organização do turismo nos territórios, o agenciamento de viagens como locus de pesquisa e os gerentes/proprietários, agentes de viagem e guias de turismo como sujeitos cabe neste item refletir sobre as categorias de análise que serão consideradas na busca de compreender a dinâmica da Divisão Sexual do Trabalho no setor de turismo a partir das carreiras de sujeitos homens e mulheres atuantes no agenciamento de viagem, problematizando as vivências, as desigualdades e as relações de trabalho e os enfrentamentos.

Sob a ótica etnossociológica, a partir do momento que a posição do sujeito está definida no mundo do trabalho é através dos cargos exercidos que serão evidenciados as relações de trabalho junto a uma organização. As relações de trabalho majoritariamente dependem de uma formalização - via contrato, prestação de serviço ou emprego.

A formalização do vínculo com uma empresa está relacionado diretamente com a centralidade do tempo no capitalismo (MOESCH, 2002) que conduz as sociedades modernas a estruturar o tempo social em contraponto com as jornadas de trabalho (ROSSO, 2017) impostas pelas empresas em tempos de neoliberalismo. A relação entre o tempo de produção vem sendo alterada nas últimas décadas com os avanços tecnológicos e as novas formas de vínculo trabalhista, afetando assim a dinâmica tradicional do tempo de lazer e das experiências turísticas.

Sem uma dissociação explícita entre o tempo de férias e o tempo de trabalho nas sociedades contemporâneas surgem questionamentos quanto às jornadas de trabalho, as relações entre os profissionais e as empresas contratantes, o teletrabalho e outras atribuições que extrapolam o ambiente de trabalho físico. Desta forma, o primeiro passo para compreender a dinâmica do mundo social do trabalho é perceber o cotidiano do sujeito trabalhador/a ao longo de sua carreira.

Em um primeiro momento busca-se evidenciar a formação e qualificação profissionais presentes nas carreiras de trabalhadores do setor de turismo atuantes no agenciamento de viagem tendo como foco as trajetórias educacionais evidenciadas na carreira. Para tal, busca-se nos relatos e respostas classificar as formações citando os cursos técnico, tecnológico, superior, de qualificação e livres com distinção de sexo; as formações realizadas fora ou no setor de turismo e a contribuição da formação para o trabalho.

Ainda no âmbito formativo, outra categoria relevante é a relação das formações com o local de trabalho e com as tarefas exercidas em um dado cargo ou profissão. E relacionando a formação em uma perspectiva futura busca-se identificar os aspectos comuns entre as experiências marcantes, o desejo de continuar os estudos e as perspectivas de formação futura de acordo com o sexo.

Inspirados na dialética histórico-estrutural relatada por Moesch (2002) buscaremos

“partir da prática social que exercemos; organizar um processo de interpretação crítica dela, que vai do descritivo ao reflexivo; que realize de forma rigorosa – entretanto, que seja sensível – análise, síntese, indução e dedução; que situe nosso ‘o que fazer’ nas tensões e contradições de fundo; que obtenha conclusões teóricas e ensinamentos práticos” (MOESCH, 2002, p. 56).

Olhar a prática de forma crítica, integral e que nos conduza a ensinamentos práticos através das conclusões teóricas é o mecanismo base para problematizar as desigualdades nas carreiras de homens e mulheres evidenciando os aspectos da formação, das relações de (e no) trabalho e da vida cotidiana sendo necessário, para isso, construir as categorias de análise a partir da reflexão das abordagens de gênero no turismo.

Swain (1995) aponta estudos que situam o gênero como uma categoria fundamental nas pesquisas de turismo e encontrada em estudos de estratégias de

marketing, de planejamento territorial, de políticas públicas, de recursos humanos e de desenvolvimento econômico. A afirmação de Swain é corroborada pelos estudos de Silveira e Medaglia (2016) ao afirmarem que na sociedade contemporânea as questões relativas a gênero são influenciadas, ao mesmo tempo que influenciam, a atividade turística.

Fundamentalmente para problematizar as desigualdades entre homens e mulheres é preciso inferir a existência de uma divisão sexual do trabalho levando em consideração que Kinnaird e Hall (1996, p. 96 *apud* GIBSON, 2001, p. 28) sugere que as abordagens relacionando gênero e trabalho no turismo devem contemplar “a diferença na qualidade e no tipo de trabalho disponível, o acesso diferenciado das mulheres as oportunidades de emprego, a sazonalidade da atividade turística e as divisões sexuais do trabalho existentes e novas”.

Para contextualizar a divisão sexual do trabalho, nos escritos de Antunes (1999) sobre o sentido do trabalho o autor já afirmava uma crescente presença feminina na composição da força de trabalho dos países que não acompanhava a temática salarial, tendo assim um percentual de remuneração bem menor do que os aferidos pelo trabalho masculino. O autor ainda evidencia que nesta dinâmica de construção social sexuada as mulheres e os homens são capacitados de forma distinta, desde as famílias até as escolas, para o ingresso no mercado de trabalho possibilitando a apropriação desigual da divisão sexual do trabalho (ANTUNES, 1999).

Em busca das categorias para analisar a dinâmica da divisão sexual do trabalho no agenciamento de viagens a presente investigação recorreu aos princípios organizadores (KERGOAT, 1996), teto de vidro (LIMA, 2013), segregação vertical e horizontal (OLINTO, 2011), familização e feminização (YANNOULAS, 2013).

Em relação aos princípios organizadores, a investigação irá de encontro a constatar a presença do princípio de separação – buscar compreender se existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres - e o princípio de hierarquização – buscar compreender se um trabalho de homem tem mais valor mais do que um trabalho de mulher (KERGOAT, 1996).

O fenômeno do teto de vidro, sob a ótica dos estudos de Lima (2013), ocorre nas dificuldades das mulheres em exercer cargos e posições de poder como nas funções de gerente/proprietária de empresas de agenciamento de viagens e na busca de identificar se

existem entraves para a ascensão das mulheres no setor de turismo. A segregação vertical proposta por Olinto (2011) é muitas vezes associada ao teto de vidro nas organizações por compreender a estagnação das mulheres nas posições mais subordinadas impossibilitando a progressão nas escolhas e nas carreiras.

Já a segregação horizontal apresentada por Olinto (2011) demonstra a divergência nas trajetórias de carreiras entre os homens e as mulheres demonstrando um percurso mais longo do que outro em detrimento do gênero. Nos escritos de Yannoulas (2013) apresenta-se uma categoria importante de análise que é a familização que corresponde a quantidade de pessoas do sexo feminino nas ocupações e profissões, sendo distinto de feminização que corresponde a caracterização e tipificação de uma ocupação ou profissão como feminina.

As categorias da divisão sexual do trabalho serão associadas às quatro formas de construção de carreiras que são inspiradas nos estudos de Ribeiro (2009; 2014) e serão utilizadas para a compreensão dos profissionais atuantes no turismo, sendo elas: nostalgia, fechamento, instrumentalidade e possibilidade.

A construção da carreira psicossocial em uma dimensão nostálgica possibilita ao sujeito uma “volta a ordem passada ou de manutenção dos modelos anteriores” (RIBEIRO, 2009, p. 209) que busca instituições normativas, modelos e estruturas hegemônicas que assemelham-se às concepções de carreiras organizacionais e oferecem segurança, reconhecimento e estabilidade que poderíamos exemplificar no turismo como as carreiras docentes construídas em instituições públicas por meio de concurso.

Na dimensão de fechamento, a construção da carreira psicossocial é uma tentativa de “ensimesmamento em comunidades delimitadas, por exemplo, por identidades profissionais” (RIBEIRO, 2009, p. 209) que tem o intuito de proteger a relação pessoa-trabalho por meio de uma classe coletiva de trabalhadores como seria o caso dos Guias de Turismo que posicionam-se no mundo do trabalho com base em regras criadas coletivamente pelos sindicatos dos trabalhadores.

De ordem mais fluida na dinâmica do mundo do trabalho na contemporaneidade a construção da carreira psicossocial na dimensão da instrumentalidade “caracteriza-se por ser uma adaptação identitária instrumental aos processos de trabalho, sem escolha ou autonomia” (RIBEIRO, 2009, p. 210) em que há uma ausência de relação coletiva e a singularidade é marcada pela descontinuidade, instabilidade e uma relação instrumental

(utilitária) com o mundo do trabalho no qual poderíamos mencionar as trajetórias de trabalho informal no turismo ou transitórias em vínculos empregatícios frágeis construídos em momentos de alta temporada (grande fluxo de turistas).

Na dimensão da possibilidade, a construção de carreira psicossocial propõe em “um caminho de análise intermediário da carreira que não aposte na estabilidade permanente [...] nem na mudança incessante de estruturas singulares não-intercambiáveis” (RIBEIRO, 2009, p. 210) que buscará ser percebida ao longo da análise como uma estratégia de resistência e enfrentamento por ser uma construção coletiva dos trabalhadores, submetida ao reconhecimento social e que, ao ser transformada, aponta para padrões heterogêneos e diversificados de carreira com foco na relação pessoa-mundo do trabalho.

Seja qual for as formas de construção das carreiras identificadas, buscará, seguindo os preceitos de Quirino (2015) compreender se a mulher padece da opressão, do preconceito e da marginalização pela sua condição conjuntamente com a exploração econômica imputada pelas múltiplas jornadas. Todas as categorias de análise aqui apresentadas procuram evidenciar a complexidade e as desigualdades existentes no desenvolvimento do turismo considerando que “um dos caminhos para entender a dinâmica e promover mudanças em direção à igualdade é através do estudo das relações de gênero”²⁷ (SWAIN, 1995, p. 264).

²⁷ Trecho original: “*and one of the avenues to understanding the dynamics and promoting change toward equality is through the study of gender relations.*” Tradução livre do autor

SEÇÃO II – DINÂMICA DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO SETOR DE TURISMO

Esta seção está dividida em dois capítulos com objetivos e reflexões complementares. A dinâmica da divisão sexual do trabalho no setor de turismo aqui denominado apresenta os dados correspondentes a pesquisa empírica, relacionando-os com os aspectos teóricos e as categorias de análise apresentadas anteriormente.

O capítulo quatro denominado processos formativos no agenciamento de viagens irá de encontro ao objetivo de evidenciar a formação e a qualificação profissionais presentes nas carreiras de trabalhadores/as do setor de turismo atuantes no agenciamento de viagem refletindo sobre as desigualdades na formação, o diálogo da formação com o trabalho e as perspectivas futuras de formação para a carreira. Já no capítulo cinco as carreiras de homens e mulheres no setor de agenciamento de viagens serão problematizadas na busca de evidenciar as relações de trabalho e os enfrentamentos à precarização do setor de trabalho do turismo, às desigualdade de gênero, ao sexismo e preconceitos.

CAPÍTULO 4 - PROCESSOS FORMATIVOS NO AGENCIAMENTO DE VIAGENS

O presente capítulo é crucial para trazer à tona os processos formativos em educação tecnológica em que os/as trabalhadores/as vivenciaram ao longo de sua carreira.

A fim de retomada metodológica, o diagnóstico aqui apresentado corresponde a uma amostra conduzida por exaustão através da resposta de um questionário online entre os dias 31 de agosto e 05 de novembro de 2021 obtendo uma total de 48 questionários válidos de profissionais atuantes no agenciamento de viagem. Cabe ressaltar que a amostra não tem pretensão de ser representativa, não possui critérios rígidos e foi constituída de acordo com a acessibilidade e disponibilidades dos profissionais em participar da pesquisa.

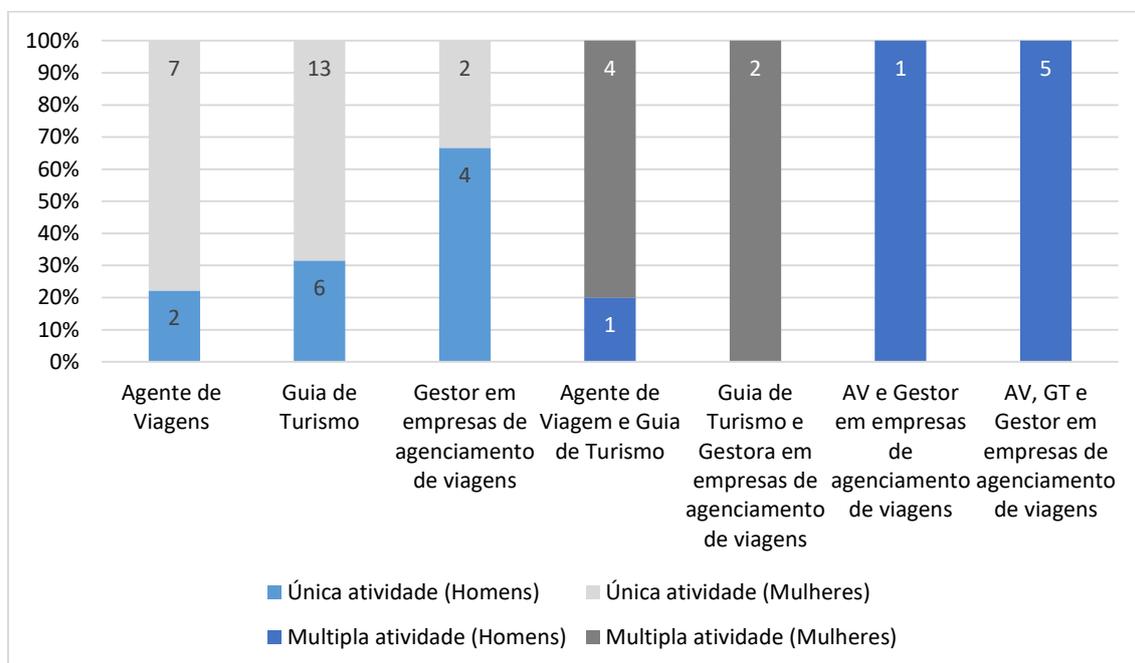
Optou-se por não realizar delimitação geográfica sendo o questionário de resposta aberta a todo o território brasileiro, todavia, um percentual de 66,6% das respostas válidas foram provenientes do estado de Minas Gerais simbolizando a facilidade de acesso aos grupos virtuais de profissionais atuantes no agenciamento de viagem neste estado. A resposta ao questionário online possibilitou a criação de um entendimento inicial sobre os processos formativos dos/as trabalhadores/as a fim de atender ao objetivo específico

de evidenciar a formação e qualificação presente nas carreiras de trabalhadores do setor de turismo atuantes no agenciamento de viagem.

A organização dos dados dispostos nas páginas seguintes foram ordenados de forma comparativa entre homens e mulheres conforme previsto nos procedimentos metodológicos porém os três enfoques previstos sofreram alterações em função dos resultados obtidos, mantendo-se como: a) formação desigual dos/as trabalhadores/as no agenciamento de viagem; b) formação em diálogo com o trabalho no agenciamento de viagens: uma formação integral dos sujeitos?; c) perspectivas de formação futura: construção do projeto de carreira.

Antes de adentrar nos aspectos e categorias específicas das formações é importante situar o leitor que o questionário foi respondido por três sujeitos de pesquisa: os Guias de Turismo, os Agentes de Viagem e os Gestores em empresas de agenciamento de viagens. Ao explorar a perspectiva etnossociológica estimava a possibilidade de confluências entre as atuações e o acúmulo de atribuições em um mesmo profissional o que nos leva a compreender o perfil dos/as profissionais conforme gráfico III.

Gráfico III – Perfil dos sujeitos de pesquisa conforme atuação no agenciamento de viagem



Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

O perfil dos/as profissionais demonstra que aproximadamente 40% dos respondentes exercem a profissão de Guia de Turismo como única atividade profissional e um contingente de aproximadamente 28% acumulam múltiplas atividades no setor de

agenciamento de viagem reforçando a característica do lócus de pesquisa em concentrar microempreendedores individuais e empresas de pequeno porte. Ainda no âmbito dos respondentes destaca-se o número expressivo de homens que exercem a função de gestão em empresas de agenciamento de viagens em comparação com o de mulheres.

Com um olhar para as mulheres que responderam à pesquisa, são elas em sua grande maioria que exercem apenas a função de guia de Turismo (44%) enquanto as demais se distribuem em agentes de viagem e gestoras em empresas de agenciamento de viagem. Destaca-se um acúmulo de função em 22% das mulheres que relataram exercer a atividade de guia de turismo em conjunto com a atividade de agente de viagem ou de gestora de empresas.

Com um olhar para os homens que responderam à pesquisa, 53% deles são gestores de empresas de agenciamento de viagens acumulando, ou não, outras atribuições no setor e a menor parte são apenas agentes de viagens. Essa presença masculina ampla nos cargos de gestão apontam para um mercado que concentra os homens em um local de poder e de tomada de decisão se comparado com as mulheres.

Para nível de análise exploratória, os/as profissionais guia de turismo necessitam ter a formação técnica para a sua atuação e, por ventura, acumulam a função de agente de viagem (por realizar venda de pacotes de viagens) ou de gestor/a de empresas (por serem proprietários/as de sua própria agência).

Tendo em vista os perfis dos profissionais participantes da investigação busca-se qualificar e compreender as categorias que envolvem o processo de formação e qualificação profissional destes homens e mulheres ao longo da carreira.

4.1 Formação desigual dos/as trabalhadores/as no agenciamento de viagem

Em um aspecto macro, o mundo na sua forma originária foi sendo transformado com base no trabalho e na consciência dos sujeitos com a instituição de uma cultura, parte das relações de troca realizada por estas sociedades foram transformando as situações sociais de aprender e ensinar no que entendemos e denominamos de educação (BRANDÃO, 1981). Isto levou a institucionalização destes processos educacionais e, nos dias atuais, classifica-se os níveis educacionais e reconhecem os mesmos com a atribuição de certificações e diplomas.

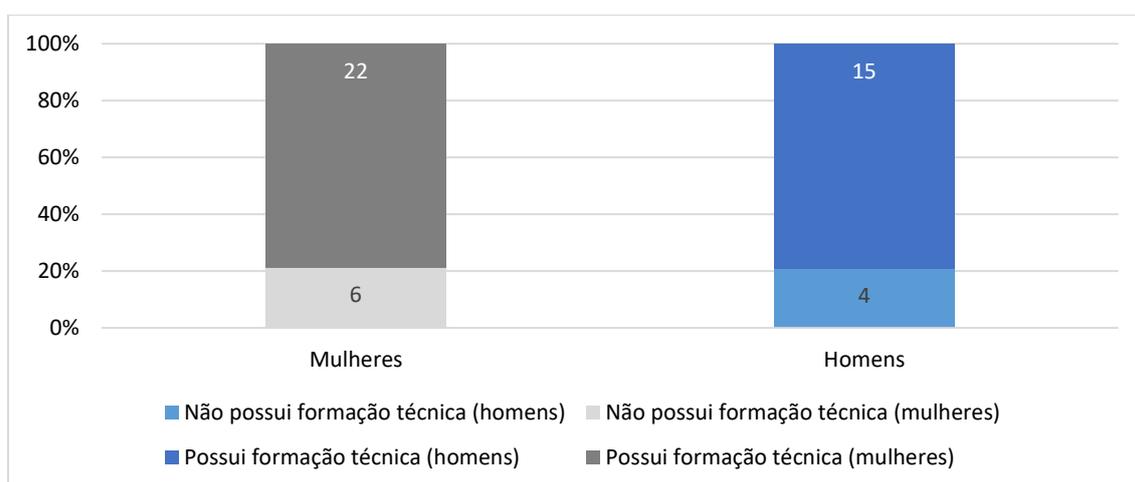
A pesquisa, no âmbito da educação profissional e tecnológica, é uma busca de aprofundar nas relações de estudo e educação que permeiam outras esferas educativas e

apresenta o que na maioria das vezes não é visível por títulos e certificações que é o saber proveniente das relações humanas estabelecidas no mundo do trabalho. No âmbito da formação profissional para o turismo o desafio de compreender a ótica do novo sujeito – seja o que produz a atividade ou o que consome - é uma grande questão sintetizada pela jornalista Cristina Massari (2006) em seus escritos sobre o Observatório de Inovação do Turismo inspirada nas afirmações de Nely Wyse, coordenadora do módulo de formação profissional para o turismo.

Com o olhar em quem produz a atividade turística, esta investigação toma como base os perfis dos profissionais participantes e aprofunda na compreensão das categorias que envolve o processo de formação e qualificação profissional destes homens e mulheres ao longo da carreira através das formações a nível técnico, tecnológico e superior que serão aqui apresentadas.

Iniciando pela formação técnica, a pesquisa apontou uma equiparação percentual entre os homens e as mulheres que realizaram a formação conforme apresenta o gráfico IV. Cabe ressaltar ainda que mesmo com a equiparação percentual entre os sexos o quantitativo de mulheres concluintes e participantes da pesquisa foi superior ao de homens.

Gráfico IV – Número dos sujeitos de pesquisa que possuem formação técnica

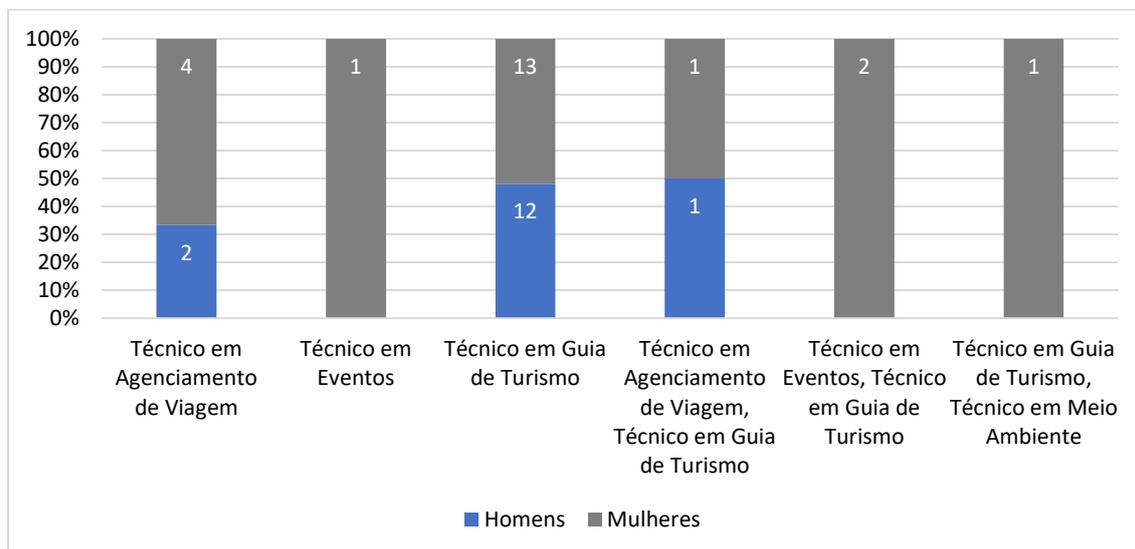


Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

O quantitativo equiparado não é correspondente com a formação realizada pois ao analisar qualitativamente os profissionais constatamos uma divergência nos cursos realizados visto que os homens tem sua formação técnica concentrada nos cursos técnicos da área de turismo, hospitalidade e lazer que relacionam-se com o agenciamento de

viagens, ao passo que as mulheres têm uma formação mais heterogênea e algumas delas ainda possuem mais de uma formação técnica concluída conforme apresenta o gráfico V.

Gráfico V – Cursos técnicos realizados pelos sujeitos de pesquisa



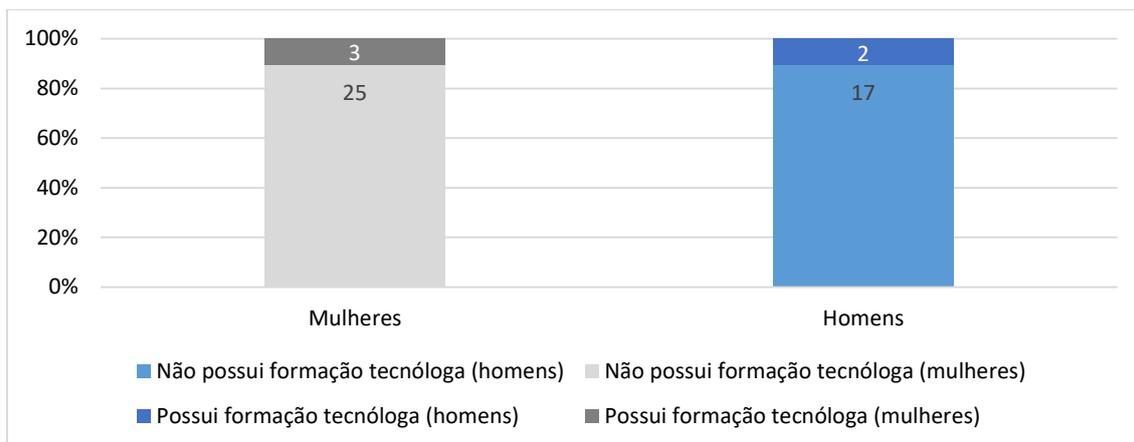
Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

Os cursos técnicos de agenciamento de viagens e o curso de guia de turismo têm relação direta com o lócus desta pesquisa e apresentam presença concentrada dos homens. Em contraponto, estudos que levam em consideração a formação em cursos técnicos como o da pesquisadora Patrícia Oliveira (2011) aponta um número maior de mulheres que relatam ainda terem buscado o curso por iniciativa própria, como opção de carreira, mas que a maioria dos/as alunos/as, optaram por continuar a formação profissional em outras áreas, inclusive na opção por um curso superior.

O reflexo da busca de formações em outras áreas foi percebida também na presente investigação visto que as mulheres apresentaram formação no curso técnico de evento que se encontra no eixo de turismo, hospitalidade e lazer mas não representa diretamente o agenciamento de viagens como um campo de atuação e uma das entrevistadas possui, ainda, um curso técnico em meio ambiente que não encontra-se no eixo de turismo segundo o CNCT.

Continuando com a formação tecnológica que representa no Brasil uma formação de nível superior no âmbito da educação profissional e tecnológica, a pesquisa apontou para uma realidade de baixa representação desta modalidade formativa entre os profissionais atuantes no agenciamento de viagens, sendo que mais de 89% destes profissionais não possuem um curso superior em tecnologia como apresenta o gráfico VI.

Gráfico VI – Número dos sujeitos de pesquisa que possuem formação tecnológica

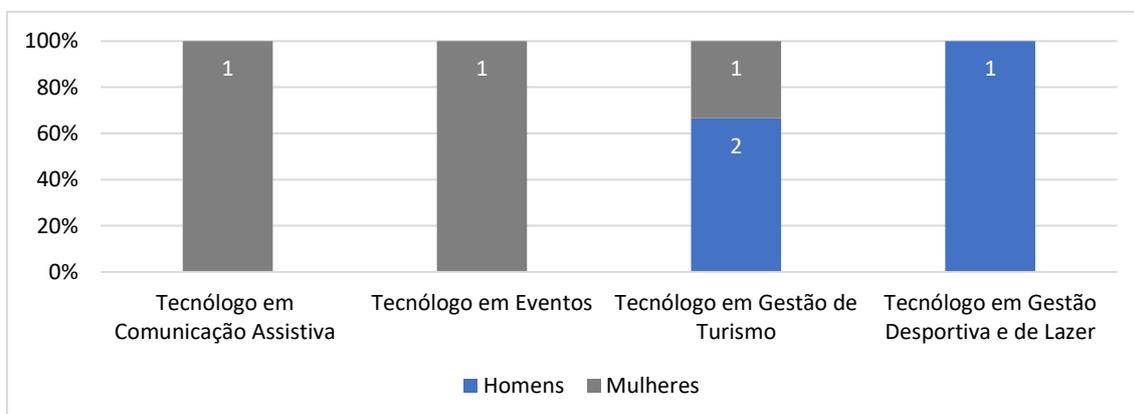


Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

Com um volume baixo de formação nos cursos superiores em tecnologia os egressos representaram majoritariamente a sua formação em cursos do eixo turismo, hospitalidade e lazer como os de Eventos, Gestão em Turismo e Gestão Desportiva e de Lazer.

A única entrevistada que apresentou uma formação distinta foi uma mulher que concluiu o curso tecnólogo em Comunicação Assistiva com ênfase em Língua Brasileira de Sinais –LIBRAS e Braile, curso este que faz parte do eixo de produção cultural e design mas que possui uma importância singular para a atividade turística pois prepara o profissional para traduzir e interpretar a comunicação em diversos formatos de acessibilidade (BRASIL, 2016) ampliando assim as possibilidades de atender com excelência as pessoas com deficiência possibilitando uma atividade turística inclusiva. A relação dos cursos realizados pelos/as sujeitos são apresentados no gráfico VII.

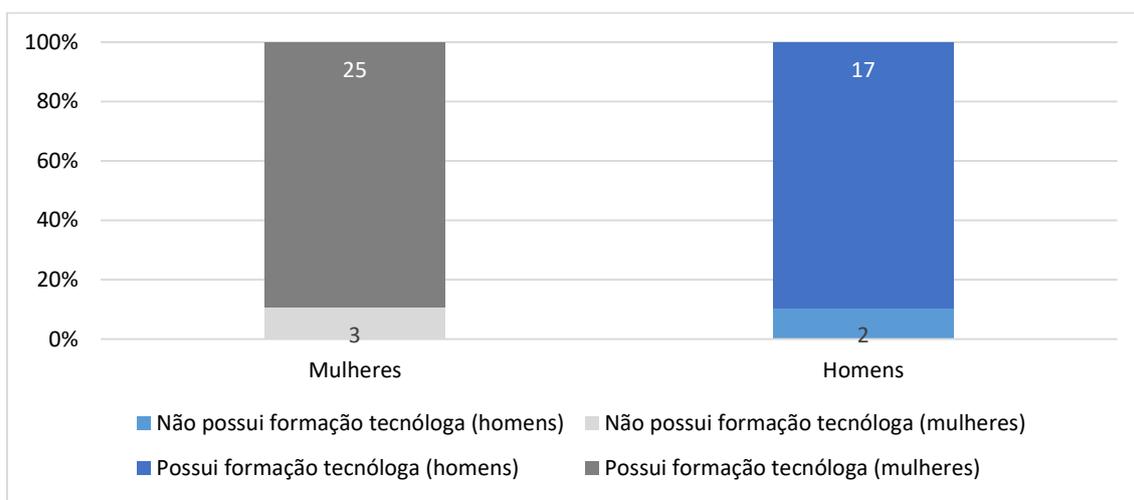
Gráfico VII – Cursos tecnológicos realizados pelos sujeitos de pesquisa



Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

Contemplando a esfera da formação superior a nível de bacharelado ou licenciatura a presente investigação aponta para uma multiplicidade no aspecto formativo, contemplando cursos no setor de turismo, fora do setor de turismo e com abordagens interdisciplinares e reforça a cultura educacional presente no Brasil de valorização elevada do ensino superior sendo que, de todos os respondentes, somente 11% destes não possuem um curso superior conforme apresenta o gráfico VIII.

Gráfico VIII – Número dos sujeitos de pesquisa que possuem formação superior



Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

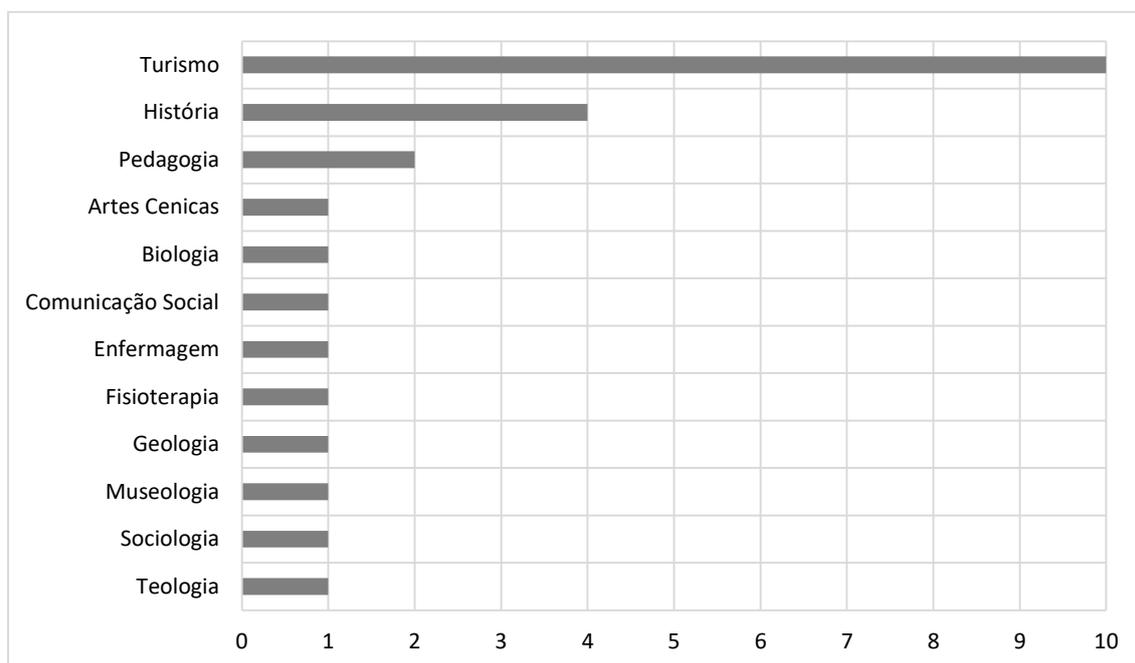
Um dos fatores que caracterizam a formação superior em nível de bacharelado e licenciatura é apontado por Massari (2006), ao afirmar que, as formações buscam imprimir uma dimensão de cidadania contendo uma abordagem ampla nas competências gerais e básicas que avançam na dimensão humana e prepara os estudantes de forma integral. Porém, a afirmação da autora está contextualizada no que ela denomina de modelo de educação profissional empregado no Brasil e que permite uma avaliação crítica no aspecto da não exclusividade da educação profissional e tecnológica na preparação dos profissionais para a atuação no mundo do trabalho.

Sendo a preparação dos profissionais não limitada pela educação profissional e tecnológica compete a esta investigação aprofundar no entendimento dos processos formativos de homens e mulheres atuantes no agenciamento de viagens sob a ótica de outras trajetórias educacionais. Cabe refletir sobre a multiplicidade das formações como apontado por Massari (2006) visto que nos possibilita compreender as características e os aspectos distintos entre os homens e as mulheres.

Para alcançar o entendimento das formações superiores em nível de bacharelado e licenciatura optou pela distinção entre os sexos sendo feita a apresentação e a análise em dois tempos: primeiramente a formação das mulheres e, na sequência, a formação dos homens.

As mulheres respondentes apresentaram majoritariamente a formação superior em turismo, representando 40% das que possuem ensino superior, conforme apresentado no gráfico IX.

Gráfico IX – Cursos superiores realizados pelos sujeitos de pesquisa do sexo feminino



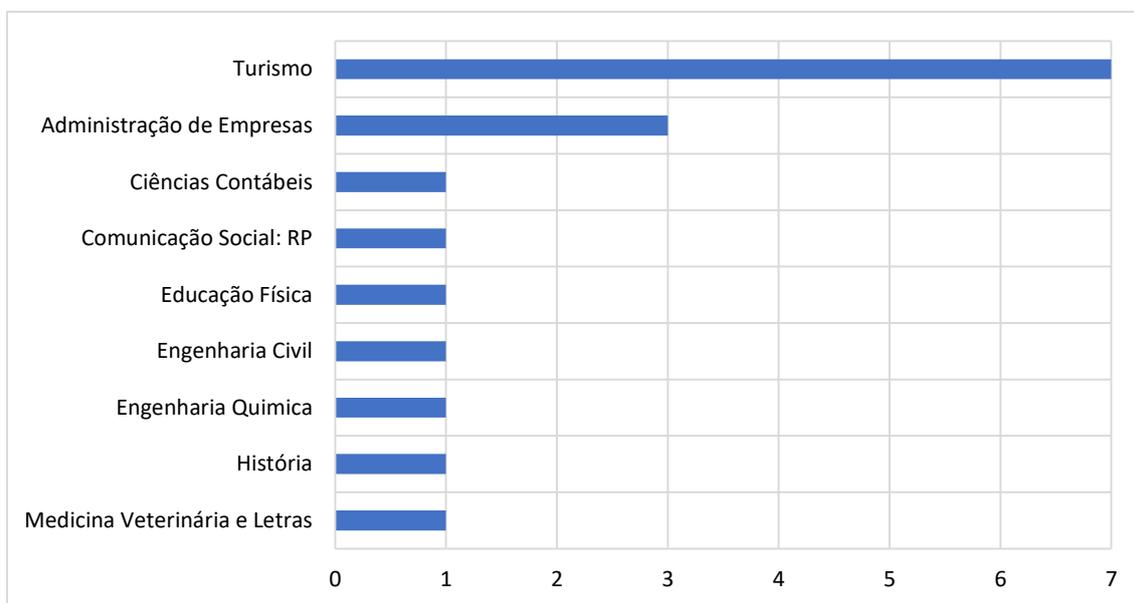
Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

Analisando os dados apresentados o estudo aponta a que a formação superior, por parte das atuantes no setor de agenciamento de viagens, expõe uma importante saída profissional para as turismólogas (Bacharel/Licenciada em Turismo) e para as historiadoras (Bacharel/Licenciada em História), demonstrando assim uma complementaridade e diálogo entre as formações.

Em outra perspectiva formativa, o estudo apresenta a amplitude e complexidade do setor de turismo que possibilita a atuação de profissionais com formações múltiplas, sendo elas: enfermagem e fisioterapia (área da saúde), artes cênicas e museologia (área das artes), pedagogia (área da educação), sociologia e comunicação (área das ciências humanas e sociais) e biologia (área das ciências naturais).

A perspectiva de formação superior dos homens segue inicialmente o mesmo preceito de possuir aproximadamente 41% destes com formação superior em turismo conforme constatado no gráfico X.

Gráfico X – Cursos superiores realizados pelos sujeitos de pesquisa do sexo masculino



Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

Retomando o perfil dos sujeitos de pesquisa que apresenta um número superior de homens em cargos de gestão podemos inferir que nos cursos de nível superior realizados, após a formação em turismo aparece o curso de administração de empresas no qual prepara os egressos a exercer o cargo de gerência em empresas.

Outro aspecto que difere a formação a nível superior dos homens, em relação a das mulheres, é a presença de cursos das áreas rígidas como o de engenharia civil e engenharia química (engenharias) e outros cursos como a ciências contábeis (área das ciências econômicas), comunicação social (área das ciências sociais), educação física, história e letras (licenciaturas) e medicina veterinária.

A reflexão sobre os processos formativos de homens e mulheres até aqui se mostrou distinto e desvela sutis desigualdades no que relaciona-se com a formação em encontro com os perfis de atuação dos profissionais no agenciamento de viagens.

Os gestores e proprietários de empresas de agenciamento de viagens, incluindo os que somam as funções administrativas e operacionais, correspondem a 29,5% dos sujeitos de pesquisa. Caracterizando-os pelo aspecto educacional todos possuem formação

superior sendo que, dentre todos, apenas 35% dos respondentes não possuem também uma formação técnica.

Os agentes de viagem, incluindo os que somam a função operacional, correspondem a 29,5% dos sujeitos de pesquisa. Aproximadamente 78,5% dos agentes de viagens possuem uma formação técnica e, considerando a totalidade dos profissionais, os sujeitos de pesquisa do âmbito administrativo reúne 20% dos respondentes que não possuem nenhum curso superior em tecnologia, bacharelado ou licenciatura.

Os guias de turismo que representam o âmbito operacional apontam uma particularidade em relação à formação. Seguindo a obrigatoriedade da lei que reconhece a profissão de guia de turismo todos os profissionais devem possuir um diploma de curso técnico. Entretanto, duas mulheres participantes da pesquisa, na faixa etária superior a 50 anos, não possuem um curso técnico pois atuavam como guias de turismo antes da legislação entrar em vigor e no período determinado apresentaram as comprovações de atuação para atuarem legalmente no país. Cabe ressaltar que as duas guias de turismo que não concluíram um curso técnico possuem um curso superior sendo que uma delas com pós-graduação e outra com o domínio fluente em três idiomas. Mesmo com profissionais guias de turismo com ensino superior completo, pós-graduação e outros profissionais com mestrado concluído dentre o total de respondentes do âmbito operacional reúne 80% dos sujeitos de pesquisa que não possuem nenhum curso superior em tecnologia, bacharelado ou licenciatura.

Considerando a trajetória educacional dos homens e das mulheres evidenciadas em sua carreira nos remete às reflexões de educadores de todo o mundo sobre o que se deveria ensinar e aprender no século XXI que foi sintetizada por Edgar Morin a pedido da Unesco e, dentre os pontos resgatados e relacionados com o turismo por Nely Abaurre (2006) destacamos que o conhecimento pertinente é bem exemplificado no setor de turismo quando possibilita a reflexão entre o global e o local. Seguindo este princípio foi apresentado aqui um exercício de colocar os processos formativos dos sujeitos em um contexto que seja possível torná-lo mais inteligível, o que se faz fundamental para entender as dinâmicas da divisão sexual do trabalho e suas desigualdades no contexto educacional.

4.2 Formação em diálogo com o trabalho no agenciamento de viagens: uma formação integral do sujeito?

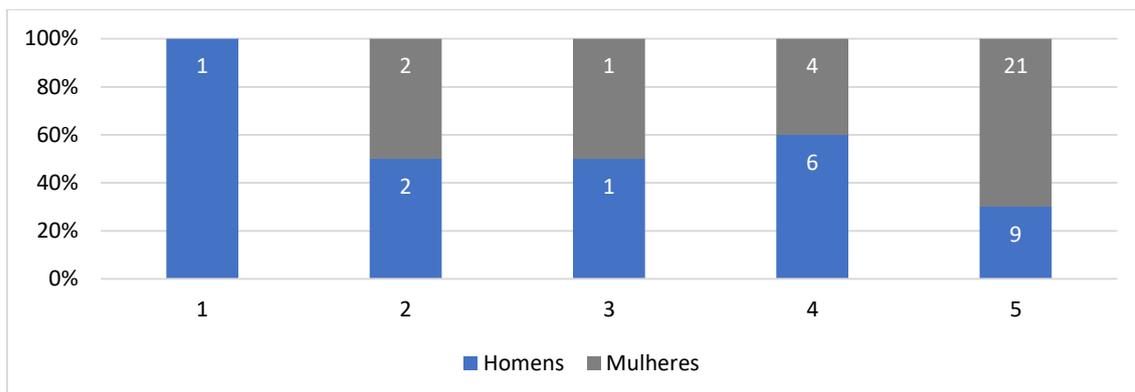
É comum na sociedade contemporânea se questionar sobre a função da educação e o seu impacto no cotidiano do trabalho levando estudiosos a se perguntarem como deve ocorrer a relação entre educação e trabalho. Previtali e Fagiani (2020) busca compreender que tipo de cidadão a educação escolar deseja formar e, em seus estudos, levantam a questão dos objetivos e os fins da educação escolar questionando se o que se pratica é uma educação voltada para a inserção crítica no mundo do trabalho e um pleno desenvolvimento da pessoa humana ou se é apenas uma qualificação restritiva com foco na ocupação e no suprimento da demanda do mercado de trabalho.

Antes de entender como a educação escolar pode contribuir com os profissionais é preciso ter ciência que “o fenômeno turístico movimenta-se em diferentes fronteiras do conhecimento e das ciências, o seu entendimento além das aparências requer a aproximação de diversos campos do saber” (MOESCH, 2002, p. 38). Tal dinâmica leva as empresas e o mercado de trabalho a buscar perfis profissionais com níveis determinados de conhecimento o que foi percebido no Brasil a partir de 1996, como afirma Matias (2002), visto que o plano real propiciou uma estabilidade econômica no país ocasionando um crescimento da oferta de serviços relacionados ao turismo e, conseqüentemente, a necessidade de profissionais qualificados.

Tendo estes preceitos da relação entre educação e trabalho, os sujeitos de pesquisa foram questionados quanto ao impacto da sua formação acadêmica para a atuação profissional, onde os profissionais responderam em uma escala de 1 (um) a 5 (cinco) sendo que quanto mais próximo de 1 significava que a formação contribuiu pouco para a atuação profissional e mais próximo de 5 significava que a formação havia contribuído muito para a atuação profissional.

As mulheres sentiram uma contribuição mais elevada de sua formação acadêmica para a atuação profissional quando comparado a resposta dos homens. Existe uma concentração alta de respostas das mulheres afirmando que a formação acadêmica contribuiu muito com a atuação profissional ao passo que a resposta dos homens encontram-se mais distribuídas entre as alternativas. Cabe ressaltar que nas notas 2 e 3 do gráfico os homens e as mulheres aparecem equiparados, todavia se considerarmos o somatório total de respostas os itens correspondem a um percentual menor quando se trata das mulheres. Os relatos foram reunidos e demonstrados no gráfico XI.

Gráfico XI – Contribuição da formação acadêmica para a atuação profissional conforme o sexo

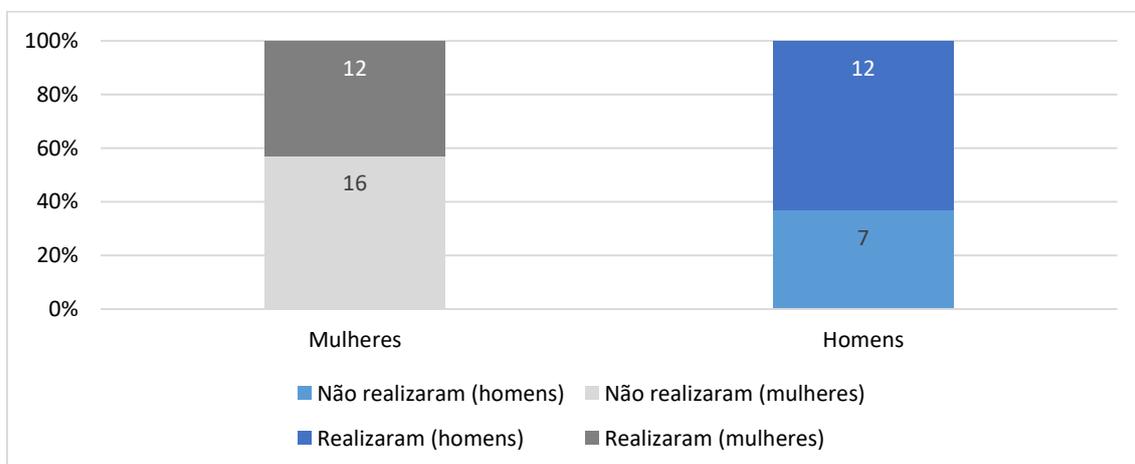


Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

Contrariando a formação integral dos sujeitos temos a formação tecnicista que coloca-se totalmente direcionada a preparar o trabalhador para ocupar uma determinada posição em uma empresa e em busca de compreender o setor de turismo, mais especificamente o agenciamento de viagem, os sujeitos de pesquisa foram questionados quanto a realização de formações e cursos por indicação da empresa que atua/trabalha.

A opção por refletir a respeito das formações indicadas ou possivelmente realizadas pelas empresas é proveniente das análises de Geraldo Pinto (2007) que, ao refletir sobre as formas de organização do trabalho no século XX, relata que é comum as empresas japonesas possuírem uma estrutura sólida de formação dentro das empresas, oriunda do sistema toyotista, que visam a manutenção da flexibilização e precarização dos contratos e das condições de trabalho. Nesta perspectiva os relatos dos homens e das mulheres respondentes da pesquisa foram organizados no gráfico XII.

Gráfico XII – Número dos sujeitos de pesquisa que já realizaram formações indicados pela empresa que trabalha



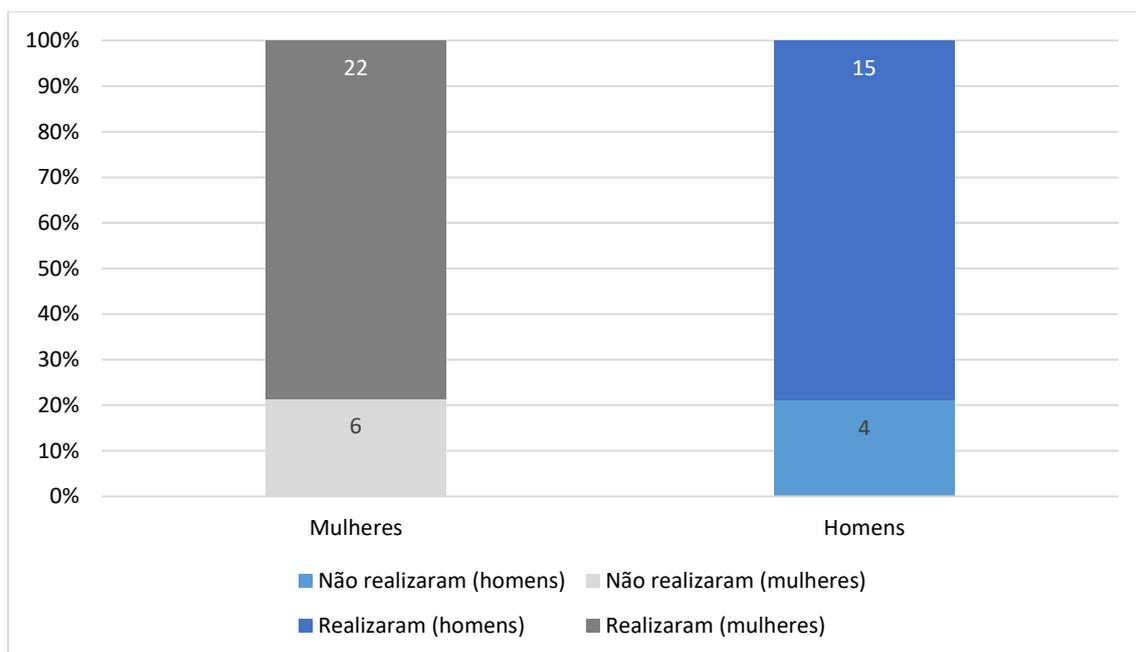
Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

O resultado obtido pode nos demonstrar dois caminhos: o primeiro deles é que independente do sexo mais de 50% dos profissionais realizaram uma formação indicada pela empresa que trabalha representando assim uma necessidade de ajuste do processo formativo inicial para o desejado pelas empresas e, em segundo, as mulheres possuem uma oportunidade desigual no acesso a estes cursos.

Pelo caráter e o formato do questionamento realizado aos sujeitos de pesquisa não se pode afirmar que a desigualdade no acesso dos cursos é prejudicial - por não oferecer a mesma oportunidade entre homens e mulheres – ou se é benéfica às mulheres – por prevenir as mulheres de uma formação tecnicista. Todavia, deve ser observado em estudos futuros se a ausência de indicação de cursos as trabalhadoras do sexo feminino pode ser reflexo das técnicas fordistas de realizar a desespecialização das trabalhadoras e ampliar o controle e a intensificação do trabalho.

Nas constatações oriundas da observação do setor de agenciamento de viagens em uma perspectiva etnossociológica, existe um caráter específico no aspecto operacional que é a atuação dos profissionais guias de turismo de forma autônoma e não ligados diretamente a uma única empresa. Na busca de qualificar ainda mais a investigação, os sujeitos de pesquisa foram questionados da realização de alguma formação ou curso para exercer uma tarefa específica no trabalho e as respostas foram reunidas no gráfico XIII.

Gráfico XIII – Número dos sujeitos de pesquisa que já realizaram formações para realizar uma tarefa específica no trabalho



Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

Como já afirmado por Previtali e Fagiani (2020, p. 221) “ao mesmo tempo que as relações e condições de trabalho tornam-se precarizadas, as exigências de escolaridade e qualificação tendem a ser maiores” o que levou a mais de 78% dos sujeitos de pesquisa realizarem uma formação ou curso para executar uma tarefa específica no trabalho. Um aspecto importante de ser registrado é que, dentre os respondentes da pesquisa, houve uma equiparação percentual entre os homens e as mulheres que não realizaram uma formação ou curso para desempenhar uma tarefa específica no trabalho.

De forma geral observa-se uma tendência das empresas em resgatar práticas toyotistas como a expropriação do intelecto do trabalho (PINTO, 2007), principalmente dos guias de turismo, que mesmo não tendo acesso a cursos indicados pelas empresas buscam por formações e atualizações constantes de conhecimento para melhor atender as demandas de trabalho, seja através de visitas técnicas, cursos de atualização e outros processos formativos.

A expropriação do intelecto dos/as trabalhadores/as é perceptível nos processos formativos que “misturam a educação antiga da oficina com a da escola, [reduzindo] o seu compromisso aristocrata com a ‘pura’ formação da personalidade e inscrevem o ato de educar entre as práticas político-econômicas das ‘arrancadas para o desenvolvimento’” (BRANDÃO, 1981, p. 88).

Por fim, “uma formação precarizada conduz a uma prática também precarizada” (PREVITALI; FAGIANI, 2020, p. 227) que já havia sido questionada por Paulo Freire ao relatar sobre a educação bancária. Freire (2000) afirma a necessidade de romper com as artimanhas do neoliberalismo em conduzir práticas formativas tecnicista e científicista, e sim, desafiar o pensamento crítico sobre a realidade social em que se insere os educandos (profissionais). Uma das alternativas para não reproduzir estas práticas precarizadas é o profissional tomar consciência destes processos formativos e ir de encontro com uma formação que aborde a integridade de seu ser e possibilite explorar as vertentes de atuação no mundo do trabalho.

4.3 Perspectivas de formação futura: construção do projeto de carreira

As carreiras sintetizam e materializam as trajetórias de vida no trabalho ao mesmo tempo que apresenta caminhos possíveis e construções de alternativas futuras. Com isso em vista, a formação pode ser para muitos profissionais o primeiro passo para reforçar e

aprimorar a sua prática no trabalho atual ou um mecanismo potente para a transição de carreira.

Com o intuito de compreender o que marcou a trajetória educacional das mulheres e dos homens atuantes foi questionado aos sujeitos de pesquisa as experiências que foram marcantes na trajetória educacional. Como Silveira e Medaglia (2016) já apontam que as mulheres predominam em praticamente todas as áreas que empregam turismólogos iniciaremos sempre a análise destas experiências tomando como base as respondentes do sexo feminino.

No âmbito gerencial, uma das mulheres relatou a experiência de vinculação ao planejamento interpretativo, onde atuou junto à comunidade local em um projeto universitário, e outras exaltaram a importância dos momentos presenciais de formação.

Já os gestores do sexo masculino relataram os aprendizados sobre a história das localidades e os aspectos de planejamento. Como uma parcela dos homens que estão em cargos de gestão possuem formação em outras áreas, apareceu relatos que não contemplavam a vivência educacional no turismo e outros que apontam afinidade entre o turismo e a área de formação como no caso de um dos gestores com formação em comunicação. Por fim, os gestores que somavam as funções administrativas e operacionais em sua grande maioria apontaram as experiências no curso técnico em guia de turismo como marcantes para sua carreira.

No âmbito administrativo as mulheres atuantes como agente de viagens destacaram a formação técnica como um despertar para a atuação no turismo, as viagens que possibilitaram experiências únicas e o período de estágio que possibilitou um entendimento global do turismo. Já os agentes de viagem do sexo masculino relataram a importância das visitas técnicas e do estudo das noções de formatação de roteiros.

No âmbito operacional, que corresponde a maior parcela dos participantes da pesquisa, as mulheres guias de turismo relataram majoritariamente as visitas técnicas e o convívio com os colegas de profissão como as experiências mais marcantes ao longo do estudo. Foram relatados também o aprendizado obtido sobre a história e a cultura das localidades, o desenvolvimento de roteiros e de propostas exclusivas e o envolvimento com ações de extensão e contato com o mercado de trabalho mesmo estando ainda na condição de estudantes. Seguindo a mesma linha os guias de turismo do sexo masculino

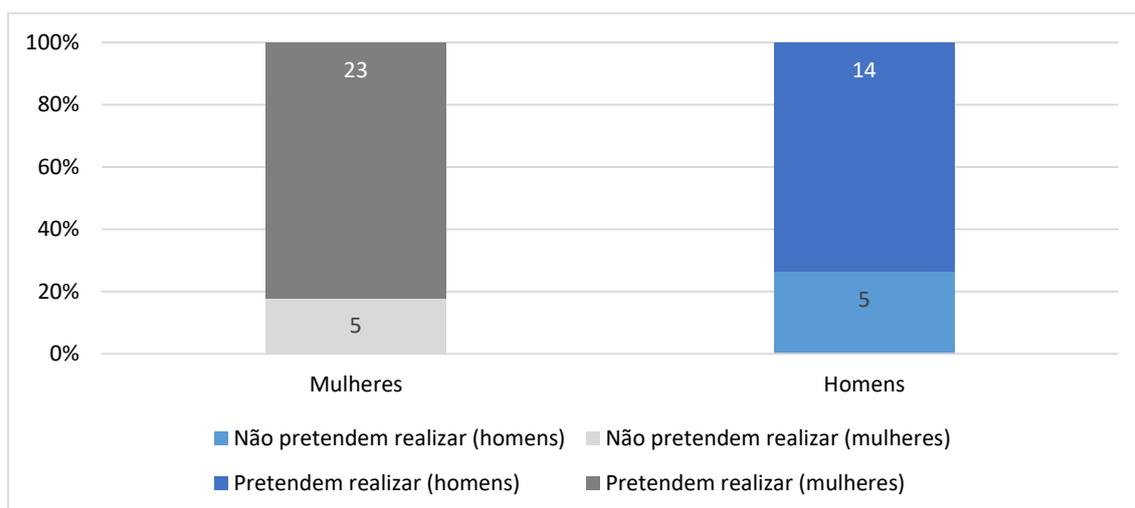
relataram as viagens técnicas, o próprio curso e a realização de um mestrado como práticas importantes em sua trajetória educacional.

O relato dos homens e das mulheres quanto a trajetória educacional que compõe as suas carreiras são interessantes, porém, é preciso destacar que foram realizadas por profissionais que conseguiram ingressar e estabelecer a atuação profissional no setor de turismo. Nas formações a nível técnico, tecnólogo ou superior em turismo, hospitalidade e lazer é muito comum ocorrer uma

“desidentificação com o lugar adequado do indivíduo na sociedade, caracterizado pela impossibilidade de inserção no mercado de trabalho; a estrutura social na qual a profissão está inserida, representada pelas empresas, [que não permite] a realização da identidade subjetivamente escolhida, e desenvolvida através do curso de formação profissional, a identidade profissional em formação” (OLIVEIRA, 2011, p. 354).

O fato de haver um desinteresse entre os egressos em cursos do eixo de turismo, hospitalidade e lazer como relatado nos estudos de Patrícia Oliveira (2011) a presente investigação buscou identificar se dentre os profissionais atuantes no mercado existia a perspectiva de realizar uma nova formação no ano corrente ou nos próximos anos e as respostas foram agrupadas e apresentadas no gráfico XIV.

Gráfico XIV – Número dos sujeitos de pesquisa que pretendem realizar uma formação nos próximos anos



Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

O desejo maior das mulheres em continuar os estudos oculta uma constatação que apontam aspectos de desigualdade entre os homens e as mulheres visto que para aqueles/as que responderam que não iriam continuar os estudos foi questionada a

motivação e este aspecto nos conduz a uma conclusão chave. Ao questionar o motivo da não continuidade dos estudos os homens relataram

“Já estou numa idade avançada e quero mais diversão” (guia de turismo, 65 anos ou mais)

“Não, pois não sou muito ligado ao estudo, rs” (gestor, 40 a 49 anos)

“Outras prioridades” (gestor, 50 a 64 anos)

“Tô satisfeito. Curso específico na minha área de atuação ok” (agente de viagem e guia de turismo, 30 a 39 anos)

Ao passo que as mulheres, ao responder o mesmo questionamento de qual o motivo para não continuarem os estudos, responderam que

“Financeiro” (agente de viagem, 50 a 64 anos)

“Já estou realizando cursos” (gestora, 40 a 49 anos)

“Tenho que estudar muito mais sobre a história, locais de visita, cultura mineira, etc. mas não estou pretendendo me formar em nada, mas posso mudar de opinião se fosse algo que vale realmente a pena” (guia de turismo, 50 a 64 anos)

“No momento não tenho interesse, porém não fecho questão. Atuo como Guia de Turismo a 4 décadas, claro que temos muito a aprender.” (guia de turismo, 65 anos ou mais)

“motivos financeiros” (agente de viagem, 50 a 64 anos)

As afirmações trazem elementos distintos trazendo a atenção para a descontinuidade dos estudos por parte dos homens motivado por um desinteresse e, por parte das mulheres, por um impedimento financeiro. O aspecto financeiro que impede a continuidade dos estudos por parte das mulheres constatado neste estudo pode ser associado a constatação de que “mesmo em termos de números absolutos pode-se acompanhar a diferença salarial entre os sexos, [...] na qual se percebe que as faixas salariais superiores são ocupadas por homens” (SILVEIRA; MEDAGLIA, 2016, p. 123).

Tratando ainda do aspecto de continuidade dos estudos existe uma distinção de interesses entre as mulheres e os homens, o que nos aponta caminhos distintos na perspectiva futura de carreira.

Dentre as mulheres que desejam continuar os estudos de alguma forma, 19% delas apontam para o desejo em cursar história, 11% em cursar o técnico em Guia de turismo, 7% em cursar museologia e restauração, assim como outras 7% desejam cursar marketing digital e novas tecnologias. As demais afirmaram o desejo de realizar cursos nas áreas de

gestão em hospedagem, turismo, ecoturismo, mestrado ou pós-graduação, gastronomia, língua estrangeira, gestão de pessoas, vendas e motivação.

Já os homens buscam uma formação mais direcionada aos aspectos da gestão do que as mulheres. Isso é perceptível no relato dos homens que desejam continuar os estudos terem 20% deles em busca de uma pós-graduação no âmbito da gestão, outros 20% em busca de cursar inglês como um segundo idioma seguido de 14% com desejo de cursar turismo, 14% em cursar história e 14% em cursar técnico em guia de turismo. Os demais buscam por cursos de experiências incríveis, doutorado, administração, publicidade e cursos livres em turismo e gestão.

O desejo de continuar os estudos faz-se importante pois o perfil que se espera dos profissionais na atualidade, segundo Abaurre (2006), são aqueles que realize formações que contribua para a dimensão sua cognitiva e que consiga sintetizar os conhecimentos educacionais de forma geral, os conhecimentos básicos e os conhecimentos específicos sobre o setor onde atua.

Além da importância na formação em si, “quanto maior a escolaridade, maiores os ganhos médios e menor a possibilidade de ficar desempregado” (ABAURRE, 2006, p. 233) e, tendo em vista as desigualdades nos processos formativos entre os homens e as mulheres no setor de agenciamento de viagens “possibilitam o capital apropriar-se dessa desigualdade existente nas relações de gênero, por isso que a precarização das condições de trabalho tem sido mais marcante para as mulheres” (NASCIMENTO, 2014, p. 8).

CAPÍTULO 5 - CARREIRAS NO AGENCIAMENTO DE VIAGENS: Aproximação do objeto ao seu contexto

Os processos formativos podem dizer muito sobre os/as trabalhadores/as que estão inseridos no mundo do trabalho como identificamos no capítulo anterior. Neste momento, após percorrer as discussões teóricas e as características educacionais dos respondentes da pesquisa apresenta-se as carreiras de homens e mulheres no setor de agenciamento de viagens sendo problematizadas, em diversos pontos, para evidenciar as relações de trabalho e os enfrentamentos à precarização do setor de trabalho do turismo, à desigualdade de gênero, ao sexismo e aos preconceitos.

Os resultados aqui apresentados representam a consolidação da segunda etapa da pesquisa empírica que foi conduzida com um grupo reduzido de participantes.

Inicialmente foi previsto a realização da entrevista com 6 (seis) profissionais, sendo 2 (dois) gestores de empresas de agenciamento de viagens, 2 (dois) agentes de viagens e 2 (dois) guias de turismo. Como o número de respondentes com dupla atividade representou um número significativo de respostas a amostra final dos respondentes que aceitaram participar da pesquisa foram 3 (três) proprietários/gestores de empresa de agenciamento de viagem, 2 (dois) agentes de viagem e 2 (dois) guias de turismo²⁸ tendo, para cada categoria, representatividade de trabalhadores do sexo masculino e feminino.

As entrevistas realizadas foram sistematizadas, transcritas uma a uma e posteriormente analisadas individualmente enquanto seu percurso de carreira a fim de problematizar as desigualdades na formação, nas relações de trabalho, nas relações no trabalho e na vida cotidiana. Além disso, através das narrativas e da compreensão da carreira dos/as trabalhadores/as foi possível compreender as relações de trabalho e os enfrentamentos utilizados por cada um dos sujeitos.

Seguindo os preceitos da pesquisa etnossociológica que busca apresentar um mundo social, esta pesquisa realiza um cruzamento das informações dos entrevistados para analisar nos momentos de transição das carreiras e da vida cotidiana como se dá a dinâmica da divisão sexual do trabalho. Para isso, as narrativas de vida serão ordenadas em um movimento de relação entre as narrativas masculinas e as narrativas femininas traçando um caminho de compreensão do agenciamento de viagens ressaltando que a

²⁸ Um dos profissionais guias de turismo acumula a função de proprietário/gerente de uma empresa de agenciamento de viagens e, ao ser entrevistado, foi sempre questionado sobre as duas posições que ocupa.

inclusão “de extratos excertos de narrativas de vida, isto é, de suas passagens mais significativas, parece-me essencial” (BERTAUX, 2010, p. 146).

Para preservar a identidade dos entrevistados os seus nomes serão substituídos por pseudônimos e conheceremos a trajetória de Susana e Livia que são duas proprietárias de empresas de agenciamento de viagem; Fabiana e Alexandre que são dois agentes de viagem; Joana que é uma profissional guia de turismo e o Rodrigo que é proprietário de uma empresa de agenciamento de viagens e guia de turismo que responderá pelos dois papéis profissionais. Além disso, devido ao caráter regionalizado do turismo, optou-se por renomear algumas localidades, empresas e instituições.

A organização dos dados dispostos nas páginas seguintes foi distribuída em três categorias centrais. A primeira perpassa pela vivência na perspectiva do sujeito sobre a materialização das suas relações de trabalho iniciando pela escolha profissional até a sua atual motivação para permanecer atuando no setor de turismo. Em seguida a abordagem passa para a materialização da experiência profissional por considerar as rotinas, o dia a dia do profissional com seus desafios e precariedades incluindo, ainda, alguns relatos do período pandêmico. E, por fim, o capítulo se encerra com a dinâmica da divisão sexual do trabalho no turismo focado nos relatos da vida pessoal e cotidiana dos trabalhadores e trabalhadoras do setor.

5.1 Materialização das relações de trabalho: da escolha à motivação de permanência no turismo

As relações de trabalho são efetivadas através do vínculo dos/as trabalhadores/as com as empresas porém, ao olhar de uma maneira contextual, encontramos nos relatos a presença marcante dos processos de escolha profissional, inserção ou transição de carreira, a estabilização no mundo do trabalho e a motivação para continuar atuando no setor de turismo. Conforme propõe Moesch (2002) as partes da realidade sociocultural só podem ser entendidas através de sua relação com o todo, em um movimento de totalidade que nos permite considerar aspectos econômicos, pós-modernos e tantos outros.

Assim, a compreensão das carreiras dos trabalhadores e das trabalhadoras inicia na **escolha de uma profissão**, mesmo que de forma intuitiva, levará o sujeito a prática efetiva do trabalho. O agenciamento de viagens é uma das possibilidades de atuação para o profissional que opta por estudar e entender o turismo enquanto fenômeno e campo do saber o que foi constatado já que os profissionais não informaram que a escolha profissional foi diretamente para este campo de atuação.

Elementos como idealização do turismo como a profissão do futuro, a análise da oferta de cursos técnicos, o desejo de transição de carreira e as experiências de viagens foram determinantes para a escolha profissional dos trabalhadores e trabalhadoras do agenciamento de viagens.

Com o sucesso do plano real no Brasil ampliou a demanda de serviços relacionados no turismo e levou o país a manter em funcionamento, no ano de 1999, aproximadamente 200 cursos superiores em turismo (MATIAS, 2002). Fabiana na condição de agente de viagens e Lívia que é proprietária de uma agência de viagens possuem aproximadamente a mesma faixa etária e estavam prestes a ingressar no ensino superior quando ouviam relatos comum de que o turismo seria a profissão do futuro, Lívia informou ainda que no ano que ela prestaria vestibular uma universidade privada de grande renome em sua cidade realizou o lançamento do curso de turismo que chamou sua atenção para escolher o curso. As publicidades feitas para o curso de turismo que atraíram a Fabiana e a Lívia apresentavam a área propícia para pessoas comunicativas, que gostassem de história e cultura das localidades e que buscavam conhecer culturas e outros jeitos de se viver. Fabiana reforçou ainda dizendo que “o turismo estava no BOOM, todas as faculdades tinham turismo, ‘tava’ todo mundo fazendo turismo” (Fabiana, agente de viagem).

A escolha profissional de Alexandre, um agente de viagem, seguiu um caminho diferente, pois, com aproximadamente 20 anos participou de um programa do governo onde se realizava uma prova semelhante a um vestibular para realizar um curso técnico e ao ler sobre o curso de agenciamento de viagens ficou interessado em participar, se inscreveu e foi aprovado.

Enquanto Alexandre buscava o início de sua trajetória de carreira a Joana já possuía uma formação na área da saúde e desejava realizar a transição de carreira, todavia como precisava conciliar os estudos com o trabalho só encontrou disponível no horário que podia fazer os cursos de hotelaria e o curso de guia de turismo. No momento da inscrição, por um erro no preenchimento do formulário, fez a inscrição no curso de Guia de turismo e após passar na prova de seleção que se deu conta do curso errado e afirmou que “já ‘tava’ ali quis pagar para ver e aí já chegou aos 14 anos [referindo-se ao tempo de atuação na profissão]” (Joana, guia de turismo).

A Susana e o Rodrigo que são proprietários de empresa de agenciamento de viagens tiveram sua escolha profissional influenciada pelas localidades que visitaram e

conheceram, sendo que Rodrigo que também é guia de turismo teve sua decisão influenciado fortemente por uma viagem que realizou em família e decidiu

“tentar fazer esse curso de guia para ver como é que era, se era do jeito que eu queria porque eu sempre quis trabalhar com novas coisas, não ter muita rotina, conhecer pessoas, conhecer novos lugares, desenvolver e ter sempre novos conhecimentos [e] acabou né que eu fiz o curso de guia me formei e tô aí até hoje [...] percebendo que era aquilo que eu queria para minha vida” (Rodrigo, guia de turismo e proprietário de uma agência de viagem)

Com o percurso educacional orientado nas carreiras temos pouca distinção entre os homens e as mulheres, visto que o percurso que leva a escolha de uma profissão passa pela subjetividade e por uma visão, de certa forma, distante do mundo do trabalho. O cenário é diferente quando analisamos a **inserção no mercado de trabalho** que simboliza a transformação dos estudante egressos em trabalhadores/as que empregam sua força de trabalho (NETTO; BRAZ, 2006) nas empresas e se diferem tanto no papel profissional exercido quanto nas relações de sexo.

Susana, Livia e Fabiana são egressas do curso de bacharelado em turismo e tiveram a inserção no mercado de trabalho auxiliada pela trajetória educacional. Susana realizou estágio em uma agência de turismo especializada em turismo pedagógico²⁹ e ao ver a forma intuitiva e leve que os estudantes aprendiam relatou que “encheu os meus olhos, meu coração e tudo mais” colocando aí o seu propósito de abrir uma agência com este viés. Livia, por sua vez, teve uma intermediação de sua colega de faculdade para atuar na hotelaria em um município do interior o que levou ela a se mudar logo após a formatura e quando regressou para a cidade onde cursou o ensino superior continuou atuando na hotelaria sendo interrompido apenas com a pandemia de Covid-19, em 2020. Fabiana ainda no seu curso superior teve a oportunidade de ingressar no órgão do setor público responsável pelo turismo municipal e, a partir desta experiência, conseguiu sua contratação em uma empresa turística.

Para o Rodrigo e a Joana, que buscaram a inserção profissional após a conclusão do curso técnico em guias de turismo, tiveram um percurso distinto que se caracteriza pelo vínculo de informalidade gerado por serem trabalhadores informais por conta própria

²⁹ Podemos compreender que "O que se apresenta hoje como turismo pedagógico, compartilha com a ideia de uma educação diferenciada, voltada principalmente aos interesses de um mundo melhor, da busca pela qualidade de vida e da conservação de bens e recursos naturais, culturais e ambientais" (BONFIM, 2010, p. 122-123).

(ANTUNES, 2018). Rodrigo pesquisou as agências e operadoras de turismo que realizavam viagens e foi “mandando currículo e indo nas agências, [e] com alguma frequência, eu ainda mando currículo para essas operadoras” (Rodrigo, guia de turismo e proprietário de uma agência de viagem), porém, relata a dificuldade de acesso a vagas e a oportunidade de serviços sem ser indicado ou sem ter alguém que faça a intermediação com os contratantes.

Joana apresenta uma situação atípica dentre os entrevistados, pois o fato de possuir dois irmãos mais novos e ser a filha mais velha a levou, com pleno 18 anos, a trabalhar para suprir as necessidades familiares com o falecimento de sua mãe. Obteve seu ingresso no mercado fora do universo do turismo devido a emergência e necessidade ocasionada pela circunstância da vida e depois optou por realizar sua transição profissional e iniciar sua atuação no turismo.

O curso de guia de turismo levou Joana a realizar monitoramentos em trabalhos regionais, mas enquanto profissional ingressou realizando viagens nacionais que possui uma remuneração inferior às atuações regionais o que representa uma barreira inicial até que, após realizar visita a várias agências espalhadas pela cidade encontrou uma gestora de agência de viagem que atuava com formandos e possibilitou o ingresso efetivo da guia de turismo no mercado regional e encaminhou, na sequência, indicações para outras empresas.

A dificuldade acentuada para a inserção profissional dos guias de turismo leva ao questionamento de quais são as **motivações para permanecer no turismo** e trilhar sua carreira de forma consolidada. Resgatando os escritos de Antunes (2018) podemos considerar que os guias de turismo, assim como os trabalhadores da hotelaria, aproximam-se da classificação de novo proletariado de serviços devido a tendência de assalariamento, proletarização e mercadorização.

Um aspecto que torna o guiamento um pouco distinto dos trabalhadores da hotelaria é a flexibilidade que o profissional possui em sua jornada de trabalho. Joana relata que por um período permaneceu trabalhando das 07h às 16h em um órgão público, buscava seu filho na creche e seguia para a jornada domiciliar de trabalho com a preparação de refeições e limpeza que não permitia um tempo de qualidade com o filho, o que levou a profissional a

“voltar a viajar porque eu conseguindo trabalhar uma semana eu tinha o mesmo ganho financeiro que eu tinha trabalhando o mês inteiro, então eu tinha esta opção de trabalhar uma semana inteira longe dele [o filho] mas ter o tempo de qualidade com ele. Nas outras semanas era 24 horas por dia com ele” (Joana, guia de turismo)

Com o intuito ainda de permanecer atuando como guia de turismo a Joana apresenta uma tendência observada também em Rodrigo, visto que ela afirma que tem a sensação de que “não dá para ser guia para sempre pois exige muito da gente e eu tenho trabalhado para que eu possa fazer minhas próprias viagens [...] eu quero abrir minha própria agência” (Joana, guia de turismo).

O que para Joana é um desejo, para Rodrigo foi o caminho que percorreu ao abandonar o trabalho paralelo que exercia na hotelaria em conjunto com o guiamento para abrir sua própria empresa. A motivação de Rodrigo para ter o próprio negócio segue o seu perfil questionador que tinha o desejo de realizar ofertas de forma diferente dos “80% dos contratantes que eu tive até hoje [que] não aceitaram muito bem” (Rodrigo, guia de turismo e proprietário de uma agência de viagem). Rodrigo busca permanecer com a multiplicidade de ser proprietário de sua empresa e, ao mesmo tempo, oferecer seus serviços de guia de turismo que ele afirma ser a base do seu orçamento familiar.

Enquanto o Rodrigo que situa na classe média tende “a se aproximar da classe trabalhadora ainda que sua aspiração possa se dirigir para o topo da pirâmide social” (ANTUNES, 2018, p. 57) não podemos considerar os gestores de empresas de agenciamento de viagens como classe trabalhadora pois ainda como afirma Antunes (2018) tem um papel central no controle, na hierarquia, no mando e na gestão do capital como demonstrado na trajetória da Lívia.

Hoje, Lívia compõe uma sociedade empresarial com um homem no controle de uma empresa de agenciamento de viagens. A empresa foi adquirida pelos dois sócios em um acordo realizado com o antigo proprietário após a sua necessidade de realocação profissional com a perda de sua posição no mercado de trabalho em decorrência da pandemia de Covid-19. Lívia acredita que a empresa que gerencia tem um posicionamento relevante no mercado e pretende continuar ampliando as atuações no setor.

A Susana, outra proprietária de uma agência de viagens, apresenta que sua motivação para continuar no turismo parte do prazer e pelo gosto de realizar o que faz e pela satisfação que tem em atuar no turismo.

Entretanto, nem toda a continuidade no setor é proveniente da satisfação em atuar. Alexandre, por exemplo, demonstra que realizou um curso superior após a conclusão do curso técnico e “pela proposta que recebi onde eu trabalho hoje e a ideia de dominar o que eu faço eu não tive coragem de abandonar toda essa história e começar uma nova carreira” (Alexandre, agente de viagem). O receio do Alexandre em gerar uma instabilidade com a mudança na carreira gerou uma acomodação no local onde atua, diferentemente de Fabiana, após uma experiência ruim com o setor de agenciamento de viagens devido a forma que foi tratada realiza hoje um curso em outra área e estima migrar de profissão em busca de uma estabilidade profissional através da realização de um concurso público.

Até aqui problematizamos as desigualdades entre os homens e as mulheres na sua escolha profissional, nas oportunidades de ingresso e permanência no mundo do trabalho e as motivações que levam cada um e cada uma a continuarem atuando no segmento. Na sequência iremos adentrar nas experiências e rotinas vinculadas ao dia a dia da atuação profissional.

5.2 Materialização do exercício profissional: vivências, experiências e rotinas de trabalho no turismo

A materialização do exercício profissional corresponde às relações no trabalho, aquelas que são realizadas entre os homens e as mulheres no ambiente de trabalho. No aspecto da prática cotidiana está envolvido o dia a dia em si das atividades, as questões discriminatórias, as dificuldades enfrentadas no trabalho, a desvalorização social, as questões hierárquicas, as precariedades e, no contexto desta investigação, os relatos de atuação no período pandêmico. Por fim, a satisfação que se tem em realizar uma atividade profissional também emerge do exercício cotidiano do trabalho.

Nos moldes toyotistas de organização do trabalho, muito relacionado ao ambiente fabril, Pinto (2007) aponta uma forma de controle patronal chamada “gestão pelos olhos” onde a gerência poderia acompanhar facilmente os setores e os postos de trabalho que precisavam de ajustes, com os avanços da tecnologia da informação nos tempos atuais, o controle fica ao passo de uma mensagem enviada através de um aplicativo de conversas instantâneas.

Neste contexto informatizado em que o trabalho é executado vamos refletir um pouco sobre o **dia a dia dos profissionais** e as atribuições mais rotineiras no exercício do seu trabalho.

Em uma visão operacional, os guias de turismo são responsáveis por executar os serviços planejados e comercializados pelas agências de viagens atribuindo aos profissionais a responsabilidade do suporte ao passageiro e da garantia da disponibilidade de todos os serviços. Rodrigo afirma que sua rotina nas semanas de preparação para receber um grupo de turista perpassa a confirmação do “roteiro, se tiver seguro viagem, restaurante, alimentação, transporte eu faço contato para poder ajustar tudo [além de separar] a minha rotina, minha bolsa ou a minha mala, microfone, a plaquinha de recepção” (Rodrigo, guia de turismo e proprietário de uma agência de viagem). Joana apresenta uma fala recorrente por parte de alguns contratantes que não reconhecem a responsabilidade dos guias de turismo e afirma que “a gente ouve muito: olha lá... só passeia, ganha para poder viajar [riso irônico] mas acho que a responsabilidade da gente como guia está muito além disso, muito além do que simplesmente passear” (Joana, guia de turismo).

Estes preconceitos quanto a atuação do profissional guia de turismo emerge do senso comum e, infelizmente, está presente na fala de alguns proprietários de empresas de agenciamento de viagens. Rodrigo que além de guia de turismo é proprietário de agência de viagem aponta algumas atribuições importantes como “seguir o roteiro conforme planejado com o contratante [...] trabalhar com toda a segurança, produtividade e sustentabilidade possível para ter a satisfação e agradar os clientes em todos os sentidos” (Rodrigo, guia de turismo e proprietário de uma agência de viagem).

Em uma visão gerencial, os proprietários de agências de viagem possuem uma agenda de reuniões com parceiros e fornecedores, buscam atualizar os serviços, apresentar novos roteiros ao mercado para oferecer a garantia de qualidade, realizar orçamentos, cotações e efetivação de vendas é uma prática comum aos trabalhadores/as. Ao relatar o dia a dia de trabalho, Susana destaca a importância dos proprietários de agência de viagens atuarem de forma transparente com os clientes como um posicionamento que a mantém por muitos anos no mercado e, ao afirmar isso, nos conta uma história

“eu lembro como se fosse hoje o cliente sentou e falou queria um pacote da operadora X aí eu falei: ‘olha essa operadora eu não vou te vender’. Ele falou assim comigo: ‘a agência da esquina vende, ou melhor a do lado aqui vende’. Do meu lado tinha uma agência e eu falei: ‘eu vou ter que te perder enquanto cliente nesse momento mas você pode comprar lá pois essa operadora realmente eu não vendo’. Ele disse: ‘você não vende porque?’ respondi que ‘eu não vendo porque tem algumas coisas

que ela promete e não cumpre e eu que vou ser a intermediadora e eu sou corresponsável por tudo isso'. Ai o cliente foi lá e comprou o pacote, deu tudo errado, e o segundo pacote ele comprou na minha mão e nunca mais largou” (Susana, proprietária de uma agência de viagem)

O que foi feito por Susana corresponde a cultivar o relacionamento e ser responsável quanto aos fornecedores e ao produto que ela comercializa, visto que na situação deste pacote especificamente ela não realizava a operação³⁰, apenas comercializava. A outra proprietária de uma agência de viagens Lívia afirma que o relacionamento entre a captação e a prospecção de novos clientes é uma função recorrente e importante na sua atuação.

Lívia ao relacionar as suas atividades na empresa afirma que por “não ter capital para poder pagar uma agência de marketing digital para trabalhar as redes sociais e trabalhar o *google* para colocar o ranqueamento” (Lívia, proprietária de uma agência de viagem) assumiu esta atribuição o que levou ela a iniciar o estudo de marketing digital em uma faculdade. Além da gestão das redes sociais, a proprietária aponta que realiza reuniões, responde aos clientes via e-mail e *Whatsapp*³¹ e que tem um foco juntamente com o sócio em atender empresas. Essas dificuldades apresentadas pelas mulheres nos cargos de gestão são agravadas, visto que existe uma sub-representação das mulheres nestes cargos em relação aos homens.

No âmbito administrativo não percebemos muitas diferenças no que foi relatado pela Lívia em se tratando da atuação do agente de viagens, isso se deve pelo fato da empresa da Lívia não possuir este profissional o que leva a uma sobrecarga de trabalho para os sócios. Alexandre, por exemplo, que atua apenas no âmbito administrativo como agente de viagem, afirma que sua atuação é muito voltada à prestação de atendimento ao cliente na loja física, por e-mail e por *WhatsApp*. Segundo Alexandre “o atendimento físico é raro mas tem aqueles que gostam de sentar, conversar e bater um papo mas a maioria das vezes [o atendimento] é pelo *WhatsApp* mesmo” (Alexandre, agente de viagem).

³⁰ Como apresentado no lócus de pesquisa, o campo do agenciamento de viagem é muito amplo e possui as agências que apenas comercializam pacotes de viagens das agências de viagens e turismo, denominadas operadoras, que realizam a contratação dos serviços e assumem a responsabilidade por conduzir e orientar o turista.

³¹ Aplicativo de mensagens instantâneas que possui uma versão comercial para as empresas denominada *WhatsApp Business*.

O atendimento realizado pelos agentes de viagens normalmente é direcionado a uma espécie de consultoria de destinos, onde o profissional descreve para o potencial turista o que ele pode conhecer, o que ele pode fazer no destino e as possibilidades de passeio. Na empresa que Alexandre atua tinha uma prática de apenas vender as viagens operadas pela própria agência e, com a chegada dele, foi sugerido ao proprietário a abertura da oferta de viagens de forma personalizada para atender pessoas que desejava viajar para um destino diferente ou fora das datas disponibilizadas o que foi acatado e levou o Alexandre a realizar o atendimento, a definição do financeiro e a jornada do cliente do início ao fim. Este relato de Alexandre mostra a abertura de algumas empresas ao novo e contribui para o nosso entendimento sobre o agenciamento.

Fabiana é uma trabalhadora atuante no agenciamento de viagem que aponta um desestímulo à atuação como agente de viagens por não ter o treinamento que precisava para cumprir as tarefas e, mesmo assim, realizava atendimento via telefone, e-mail e participava de evento de turismo representando as agências. A falta de uma orientação foi um fator desestimulante para a Fabiana que leva a necessidade de refletir sobre as **dificuldades enfrentadas pelos/as trabalhadores/as** no exercício do trabalho.

Fabiana realiza um relato forte que mostra a dificuldade que um profissional pode enfrentar ao assumir uma atividade quando diz “não tive o treinamento específico, me ensinaram as coisas tipo assim você se vira” (Fabiana, agente de viagem) e isto a desestimulou a continuar na atividade. Alexandre já se mostra preocupado em continuar sendo útil para seus clientes porque segundo ele

“essa pandemia ao meu ver ela acelerou muita coisa que era o meu medo, ela acabou acelerado a tecnologia que em parte é bom, tanto para o cliente quanto para gente né, mas aquela insegurança das pessoas dominarem a tecnologia e ter segurança de fazer a própria compra do pacote turístico pela internet né e acabar colocando o agente de viagens de lado [...] é a nossa maior insegurança” (Alexandre, agente de viagem)

O risco da automatização do trabalho do agente de viagem é iminente e uma real dificuldade do profissional que precisa oferecer segurança, apresentar diferenciais e buscar uma alternativa possível, como já dito por Rodrigues (2020, p. 110) “os agentes de viagens desde há algum tempo, com a entrada das vendas online, se posicionam mais como consultores de viagens [...]. Parece-me que no futuro breve, tudo se vai passar online”.

Alexandre afirma ainda que além de competir com a tecnologia os fornecedores apresentam-se como um desafio pois a presença digital amplia o poder de negociação dos *players* digitais e inibe boas condições de valores e disponibilidades para os operadores e agências de pequeno porte. Rodrigo afirma que suas dificuldades como proprietário de agência de viagens estão vinculadas a compreensão dos parceiros comerciais, fornecedores de hospedagem e alimentação, quanto a importância da parceria e a compreensão de parte dos negócios em ficar barganhando o menor preço dentre os fornecedores.

Lívia como proprietária de uma agência de viagens reforça a dificuldade que possui com os fornecedores no aspecto de sentir uma escassez de guias de turismo que possuem um conhecimento maior sobre determinado tema ou que estejam preparados para atender alguns nichos de mercado. Rodrigo contrapõe parcialmente a Lívia em sua argumentação quando relata que na sua experiência de guia de turismo “tem contratante que quer que qualidade de mais, quer que o Guia faça muito serviço, muitas coisas ao mesmo tempo ou durante ao longo do serviço contratado, e não aceita pagar um valor que seja minimamente justo” (Rodrigo, guia de turismo e proprietário de uma agência de viagem).

A fala do Rodrigo quanto ao reconhecimento da atuação do guia de turismo por parte dos proprietários de agências de viagens demonstra outra condição precária aos profissionais operacionais que assumem uma sobrecarga de trabalho em busca do valor acordado pelo serviço *freelancer*, muitas vezes caracterizado pela “pejotização” que burla o direito dos/as trabalhadores/as (ANTUNES, 2018). Rodrigo continua sua argumentação dizendo que

“Eu já ouvi essa questão do: 'se eu aumentar o valor que eu vou te pagar [Rodrigo] eu vou perder cliente por que a minha clientela não vai aceitar a pagar o valor que eu vou ter que cobrar se eu for pagar o valor que você está pedindo” (Rodrigo, guia de turismo e proprietário de uma agência de viagem)

Pela experiência de Rodrigo também no agenciamento de viagem ele sabe que, em um ônibus de aproximadamente 40 pessoas, o valor justo por seu trabalho corresponde ao valor de aproximadamente um passageiro. A questão econômica relaciona com a exploração realizada pelas empresas que atinge os homens e as mulheres pela condição de trabalhadores, todavia a Joana ao apontar as suas dificuldades já foca na relação com

os turistas afirmando que “as vezes a gente lida com os passageiros que são bem complicados” (Joana, guia de turismo) e soma no caso das mulheres a uma opressão por sua condição feminina.

A opressão sofrida por mulheres trabalhadoras é percebida nas **relações entre as pessoas no trabalho**, motivo das reflexões a partir deste ponto da investigação.

A dupla atividade de Rodrigo como guia de turismo e proprietário de agência de viagens permite, mais uma vez, ter um olhar relacional pois ele afirma que como guia de turismo já foi “dispensado ou parado de ser chamado por causa dessa mistura de fatores [...] não ser muito conformado com o conformismo, [...] algumas empresas não estar aberta ao novo, não estar aberta a mudar as coisas, de trabalhar novidades e tal” (Rodrigo, guia de turismo e proprietário de uma agência de viagem).

A resistência de alguns ao novo e ao tradicional é presente em algumas empresas de agenciamento de viagens e está ligado normalmente aos gestores que encontram-se à frente do negócio. Em relação às empresas que prestam serviço, Joana apresenta uma boa relação com elas e demonstra uma certa autonomia para conduzir os seus trabalhos junto aos turistas sem intervenções impostas pelas empresas.

Um destaque importante na atuação do guia de turismo é a sua relação com um parceiro fundamental de trabalho, o motorista. Joana descreve que “se a gente não tiver uma comunicação boa com os motoristas, a gente acaba não tendo como fazer um bom trabalho porque se tudo está desalinhado alguma coisa, em algum momento, dá errado” (Joana, guia de turismo). Uma viagem em que não há harmonia entre o guia e o motorista pode ser impactada e sentida pelos turistas, o que torna-se mais difícil para as profissionais guia de turismo do sexo feminino, que tem que lidar com uma categoria profissional majoritariamente masculina. Todavia, Joana encerra sua fala informando da existência de uma rede de apoio entre os profissionais guia de turismo que a auxilia em casos de dúvidas, necessidades urgentes e com indicações de serviços.

O agente de viagem Alexandre afirma uma boa relação com o proprietário da agência onde atua e Lívia com o seu sócio, ao passo que, a Susana afirma que era sócia de seu esposo e “depois que a gente se separou, separou sociedade, separou casamento, separou tudo” (Susana, proprietária de uma agência de viagem). A experiência de Susana aponta para o caráter familiar dos negócios e as dificuldades da vida cotidiana que impactam o negócio.

Abrindo um breve espaço para a visão dos proprietários de empresas de agenciamento de viagens foi questionado a eles quanto às dificuldades enfrentadas com os trabalhadores e os questionamentos foram direcionados a **formação para o trabalho**.

Susana realiza um relato dizendo que costumava brincar com seus funcionários dizendo

“[que] com 30 dias você pega o serviço, com um ano você aprende o que a agência de viagem mexe, pois é com mundo de coisas né, mexe com seguro, com navio, com rodoviário nacional e internacional é muita coisa mesmo” (Susana, proprietária de uma agência de viagem)

A fala de Susana relata uma realidade de preparação do profissional, formado ou não, para a atuação no mercado de trabalho seguindo os preceitos da empresa. Rodrigo afirma que além de preparar os profissionais para a forma que a empresa deseja trabalhar, busca por profissionais abertos a interatividade, a melhorias e a aceitação a adaptação seguindo sua argumentação dizendo que sente como má condição de trabalho a “falta de abertura, essa falta de aceitar trabalhar em conjunto [...] de ouvir, aceitar ouvir, trabalhar né crítica construtiva” (Rodrigo, guia de turismo e proprietário de uma agência de viagem).

As **más condições de trabalho** são percebidas de forma diferente nas carreiras dos homens e das mulheres, como também no âmbito de trabalho administrativo ou operacional. No caso do âmbito gerencial não se fez presente nos relatos dos entrevistados, o que demonstra que os proprietários e gestores de agências de viagens não sofrem com a exploração do trabalho da mesma forma que os profissionais administrativos e operacionais.

No âmbito operacional, enquanto os homens não relataram precariedades, a guia de turismo Joana relatou que existe uma disputa muito grande entre os trabalhadores no mercado de trabalho afirmando que grande parte dos profissionais “não tem uma boa vontade em ajudar e alguns até mesmo procuram te atrapalhar a trabalhar [...] existe muita conversa paralela sobre os colegas” (Joana, guia de turismo).

No âmbito administrativo, a Fabiana relatou uma vivência na empresa de agenciamento de viagem que se assemelha a um desvio de função e acúmulo de atividades associadas ao trabalho doméstico sendo atribuído às mulheres.

Fabiana trabalhava em uma agência de viagens com outra profissional que devido a ter mais tempo de casa era socialmente considerada uma gerente mesmo não sendo remunerada e reconhecida monetariamente desta maneira. Os turnos de trabalho entre as funcionárias eram opostos porém se encontravam no dia de faxina. Fabiana afirma que

“eu não tive muita relação [com o proprietário da agência], eu tive mais com ela [outra funcionária] do que com ele porque como eu trabalhava de manhã e ela trabalhava de tarde, o único dia que ela chegava mais cedo era o dia de fazer faxina. Ela limpava o banheiro e limpava a sala e eu limpava os armários e as mesas [...] e assim quando por exemplo eu tinha uma dúvida parecia que ela estava me fazendo um favor sabe, ela é daquele tipo de pessoa que 'ah eu não vou ensinar muito porque vai que ela fica melhor do que eu' essa era a impressão que eu tinha e eu me sentia muito reprimida sabe [... quanto a precariedade] tinha essa coisa da Faxina porque eu acho que a gente não foi contratada para isso, a gente não ganhava para isso, eu tinha isso como uma escravidão e toda vez que eu tinha que limpar esse armário era uma lamúria porque eu morria de medo porque tinha [vários suvenires de miniaturas] e o medo que eu tinha de quebrar aquilo e também porque eu não tinha experiência com faxina” (Fabiana, agente de viagem)

O relato de Fabiana expõe uma situação precária enfrentada pelas mulheres, não só na contemporaneidade mas desde o século XX, onde a necessidade de maximizar as receitas tornou “comum exigir dos trabalhadores, para além da execução de tarefas rotineiras, a responsabilidade pela manutenção dos equipamentos com que trabalham, a limpeza do local de trabalho” (PINTO, 2007, p. 77-78).

Uma precariedade vivenciada pelos profissionais no decorrer da realização desta pesquisa foi a adaptação da atuação ao longo da pandemia de Covid-19 aparecendo no relato de Alexandre que para suas tarefas como agente de viagem se sentia muito distraído no trabalho home office e assim que foi possível regressou ao escritório, já a Joana teve sua atuação drasticamente atingida e afirmou que a rotina de trabalho estava lenta se comparado com o período anterior a pandemia onde “chegava a ficar um mês inteiro... 50 dias, sem ir direito em casa né. E aí passado esse período agora mais crítico da pandemia eu tenho ficado uma semana em casa e uma semana trabalhando” (Joana, guia de turismo).

Os trabalhadores e trabalhadoras que atuam no turismo manifestam algumas **satisfações no trabalho do turismo** ao serem questionados sobre as experiências marcantes que tiveram ao longo da carreira.

Alexandre teve sua satisfação como agente de viagem quando contribuiu para a reforma do escritório que mesmo parecendo algo concreto simbolizou uma mudança de mentalidade de todos na empresa. Fabiana que atua também no âmbito administrativo teve como experiência marcante a participação em um *famtour* representando a agência pois conseguiu conhecer uma pousada de luxo, realizar a refeição em um restaurante renomado e fazer networking com outras pessoas do mercado.

Rodrigo e Joana, dois profissionais guia de turismo, recordam de viagens a trabalho que marcaram positivamente a trajetória profissional e Joana finaliza referindo sobre a riqueza das experiências dos guias de turismo e afirma que “cada um de nós podemos escrever um livro né, com tanta história que a gente tem dá pelo menos uma trilogia” (Joana, guia de turismo).

Com todo o exposto até o presente momento foi possível problematizar as vivências, experiências e rotinas de trabalho dos homens e das mulheres, destacando situações complexas de exploração que afetam os dois sexos e outras situações de opressão que afetam diferencialmente as mulheres trabalhadoras. Na sequência iremos adentrar nas relações interpessoais e na vida cotidiana dos/as trabalhadores/as atuantes no agenciamento de viagem.

5.3 Dinâmica da divisão sexual no setor de turismo: o que precisa mudar?

As relações sociais, ambições pessoais e o contexto da vida privada dos/as trabalhadores/as constituem o seu ser social e possibilita identificar as características e as dinâmicas da divisão sexual do trabalho no setor de turismo, com o olhar específico para o agenciamento de viagem.

Partindo da territorialidade, os sujeitos de pesquisa foram questionados sobre o **contexto domiciliar** e a constituição de sua família e foram identificados três características: residência solo, residência com os pais e residência com os filhos.

Alexandre enquanto agente de viagem vivia com os pais, irmão e os avós e relata a alegria de recentemente ter adquirido seu apartamento próprio com o seu trabalho no turismo. Fabiana, por sua vez, reside apenas com sua mãe por serem filhas de pais separados.

Rodrigo possui uma característica familiar distinta pois optou em abrir a agência de viagem “para poder tocar os meus próprios projetos e buscar o próprio sustento” (Rodrigo, guia de turismo e proprietário de uma agência de viagem) mas divide sua

residência entre a casa de seus familiares e a casa de sua atual companheira juntamente com seu filho.

Susana casou-se com um colega de faculdade e abriu em sociedade a agência de viagens que administra. Susana e seu esposo tiveram um filho e revezavam entre si para determinar o cuidado com o filho e a presença na empresa, o que manifesta-se um risco pois "trabalhar em turnos causa tensão nos casamentos, porque os parceiros raramente passam tempo juntos" (MOONEY, 2016, p. 240). Não se pode afirmar a influência das trocas de turnos no relacionamento de Susana, porém, ela se separou e relatou que "depois que nos separamos eu me organizei né para que eu pudesse continuar fazendo várias atividades" (Susana, proprietária de uma agência de viagem). Mesmo com as dificuldades de conciliar as atividades permaneceu residindo juntamente com seu filho.

A outra proprietária de uma agência de viagem Livia também vive com a filha e a guia de turismo Joana vive com o filho. Tais contextos domiciliares apontam para a preocupação com o exercício profissional das mulheres trabalhadoras visto que "uma das principais fontes de estresse [...] é a luta do dia a dia para atender simultaneamente às demandas de trabalho e outras responsabilidades da vida" (MOONEY, 2016, p. 240), como a criação, acompanhamento e os **cuidados com os filhos**.

Como guia de turismo, a atuação de Joana pressupõe a realização de viagens e de deslocamento que a coloca distante de seu filho. A profissional relata que reside a aproximadamente 100 metros da casa de sua avó e "quando eu viajo ele fica na casa da minha avó então acaba que a minha avó e as minhas tias, pessoas que residem na casa da minha avó, acaba fazendo aí parte desse núcleo [de apoio]" (Joana, guia de turismo). A prática de Joana é característica na dinâmica da divisão sexual do trabalho, onde o trabalho do *care* é atribuído, na maioria das vezes, às mães e em sua ausência a mulheres que constituem sua rede de apoio.

Pela natureza do trabalho que pressupõe deslocamento ocorre algo semelhante com Rodrigo que conduz o seu filho para a casa da avó materna em dias que possui algum guiamiento e expõe um desejo de "ter um maior suporte em relação a isso até para que o [seu filho] não perca aula por minha causa" (Rodrigo, guia de turismo e proprietário de uma agência de viagem). Em seu cotidiano como proprietário de uma agência de viagem Rodrigo tem uma rotina de cuidados com o filho tendo a obrigação de levá-lo e buscá-lo na escola e preparar as refeições.

Ainda no âmbito operacional, um complicador existente nas relações de trabalho dos guias de turismo é que algumas demandas de atendimento a turista de última hora, não agendadas previamente, ocasiona a impossibilidade de atendimento pois como constatado no caso de empresas por Mooney (2016, p. 240) "alguns empregadores enviam a agenda de horários de seus funcionários apenas com alguns dias de antecedência, o que torna difícil providenciar assistência às crianças".

Lívia realiza a gestão de sua empresa em casa o que permite cuidar com mais tranquilidade de sua filha, da mesma forma que Susana possui um escritório em casa e fica próximo ao seu filho mesmo que hoje não necessitando mais de cuidados intensivos por já ter alcançado a maioridade e possuir uma rotina própria de estudos e trabalho.

Mooney (2016) aponta a ausência de políticas federais norte-americanas que garantam a licença paternidade/maternidade remunerada, direito a amamentar no trabalho, licença remunerada por motivos de doença, férias anuais remuneradas e licenças assegurada para eventos familiares importantes, todavia, mesmo com algumas destas legislações presentes no Brasil elas não são aplicadas aos guias de turismo e aos gerentes de agenciamento de viagens devido ao caráter autônomo, de microempreendedor individual e de pequenos empresários que impede a aplicação das legislações trabalhistas correlatas aos trabalhadores assalariados.

Uma curiosidade e particularidade no trabalho de cuidado dos filhos é encontrado no relato de Lívia e Susana que apontam a dinamicidade da atividade turística e, por trabalharem com a comercialização de passeios turísticos, já tiveram a oportunidade de levar os filhos para vivenciar as atividades. Lívia afirma que ela contratou um guia de turismo experiente e a filha “fez o roteiro com a gente então automaticamente ela já fez perguntas e estava vivendo a história, ela perguntou para ele [guia de turismo] e ele deu uma aula para ela [...] isso é muito bom, muito enriquecedor” (Lívia, proprietária de uma agência de viagem) e, semelhante a isso, Susana afirma que “na possibilidade ele [filho] sempre viajava comigo [...] também era muito gostoso porque ele aprendia também, tinha dia que ele abria uma ‘perguntação’ lá para os guias e eu achava aquilo o máximo”.

Ao questionado sobre o **cuidado com os demais familiares, os sujeitos** de pesquisa apontam caminhos distintos. Rodrigo e Alexandre participam pouco do cuidado com os demais familiares sendo que Rodrigo atribui este cuidado para a mãe e o Alexandre tem avós ativos que demandam seu acompanhamento apenas para consultas médicas específicas.

Já para as mulheres trabalhadoras o cenário é distinto pois "as mulheres tendem a vivenciar mais conflitos entre a vida familiar e a vida no trabalho do que os homens" (MOONEY, 2016, p. 240). Fabiana afirma que não é demandada por ter familiares bem independentes, já Joana realiza orientação de seus familiares em consultas médicas e no deslocamento realizado na cidade vizinha que é pouco conhecida pelas tias.

Lívia lida com o falecimento recente de seu pai que gerou uma ausência grande para a sua mãe que possui 75 anos e, pelo fato de morarem próximas, ela realiza todo o suporte e afirma que "os pais vivos viram nossos filhos [...] hoje eu não deixo minha mãe sair sozinha, vai esperar minha tia chegar para você sair, então você vê como é que aquele papel se reverte" (Lívia, proprietária de uma agência de viagem). A dinâmica realizada por Lívia demonstra que "os trabalhadores com pais idosos e/ou doentes preocupam-se em saber como vão cuidar deles, ou organizar e monitorar os cuidados, ao mesmo tempo que tem uma semana de trabalho de 40 horas (ou mais)" (MOONEY, 2016, p. 240).

As múltiplas jornadas de trabalho para a manutenção da vida dos sujeitos contempla o **trabalho doméstico**, não podendo ficar de fora a análise de como se dá a distribuição desta atividade no contexto familiar.

Alexandre por morar sozinho assume todas as tarefas domésticas de sua casa, bem distinto de Rodrigo que assume as tarefas relacionadas ao seu quarto, ao cuidado com seu filho e com o seu animal de estimação. Nos momentos em que Rodrigo encontra-se com sua atual companheira contribui com a limpeza dos cômodos e com as compras de supermercado.

Fabiana que reside com sua mãe assume a limpeza do que utiliza em sua casa, realiza majoritariamente as refeições fora de sua residência e conta com o trabalho de uma diarista todas as sextas-feiras para a realização da limpeza de casa. Tal prática de repasse, ou terceirização, da limpeza a outra mulher é comum e recorrente em estudos que analisam a relação de mulheres trabalhadoras com o trabalho doméstico.

Na realidade das proprietárias da agência de viagens Susana e Lívia existe a colaboração de uma diarista que assume as tarefas domésticas da residência em alguns dias da semana, ficando os dias restantes para um trabalho de manutenção e preparação das refeições. Susana demonstra que a pandemia modificou seus hábitos e levou ela a trabalhar de *home office* acreditando que

“hoje [o escritório] é dentro da minha casa, tem os meus atendentes em home office que a gente tá fazendo os atendimentos online porque hoje não precisa de ter um local físico não. Então você trabalha aqui [em casa] você consegue colocar uma água para ferver, você coloca um macarrão ali, então dá para você dar uma gingada melhor [...]estar dentro de casa tem seus benefícios e seus malefícios também, às vezes o trabalho não acaba” (Susana, proprietária de uma agência de viagem)

Com um poder aquisitivo distinto das proprietárias de uma agência de viagem a Joana que atua como guia de turismo conta com a contribuição do seu filho na limpeza da casa durante a maior parte das vezes tendo, em ocasiões específicas, a ajuda da “moça que trabalha na casa da minha avó mesmo, ela vai lá e dá uma faxina pra mim” (Joana, guia de turismo).

Por fim, há que se considerar no tempo e espaço de lazer como uma forma de ruptura com as rotinas e práticas do dia a dia do trabalho permitindo a abertura dos sentidos para a diversão (MOESCH, 2002). Para tal refletirmos na dimensão dos/as trabalhadores/as todas as suas **atividades de lazer**.

Rodrigo apresenta como opções de lazer na qual tem mais familiaridade de praticar é assistir televisão, andar de bicicleta, frequentar espaços de lazer com seu filho e até mesmo “algumas ações de divulgação que tem algum *coffee break* ou alguma coisa assim [e] eu acabo presente para fazer esse relacionamento e me divertindo um pouco” (Rodrigo, guia de turismo e proprietário de uma agência de viagem).

Alexandre e Joana admitem ter um hábito de lazer muito semelhante como descansar em casa e sair com os amigos enquanto a Fabiana que ocupa a mesma atividade profissional gosta de aproveitar seu tempo com um sobrinho, realizando práticas de estudo e leituras.

Por fim, a Susana afirma que sempre foi muito ligada aos negócios e encontra-se atualmente em uma fase “aprendendo a delegar mais do que fazer e a buscar mais momentos de lazer para a gente poder descansar” (Susana, proprietária de uma agência de viagem) e reforça a sua paixão em viajar, assim como Lívia quando diz que “aproveito muito assim para conhecer um lugar” (Lívia, proprietária de uma agência de viagem).

Seguindo as reflexões de Moesch (2002) o turista ao viajar explora em seu imaginário as visões que possui de uma determinada localidade em seu aspecto totalitário e, como ele está exposto a uma diversidade de publicidade, de informações e de

avaliações consegue criar uma imagem do destino que deseja realizar a sua próxima viagem.

Todavia, o mesmo turista irá refletir nos trabalhadores e trabalhadoras que atuam dia a dia para produzir a atividade turística que será consumida por ele. Este trabalhador/a necessita perceber que

“uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e estranhado com tempo (verdadeiramente) livre. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida repleta de sentido fora do trabalho” (ANTUNES, 1999, p. 173).

Observa-se que o tempo livre tem um aproveitamento cada vez mais ineficiente porque o tempo considerado livre é cada vez mais alienado. O tempo livre aliena-se ao forçar as/os trabalhadoras/es a manter acesso contínuo ao telefone da empresa ou a prestar satisfações constantemente por aplicativos de mensagem instantânea. Além disso, as/os trabalhadoras/es precisam de condições materiais e financeiras para vivenciar o seu tempo livre que, por ser uma mercadoria no mundo atual, é preciso que o trabalhador venda sua força de trabalho em busca de recursos financeiros.

Desta maneira, a divisão desigual do trabalho em relação ao sexo provoca uma divisão desigual do lazer, no aspecto da diversão e do usufruto do tempo livre. Com isso, as mulheres têm ao mesmo tempo uma sobrecarga de trabalho somada a uma possibilidade menor de usufruir de atividades de lazer, viagens e turismo. Precisamos urgentemente reverter isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partir de um incômodo social sobre a realidade onde vive, onde consegue perceber que existe alguma coisa estranha é que você não consegue explicar, lhe falta conhecimento, provas, relatos e palavras. Assim nasceu esta pesquisa e, assim, concedo a ela uma pausa de minhas reflexões, minhas, agora me coloco e me apresento como seu interlocutor nesta presente obra.

A obra a que vos refiro tinha um objeto conciso e pouco simples que é a compreensão da Divisão Sexual do Trabalho na prática social dos/as trabalhadores/as no setor de turismo por meio de suas carreiras. Ou seja, dentro do setor onde cursei minha graduação paralelamente com o curso técnico de guia de turismo, avancei com a licenciatura e aprofundei nos aspectos formativos com este percurso do mestrado em educação tecnológica queria olhar para a carreira de homens e mulheres que, em alguns momentos constituíam-se como colegas de profissão, se havia ali uma distinção entre as suas práticas.

Por consequência, o objeto da pesquisa levantou em mim algumas questões que ao realizar esta pesquisa com uma abordagem qualitativa, sem me ater diretamente a amostra e ao universo da pesquisa, pude conduzir uma pesquisa exploratória de análise crítico-dialética onde a empiria dos relatos dos trabalhadores homens encontraram com a empiria das trabalhadoras mulheres e, se unindo com a teoria, nos apontou caminhos para responder os questionamentos. Cabe aqui demarcar uma dificuldade da análise da categoria raça devido à falta da identificação dos sujeitos para uma abordagem completa da consubstancialidade.

Na centralidade das questões estava o desejo em compreender como se dá a Divisão Sexual do Trabalho na prática social dos/as trabalhadores/as no setor de turismo? Como é vivenciada em suas carreiras e em suas atividades laborais? Quais as relações de trabalho e os enfrentamentos desenvolvidos frente aos preconceitos, sexismo e precarização do trabalho no setor?

Imagino que o caminho que você fez para chegar até aqui te apresentou as respostas, todavia os objetivos específicos e a estrutura de apresentação da pesquisa pode nos auxiliar a resgatar alguns destes aprendizados que tivemos nesta trajetória.

A primeira seção intitulada aproximações teórico-conceituais busca propor o que seu nome representa ao iniciar com um capítulo que apresenta as pesquisas que trazem o

turismo, o trabalho, a educação profissional e tecnológica, as carreiras e a divisão social do trabalho em seu escopo. Com uma análise das pesquisas que compõem este corpus, muito nos surpreendeu encontrar apenas uma produção científica que realiza o cruzamento das categorias e utilizada a abordagem sexuada e que, mesmo assim, não foi no setor de agenciamento de viagem o que fortaleceu o propósito desta investigação.

Encerramos o primeiro capítulo sabendo que a pesquisa a ser desenvolvida, e agora apresentada, era pertinente e justificável.

O segundo capítulo foi todo construído com o intuito de correlacionar as concepções de carreira, de educação profissional e tecnológica, e do mundo do trabalho no setor de turismo através de um olhar sexuada da divisão sexual do trabalho. Isso contribuiu conosco pois o entendimento da educação profissional e tecnológica nos levou a desejar um modelo de educação crítica e integral dos sujeitos, entender as dinâmicas do mundo do trabalho e a divisão entre os sexos nos levou a desejar um olhar sexuada do trabalho e entender as carreiras nos levou a desejar uma abordagem psicossocial de carreira que contemple o projeto e a trajetória de vida no trabalho. Com as concepções trianguladas percebemos que a profissão para ser constituída ou exercida exigiu um processo de educação que normalmente é profissional e tecnológico quando se trata da inserção no mundo do trabalho e que possui suas próprias regras e se materializam na carreira psicossocial do homem e da mulher de forma distinta.

Encerramos o segundo capítulo alcançando o nosso primeiro objetivo específico e aproximando as categorias analisadas nesta pesquisa.

O terceiro capítulo é um respiro para aqueles que não estão familiarizados com o setor de turismo, ou mesmo para os que conhecem mas não conseguem conceber a sua complexidade, a forma como o turismo é organizado nos territórios, a representatividade do agenciamento no setor de turismo, os atores que compõem esta história e os caminhos possíveis para identificar os processos formativos e a dinâmica da divisão sexual do trabalho nas carreiras.

Encerramos o terceiro capítulo compreendendo os elementos necessários para lançar o olhar aos objetivos específicos que nos auxiliou a responder a questão central desta investigação, assim como, com quem iríamos nos deparar ao sair do universo dos livros e partir para o contato com as realidades vivenciadas pelos profissionais.

Após toda a preparação demos início a segunda seção batizada de dinâmica da divisão sexual no setor de turismo e buscamos tratá-la como a seção que reunisse toda a pesquisa empírica e nosso contato com os sujeitos de pesquisa em um único lugar. Para entender completamente a resposta do questionamento apresentado, o convite é que você realize a leitura da seção na sua integralidade.

O quarto capítulo tem como intuito evidenciar a formação e a qualificação profissional presente nas carreiras de trabalhadores atuantes no agenciamento de viagens e contribuir para o início da problematização das carreiras de homens e de mulheres ao evidenciar as desigualdades na formação. Desde o perfil dos entrevistados já percebe-se uma desigualdade entre as trajetórias masculinas muito concentradas na esfera gerencial e as trajetórias femininas na esfera operacional. O número de trabalhadores e de trabalhadoras formados em cursos técnicos, tecnólogos e superiores, assim como a área de formação nestes cursos, mantém-se distintas quando observamos sob a ótica do olhar sexuado. As formações proporcionadas pelas empresas dispostas no mundo do trabalho são desiguais para as mulheres e no âmbito dos projetos de carreira e as perspectivas futuras de formação das mulheres enfrentam uma grande barreira para continuar os estudos: motivos financeiros.

Encerramos o quarto capítulo percebendo que ao evidenciar os processos formativos em educação tecnológica dentro de uma mesma área de atuação conseguimos perceber as desigualdades entre os sexos.

O quinto e último capítulo aprofunda a problematização das desigualdades nas carreiras ao evidenciar como ocorre a materialização das relações de trabalhos, do exercício profissional e da vida cotidiana sendo tratado de forma transversal as relações de trabalhos e os enfrentamentos à precarização do setor de trabalho do turismo, às desigualdade de gênero, ao sexismo e aos preconceitos.

Quanto as desigualdades nas relações de trabalho foi percebido que na escolha e inserção profissional existe uma desigualdade perante o tipo de formação e o sexo sendo que alguns programas governamentais e de gratuidade na formação caracterizam-se enfrentamentos a lógica desigual por proporcionar a conclusão dos estudos de parte dos entrevistados.

Quanto às desigualdades no exercício profissional constatou-se que no dia a dia da atuação profissional muitos são os desafios enfrentados pelas mulheres como o

tratamento juntos aos passageiros, as relações estabelecidas com os motoristas que são uma classe majoritariamente masculina, o cuidado com os filhos e até a transposição de práticas do trabalho doméstico para o universo empresarial sendo enfrentados através da colaboração entre os profissionais, das redes de apoio existentes em torno das mulheres e da descontinuidade da atuação junto a empresas exploradoras.

Quanto às desigualdades presentes na vida cotidiana as mulheres apresentam uma responsabilidade quantitativamente maior com o cuidado da casa, dos filhos e dos familiares em relação aos homens seja percebido diretamente pelos profissionais ou por suas famílias que assumem as atribuições de cuidado na ausência do/a trabalhador/a para o exercício da profissão sendo que, nessa direção, o primeiro passo para o enfrentamento ao sexismo e ao preconceito é a tomada de consciência da ocorrência e a ação ativa dos atores para modificar esta realidade.

Não se trata portanto de findar o assunto e afirmar que a dinâmica da divisão sexual do trabalho ocorre de uma única maneira no setor de turismo, pelo contrário, esta investigação acrescenta uma perspectiva de discussão e um olhar sobre as práticas sociais dos/as trabalhadores/as do turismo centrada nos processos formativos em educação tecnológica e desdobrada na atuação profissional dos sujeitos de pesquisa. Entretanto, com o decorrer da investigação conseguimos afirmar que o trabalho no agenciamento de viagens é sexista pelo fato das mulheres sofrerem discriminações baseadas no seu sexo biológico.

Destaca-se o papel desta investigação em apresentar detalhadamente a complexidade do setor de turismo e evidenciar com detalhes o lócus de pesquisa, os sujeitos de pesquisa investigados e tornar mais conhecida as suas trajetórias educacionais e trajetórias de vida no trabalho que aqui optamos por denominá-las de carreiras.

Outro fator de grande contribuição nesta pesquisa é a utilização de narrativas de vida em uma abordagem distinta da biográfica ou da que representa a trajetória dos sujeitos, nesta pesquisa as narrativas foram somadas para criar um corpus que não seguiu as respostas cronologicamente mas apresentaram respostas à subcategorias que nos auxiliou a compreender os pontos-chaves do percurso de carreira dos trabalhadores sob um olhar psicossocial por parte das carreiras e etnosociológico por parte da metodologia.

Para que seja possível avançar no campo das ciências humanas e sociais recomendo aos pesquisadores e pesquisadoras que tiverem acesso a esta pesquisa com

sua publicação que explorem, para fins de aprofundamento do tema, possibilidades de pesquisa como

- No âmbito do turismo:
 - Explorar o olhar sexuado na carreira de outros/as trabalhadores/as do setor de turismo;
 - Detalhar e estudar separadamente e, em profundidade, os sujeitos de pesquisa propostos;
 - Pesquisar as trabalhadoras do turismo do sexo feminino que necessitam de contato com categorias profissionais majoritariamente masculinas;
 - Ampliar a interseccionalidade para compreender as desigualdades de mulheres negras³²;
 - Avançar nas investigações sobre a precarização no guiamento;
- No âmbito da educação:
 - Triangular teorias de outros campos do saber para avançar nas pesquisas em educação tecnológica;
 - Ampliar a amostra de análise e compreender se as outras localidades reproduzem as mesmas características formativas;
 - Relacionar os/as trabalhadores/as com segmentos turísticos que contribuem com a educação, como o turismo pedagógico.

Finalizo assim estas considerações afirmando que sigo incomodado e espero que você busque soluções para o que te incomoda.

³² Existe a potencialidade de contemplar abordagens sobre as masculinidades tóxicas no setor de turismo

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Nely Wyse. Formação profissional para o turismo diante de um novo mundo. In: CARVALHO, Caio Luiz de (Org.); BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros (Org.). *Discussões e propostas para o turismo no Brasil: observatório de inovação do Turismo*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2006.
- ABELLAN, Núria; IZCARA, Carla; SALVADOR, Marta. Una mirada feminista a los impactos de la crisis de la COVID-19 y el turismo. In: CAÑADA, Ernest; MURRAY, Ivan (ed.). *#TourismPostCOVID19*. Turistificación confinada. Colección Turismos. n° 7. Barcelona: Alba Sud, 2021. p. 171-180
- ABREU, Carina Vasconcellos. *O curso técnico em guia de turismo na Faculdade Senac Porto Alegre/RS (2012 – 2015)*. Orientadora: Maria Helena Câmara Bastos. 2015. 264 f. Tese (Doutorado em Educação) – Escola de Humanidades, PUCRS, Porto Alegre, 2015.
- ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ALVES, Giovanni. *Trabalho e neodesenvolvimento: choque de capitalismo e nova degradação do trabalho no Brasil*. – Bauru: Canal 6, 2014. 216 p.
- CASULO, Ana Celeste; ALVES, Giovanni. *Precarização do trabalho e saúde mental: o Brasil da Era Neoliberal*. Bauru: Projeto Editorial Praxis, 2018. 140 p.
- ALVES, Kerley dos Santos. Trabalhar no turismo: entre afetos e (im)potências de agir. *Revista Ateliê do Turismo*, Campo Grande, v. 1, n. 2. p. 16-30, jul-dez, 2018.
- ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho* 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. (org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BARBIERI, Elisangela Gonçalves. *A Educação Tecnológica: um conceito em questão no Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG*. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.
- BARRETO, Rosália Elizabete. *Efetividade social na política de educação profissional de nível tecnológico: o caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFCE*. 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Fortaleza/CE, 2010.
- BERTAUX, Daniel. La perspectiva etnosociológica. In D. Bertaux. *Los relatos de vida: perspectiva etnosociológica*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005. p. 15-34.
- BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BICALHO, Thiago E. F.; ALMEIDA, Myrma L. F.; QUIRINO, Raquel. Divisão sexual do trabalho nas produções científicas brasileiras: cenário das abordagens científicas nos programas de pós-graduação em educação entre 2009 e 2019. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL TRABALHO, RELAÇÕES DE TRABALHO, EDUCAÇÃO E IDENTIDADE, 8, 2020, Belo Horizonte. Anais eletrônicos [...] Belo Horizonte: Appos, 2020. p. 207-219. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.47930/1980-685x.2020.2813>. Acesso em: 18 ago 2021.

BICALHO, T. E. F.; ALMEIDA, M. L. F.; GAUDÊNCIO, E. K.; GUIMARÃES, A. V. Mulher e identidade profissional: processos educativos, relações sociais de sexo e o mundo do trabalho. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, [S. l.], v. 2, n. 21, p. e12656, 2021. DOI: 10.15628/rbept.2021.12656. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/12656>. Acesso em: 19 jun. 2022.

BONELLI, Maria da Glória. Os desafios que a juventude e o gênero colocam para as profissões e o conhecimento científico. In: FERREIRA, Cristina Araripe (Org.). *Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio*. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010. p. 107-119.

BONELLI, Maria da Glória; BARBALHO, Rennê Martins. O profissionalismo e a construção do gênero na advocacia paulista. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n° 2, p. 275-284, jul./dez. 2008.

BONFIM, Mailane Vinhas de Souza. Por uma pedagogia diferenciada: uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. *Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica*, v. 12, n° 1, p. 114 – 129, jan/abr. 2010.

BOTTOMORE, Tom (Ed.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. *Decreto nº 3.890, de 01 de janeiro de 1901*. Approva o Código dos Institutos Officiaes de Ensino Superior e Secundario, dependentes do Ministério da Justiça e Negocios Interiores. Capital Federal, 1901

BRASIL. *Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909*. Crêa nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Rio de Janeiro, 1909.

BRASIL. *Lei nº 6.545, de 30 de junho de 1978*. Dispõe sobre a transformação das Escolas Técnicas Federais de Minas Gerais, do Paraná e Celso Suckow da Fonseca em Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências. Brasília, 1978.

BRASIL. *Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008*. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupações: CBO*. 3a ed. v. 1. Brasília: MTE, SPPE, 2010. 828 p.

BRASIL. *Lei nº 12.591, de 18 de janeiro de 2012*. Reconhece a profissão de Turismólogo e disciplina o seu exercício. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. *Catálogo nacional de cursos superiores de tecnologia*. 3ª ed. Brasília: Ministério da Educação, 2016. 194 p.

BRASIL. Ministério da Educação. *Histórico da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil*. 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/68731-historico-da-educacao-profissional-e-tecnologica-no-brasil> Acesso em: 14 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Economia. KPMG. Guia de Retomada Econômica do Turismo - Resumo executivo. Brasília: Ministério da Economia, 2021a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. *Catálogo nacional de cursos técnicos*. 4ª ed. Brasília: Ministério da Educação, 2021b. 194 p.

BRUSCHI, Valeria; MUZZUPAPPA, Antonella; NUSS, Sabine; STECKNER, Anne; STÜTZLE, Ingo. Mais Marx: material de apoio à leitura d'O capital, Livro I. Tradução: Luiz Mariano de Campos. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

CABRAL, Dorcas Santos. *Turismo rural comunitário e a questão de gênero: o caso das assentadas rurais de Chapadinha-DF*. 2017. 112 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CAÑADA, Ernest; MURRAY, Ivan. Turistification confinada. In: CAÑADA, Ernest; MURRAY, Ivan (ed.). *#TourismPostCOVID19*. Turistificación confinada. Colección Turismos. nº 7. Barcelona: Alba Sud, 2021. p. 14-81

CARVALHO, Ártemis Barreto de. *Webquest no facebook: uma experiência no curso técnico em guia de turismo do IFS usando uma rede social como ambiente de ensino-aprendizagem online*. 2013. 223 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Cristóvão-SE, 2013.

CATRAMBY, Teresa Cristina Viveiros; COSTA, Stella Regina Reis da. Qualificação Profissional em Turismo como Fator de Competitividade do Setor. *Caderno Virtual de Turismo*, nº 3, v. 4, p. 26-34, 2004.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (vol. 1). Petrópolis: Vozes, 1994.

CHIMENTI, Silvia; TAVARES, Adriana de Menezes. *Guia de Turismo: o profissional e a profissão*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

CINTRA, Josiane Costa. *Psicologia organizacional e do trabalho I*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.

CISNE, Mirla. *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2014

CORREA, Jonilson Costa. *Educação, turismo e hotelaria: percepções dos egressos do curso de hotelaria da universidade federal do maranhão sobre sua formação e o mercado de trabalho*. 2018. 191 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

COSTA, Luciano Rodrigues. SANTOS, Yumi Garcia dos. O “relato de vida” como método das ciências sociais - Entrevista com Daniel Bertaux. *Tempo Social*, v. 32, nº 1, p. 319-346, 2020.

CUNHA, Daisy Moreira. LAUDARES, João Bosco. Trabalho: um objeto transdisciplinar esperando reconhecimento. In: CUNHA, Daisy Moreira. LAUDARES, João Bosco. (Orgs.). *Trabalho: diálogos multidisciplinares*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 239 p.

- DUARTE, Teresa. *A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)*. CIES e-Working Papers, Lisboa, n. 60/2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2TtpUxV>>. Acesso em 1 mar. 2020.
- FILGUEIRAS, Vitor; CAVALCANTE, Sávio. Um novo adeus à classe trabalhadora? In: ANTUNES, Ricardo (org.). *Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0*. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 159-178.
- FLICK, Uwe. Conceito de Triangulação. In: FLICK, Uwe. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 57-75.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GIBSON, Heather J. Gender in Tourism: Theoretical Perspectives In: APOSTOLOPOULOS, Yorghos; SÖNMEZ, Sevil; TIMOTHY, Dallen J. (ed.). *Women as producers and consumers of tourism in developing regions*. Westport, CT: Praeger, 2001. p. 19-43
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GRINSPUN, Mírian Paula Sabrosa Zippin. Educação tecnológica. In: GRINSPUN, Mírian P. S. Z. (org.). *Educação tecnológica: desafios e perspectivas*. 3º ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- HIRATA, Helena; KÉRGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, 2007, p. 595-609.
- HIRATA, Helena. Tecnologia, Formação Profissional e Relações de Gênero no Trabalho. *Revista Educação & Tecnologia*, n. 6, p. 144-156, 2003.
- HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. *Sociologias*, v. 21, pág. 24-41, 2009.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. *Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2017*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. (2021). Estatística de gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. *Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica*. nº 38. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-degenero-indicadores-sociais-dasmulheres-no-brasil.html> Acesso em: 05 mar. 2022.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT. *Histórico - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações*. 2019. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Content/history>. Acesso em: 28 out. 2019.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. *Sistema de Informações sobre o Mercado de Trabalho no Setor Turismo – SIMT*. Brasília, 2022.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. *Relatório com as estimativas da caracterização da ocupação formal e informal do turismo, com base nos dados da RAIS e da PNAD 2013, para o Brasil e regiões*. Brasília: Ministério do Turismo; IPEA, 2015.

IPETURIS - Instituto de Pesquisas, estudos e capacitação em turismo. *Caracterização do setor de agenciamento de viagens*. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/30fsw6M> Acesso em: 06 set. 2022.

JOHANN, Morgana Dias. *A formação dos guias de turismo do campus Florianópolis-Continentes do Instituto Federal de Santa Catarina: uma análise com enfoque educacional ciência-tecnologia-sociedade (CTS)*. 2018. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis, 2018.

KANGERSKI, Fabiana de Agapito; COSTA, Cristine Ferreira; AMORIM, Telma Pires Pacheco. Educação profissional em hospitalidade e lazer no IFSC - Câmpus Garopaba: subsídios para a formação de um itinerário formativo. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 9., 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2012.

KÉRGOAT, Danièle. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, Marta J. M. MEYER, Dagmar E. WALDOW, Vera R. (orgs.). *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 19-27.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 883-903, Dec. 2013.

LIMA, Elidiani Domingues Bassan. Formação de guias de turismo nacional e internacional: uma proposta de curso a distância. 2007. 120f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Informação e Comunicação na Formação de EAD) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Informação e Comunicação na Formação de EAD, Brasília, 2007.

LOPES, Sabrina Fernandes Pereira; QUIRINO, Raquel. Relações de Gênero e Sexismo na Educação Profissional e Tecnológica. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, Curitiba, v. 10, n. 36, p. 58-71, jul./dez. 2017a.

LOPES, Sabrina Fernandes Pereira; QUIRINO, Raquel. Relações de gênero na educação profissional e tecnológica: escolha das alunas do CEFET-MG. IN: WOMEN'S WORLDS CONGRESS & SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 13. & 11., 2017, Florianópolis. *Anais Eletrônicos...* Florianópolis: 2017b.

MARQUES, Waldemar; DARN, Telma; IMAMURA, Mariana. O profissional do Turismo - formação superior e trabalho. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 12, n. 2, p. 336-344, maio/ago. 2018.

MARTINS, Antônio C. P. *Ensino Superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais*. Acta Cirúrgica Brasileira, v. 17, nº 3, 2002.

MASSARI, Cristina. O observatório de inovação no turismo. In: CARVALHO, Caio Luiz de (Org.); BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros (Org.). *Discussões e propostas para o turismo no Brasil: Observatório de inovação do Turismo*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2006.

MATIAS, Marlene. *Turismo: formação e profissionalização (30 anos de história)*. Barueri: Manole, 2002.

- MEIRA, Celso Maciel de. Curso técnico em turismo: aproximações e distanciamentos dos documentos oficiais a partir de um estudo de caso. 2013. 91 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- MEIRA, Celso Maciel; KUSHANO, Elizabete Sayuri; HINTZE, Hélio Cesar. Apontamentos históricos sobre a profissão de guia de turismo. *Revista de Turismo Contemporâneo – RTC*, Natal, v. 6, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2018.
- MINAYO, Maria C.S. Entre vôos de águia e passos de elefante: caminhos da investigação na atualidade. In: MINAYO, Maria C.S.; DESLANDES, Suely F. (orgs). *Caminhos do Pensamento: epistemologia e método*. (Coleção Criança, mulher e saúde) Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.
- MOESCH, Marutschka. *A produção do saber turístico*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- MOONEY, Linda A. *Problemas sociais: uma análise sociológica da atualidade* São Paulo: Cengage Learning, 2016. 670 p.
- MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.
- NASCIMENTO, Lerisson C.; BONELLI, Maria da Glória. Carreiras acadêmicas no Brasil: o caso do jornalismo. *Tomo*, São Cristóvão/SE, nº 15, p. 83-107, jul./dez. 2009.
- NASCIMENTO, Sara Diniz. Precarização do trabalho feminino: a realidade das mulheres no mundo do trabalho. In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 3, 2014, Paraná. *Anais...*
- NERI, Marcelo Cortes (coord.). *A educação profissional e você no mercado de trabalho*. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010. 173 p. Relatório.
- NETTO, José Paulo. BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução crítica*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- NICOLAU, Tamara Silva. Construção do conhecimento do turismo: competências necessárias para o exercício da profissão do turismólogo. 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo)—Universidade de Brasília, 2015.
- NUNES, Mirelle Barcos. *Trajetórias educacionais e profissionais de egressos do Curso Técnico em Guia de Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Restinga (Porto Alegre, RS, Brasil)*. 2018. 234 f. Orientadora: Mônica de la Fare. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2018.
- OBSERVATÓRIO DO TURISMO DE MINAS GERAIS. *Boletim do emprego no turismo*, ano 4, ed. 41, junho 2019. Disponível em: <https://seturmng.wixsite.com/observatorioturismo/boletim-do-emprego-no-turismo> Acesso em: 07 set. 2019.
- OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. *Inc. Soc.*, v. 5 n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011.
- OLIVEIRA, D. A.; BRANGION, A. R.; RIBEIRO, L. P. Representações sociais de gênero: a inserção da mulher em atividades profissionais consideradas 'masculinas'. *Revista Científica Sensus: Administração*, v. 4, p. 04-22, 2014.

OLIVEIRA, Fernando Meloni de. Trabalho em turismo e suas diferenças regionais no Brasil. In: MORETTO, Amilton; KREIN, José Dari; POCHMANN, Marcio; MACAMBIRA, Júnior (orgs.). *Economia, Desenvolvimento Regional e Mercado de Trabalho no Brasil*. Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do Trabalho; Banco do Nordeste do Brasil; Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho, 2010. p. 177-219.

OLIVEIRA, Patrícia Whebber Souza de. Construção de identidades profissionais: da formação profissional à vivência da inserção no mercado de trabalho. *Revista LABOR*, nº 6, v. 1, p.344-362, 2011.

PINTO, Geraldo Augusto. A organização do trabalho no século XX: taylorismo, fordismo e toyotismo. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

PRAUN, Luci; ANTUNES, Ricardo. A demolição dos direitos do trabalho na era do capitalismo informacional-digital. In: ANTUNES, Ricardo (org). *Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 179-192.

PREVITALI, Fabiane Santana; FAGIANI, Cílon César. Trabalho digital e educação no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo (org). *Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 217-236.

QUIRINO, Raquel. Divisão Sexual do Trabalho, Gênero, Relações de Gênero e Relações Sociais de Sexo: aproximações Teórico-Conceituais em uma Perspectiva Marxista. *Trabalho & Educação*, v. 24, p. 229-246, 2015.

QUIRINO, Raquel. *O processo de elaboração da pesquisa acadêmico-científica*. Belo Horizonte: CEFET-MG; FORQUAP, 2017. 34p. Apostila.

QUIRINO, R.; GONÇALVES, B. de O. Estratégia de resistência em interlocução com a Divisão Sexual do Trabalho: o diferencial feminino com vistas a romper as barreiras de gênero. *REVES - Revista Relações Sociais*, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 12778–01, 2021. DOI: 10.18540/revesv4iss2pp12778-01-10e. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/12778>. Acesso em: 17 jun. 2022.

REJOWSKI, Mirian. *Tesouro brasileiro de turismo*. São Paulo: ECA-USP, 2018. 257 p.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 12, nº 2, p. 203-216, 2009.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. Sistematização das principais narrativas produzidas sobre carreira na literatura especializada. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 14, nº 2, p. 177-189, 2013.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. *Carreiras - Novo Olhar Socioconstrucionista para um Mundo Flexibilizado*. Curitiba: Juruá, 2014. 196 p.

ROCHA, Saulo Barroso. Canais de distribuição do turismo na era da tecnologia da informação. In: CARVALHO, Caio Luiz de (Org.); BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros (Org.). *Discussões e propostas para o turismo no Brasil: Observatório de inovação do Turismo*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2006.

RODRIGUES, Jorge Manuel Sousa de Abreu. O papel dos GAL (Grupos de Ação Local) no modelo de turismo pós 2020. In: FIGUEIRA, Luís Mota; OOSTERBEEK, Luiz. *Turismo*

Mundial, Crise Sanitária e Futuro: visões globais partilhadas. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, 2020. p. 107-118

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

ROMÃO, Filipe Miguel da Silva. O impacto do COVID-19 no Turismo Receptivo – a Perspectiva da HighSun DMC. In: FIGUEIRA, Luís Mota; OOSTERBEEK, Luiz. *Turismo Mundial, Crise Sanitária e Futuro: visões globais partilhadas*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, 2020. p. 57-63

ROSSO, Sadi Dal. *O ardil da flexibilidade: os trabalhadores e a teoria de valor*. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

SANTOS, Cristiane Sousa de Araújo dos. *Qualidade de vida no trabalho: o caso de trabalhadores(as) do turismo na hotelaria de Caldas Novas-GO*. 2018. 131 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SCHMITZ, Letícia Marieli; ANTUNES, Maria Júlia Minella; FERNANDES, Larissa Regis. Estudo do perfil dos egressos dos cursos técnicos do eixo tecnológico turismo, hospitalidade e lazer do IFCatarinense. IN: FICE - FEIRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO, 6., 2015, Balneário Camboriú. Anais Eletrônicos... Balneário Camboriú: 2015. Disponível em: http://www.camboriu.ifc.edu.br/wp-content/uploads/2017/07/2015_trab0022.pdf Acesso em: 07 jun. 2019.

SILVA, Marina Chaves. Conceitos de Educação Profissional e Tecnológica nas dissertações do Mestrado Educação Tecnológica do CEFET-MG. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 146. 2021.

SILVA, Sabina Maura. Educação tecnológica: a formação pela atividade cientificamente orientada. In: COSTA, Maria A (org.). *Ensino e pesquisa na educação profissional e tecnológica: concepções e diversidades*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J. Relações entre gênero e mercado de trabalho de turismólogos em Minas Gerais. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 109-125, abr. 2016.

SOARES, Maria Lúcia da Silva. *O mercado profissional do turismo e os egressos do Curso Técnico em Eventos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA/Campus Belém*. 2012. 163 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

STEIL, Andrea Valéria. Organizações, gênero e posição hierárquica - compreendendo o fenômeno do teto de vidro. *Revista de Administração*, v. 32, n. 3, p. 62-69, 1997.

SUPER, Donald E.; HALL, Douglas T. *Career Development: exploration and planning*. *Annual Review of Psychology*, v. 29, nº 1, p. 333-372, 1978. Disponível em: doi:10.1146/annurev.ps.29.020178 Acesso em: 08 mar. 2022.

SWAIN, Margaret Byrne. Gender in tourism. *Annals of Tourism Research*, v. 22, nº 2, p. 247-266. 1995. Disponível em: doi:10.1016/0160-7383(94)00095-6 Acesso em: 07 mar. 2022.

TOLEDO, Cecília. *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*. 2.ed. São Paulo: Sundermann, 2008.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Reflexões sobre a regulamentação profissional em turismo. In: CARVALHO, Caio Luiz de (Org.); BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros (Org.). *Discussões e propostas para o turismo no Brasil: observatório de inovação do Turismo*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2006.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; CARVALHO, Mariana Aldrigui. Reflexões sobre a regulamentação profissional em turismo. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 3., 2005, Caxias do Sul. Anais Eletrônicos... Caxias do Sul: UCS, 2005. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt13-reflexoes.pdf>. Acesso em: 07 set. 2019.

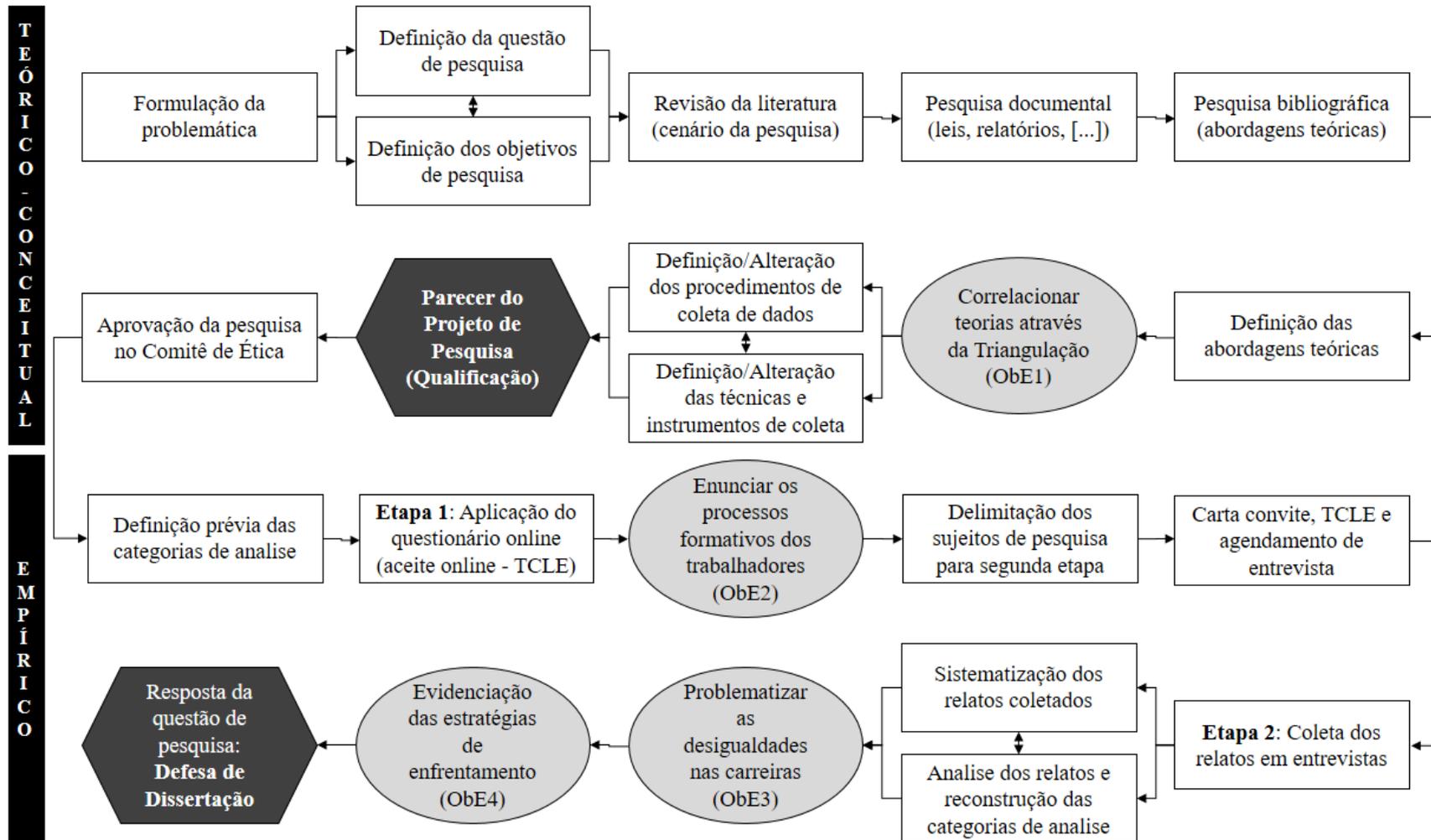
WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL. *Brazil Annual Research: Key Highlights*. 2021. Disponível em: <https://wttc.org/Research/Economic-Impact/moduleId/704/itemId/77/controller/DownloadRequest/action/QuickDownload> Acesso em: 28 mai. 2022

YANNOULAS, Silvia Cristina (org.). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Editorial Abaré, 2013.

ZETTERMANN, Gabriel Dunchatt; VERGARA Lizandra Garcia Lupi. O Guia de Turismo: uma abordagem legal sobre uma profissão no Brasil. *Turismo: Visão e Ação*, v. 19, n. 1, p. 185-215, 2017.

ZETTERMANN, Gabriel Dunchatt. *A atividade do guia de turismo: contexto de trabalho e aspectos ergonômicos*. 199 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2018.

APÊNDICE A – Fluxograma do caminho metodológico



APÊNDICE B – Relação de Teses e Dissertações com dois ou mais descritores associados

Nome	Instituição	Nível	Ano da Defesa	DESCRITOR TURISMO ASSOCIADO COM				
				Educação Profissional e Tecnológica	Educação Tecnológica	Educação Profissional	Trabalho	Divisão Sexual do Trabalho
Formação de Guias de Turismo Nacional e Internacional: uma Proposta de Curso a Distância	UFC	Dissertação de Mestrado	2007					
Efetividade social na política de educação profissional de nível tecnológico: o caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFCE	UFC	Dissertação de Mestrado	2010					
O mercado profissional do turismo e os egressos do Curso Técnico em Eventos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA/Campus Belém	UNB	Dissertação de Mestrado	2012					
Webquest no facebook: uma experiência no curso técnico em guia de turismo do IFS usando uma rede social como ambiente de ensino-aprendizagem on line	UFS	Dissertação de Mestrado	2013					
Curso técnico em turismo: aproximações e distanciamentos dos documentos oficiais a partir de um estudo de caso	UTFPR	Dissertação de Mestrado	2013					
Construção do conhecimento do turismo: competências necessárias para o exercício da profissão do turismólogo	UNB	Dissertação de Mestrado	2015					
A formação dos guias de turismo do campus Florianópolis-Continentes do Instituto Federal de Santa Catarina: uma análise com enfoque educacional ciência-tecnologia-sociedade (CTS)	UFSC	Dissertação de Mestrado	2018					
Educação, turismo e hotelaria: percepções dos egressos do curso de hotelaria da universidade federal do maranhão sobre sua formação e o mercado de trabalho	UFMG	Tese de Doutorado	2018					
Qualidade de vida no trabalho: o caso de trabalhadores(as) do turismo na hotelaria de Caldas Novas-GO	UNB	Dissertação de Mestrado	2018					

APÊNDICE C – Cursos de educação profissional e tecnológica no eixo turismo, hospitalidade e lazer

	Formação	Campo de Atuação	Ocupações CBO associadas
Téc nic as	Agenciamento de Viagem	Agências de viagens e operadoras turísticas. Agências de intercâmbio e de câmbio. Empresas de e-commerce da área do turismo. Transportadoras. Cruzeiros e embarcações turísticas. Grupos e empresas corporativas. Entidades privadas e órgãos públicos	Operador de turismo (3548-10) Agente de viagem (3548-15)
	Eventos	Empresas de eventos e cerimonial. Meios de hospedagem. Clubes sociais e esportivos. Órgãos públicos e entidades privadas. Cruzeiros e embarcações turísticas. Restaurantes e bufês. Outros espaços de eventos	Organizador de evento (3548-20) Cerimonialista (3548-25)
	Gastronomia	Restaurantes. Lanchonetes. Bares. Eventos. Catering. Cozinha industrial. Meios de hospedagem. Cruzeiros marítimos e embarcações turísticas. Demais estabelecimentos que oferecem refeições	Cozinheiro em Geral (5132-05)
	Guia de Turismo	Agências de viagem. Operadoras turísticas. Museus. Centros culturais. Parques naturais e temáticos. Organizações públicas e privadas do segmento do turismo. Transportadoras turísticas. Atividades autônomas	Guia de Turismo (5114-05)
	Hospedagem	Hotéis. Resorts. Pousadas. Motéis. Hostels. Cruzeiros e embarcações turísticas. Flats. Condomínios residenciais. Shoppings. Empreendimentos de hospedagem compartilhada e acampamentos. Estabelecimentos de saúde. Parques temáticos. Plataformas de petróleo. Trens.	Recepcionista de Hotel (4221-20) Governanta de hotelaria (5131-15) Mordomo de hotelaria (5131-10)
	Lazer	Meios de hospedagem. Restaurantes. Clubes. Brinquedotecas. Buffets e espaços de realização de eventos e festas. Empresas de eventos. Parques temáticos, de diversão e aquáticos. Cruzeiros marítimos. Espaços públicos de lazer. Espaços culturais. Shoppings. Acampamentos. Espaços de jogos eletrônicos. Estabelecimentos de saúde. Instituições de ensino	Recreador (3714-10).
	Serviços de Restaurante e Bar	Bares. Restaurantes e demais estabelecimentos de serviços do setor de alimentos e bebidas. Cruzeiros marítimos e embarcações turísticas. Meios de hospedagem	Chefe de bar (5101-30). Maître (5101-35). Cumim (5134-15) Garçom (5134-05)
Su per ior es em Tec nol ogi a	Superior de Tecnologia em Eventos	Clubes e associações de turismo, esporte, lazer e cultura. Centros culturais. Centros de convenções. Embaixadas e consulados. Empresas de hospedagem. Empresas de organização de eventos. Órgãos públicos de turismo, esportes, lazer e cultura. Parques temáticos, aquáticos e cruzeiros marítimos. Instituições de Ensino, mediante formação requerida pela legislação vigente.	Coordenador de eventos (1311-15). Tecnólogo de evento (3548-20).
	Superior de Tecnologia em Gastronomia	Centros gastronômicos. Embaixadas e consulados. Empresas de hospedagem, recreação e lazer. Hospitais e Spas. Indústria alimentícia. Parques temáticos, aquáticos, cruzeiros marítimos. Restaurantes comerciais, institucionais e industriais, catering, bufês e bares. Instituições de Ensino, mediante formação requerida pela legislação vigente.	Tecnólogo em gastronomia (Gastrônomo) (2711-10). Chefe de cozinha (2711-05).
	Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo	Agências de Turismo. Centros Gastronômicos. Companhias Aéreas. Cruzeiros marítimos. Empresas de eventos. Empresas de Hospedagem, recreação e lazer. Empresas de planejamento, desenvolvimento de projetos, assessoramento técnico e consultoria. Órgãos públicos com atuação na área. Instituições de Ensino, mediante formação requerida pela legislação vigente.	Tecnólogo em gestão de turismo (1415-25). Operador de Turismo (3548-10).
	Superior de Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer	Clubes e associações esportivas e recreativas. Empresas de hospedagem. Empresas de turismo. Empresas organizadoras de eventos. Instituições de Ensino, mediante formação requerida pela legislação vigente.	Dir. de serviços culturais (1311-05). Dir. de serviços sociais (1311-10). Ger. de serviços culturais (1311-15). Ger. de serviços sociais (1311-20).
	Superior de Tecnologia em Hotelaria	Associações de turismo e hotelaria. Centros gastronômicos. Condomínios comerciais, industriais e residenciais. Empresas de eventos e lazer. Hotéis, pousadas, albergues, resorts e similares. Hospitais e spas. Parques temáticos, aquáticos e cruzeiros marítimos. Restaurantes, bares e catering. Instituições de Ensino, mediante formação requerida pela legislação vigente.	Tecnólogo em Hotelaria (1415-05). Administrador de empresas de hospedagem (1415-05).

Fonte: Adaptado de Brasil (2016; 2021)

APÊNDICE D – Informações pertinentes a dissertação

Como referenciar (Norma ABNT NBR 6023:2018):

BICALHO, Thiago Eduardo Freitas. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO AGENCIAMENTO DE VIAGENS: formação, carreiras e atuação profissional. 2022. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: SEXUAL DIVISION OF LABOR IN THE TOURISM SECTOR: professional training, careers and resistance strategies

Palavras chaves em inglês: Technological education. Tourism. Sexual division of labor. Career. Tourism and hospitality professionals

Área de concentração: Educação Profissional e Tecnológica

Titulação: Mestre em Educação Tecnológica

Banca Examinadora:

Raquel Quirino (Orientadora)

Kerley dos Santos Alves (UFOP)

Angela Teberga de Paula (UnB)

Data da Defesa: 13/12/2022

Programa de Pós-graduação: Educação Tecnológica

Identificação e informações acadêmicas do autor

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3289-1955>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3400737056863248>

E-mail: thiagoe.bicalho@gmail.com